MARIO DE ANDRADE
A. | II
d | 42

BRAZILIA

BIBLIOTHECA NACIONAL

DOS

MELHORES AUCTORES ANTIGOS E MODERNOS

PUBLICADA

Sob os Auspicios de S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

I

ALVARES DE AZEVEDO

OBRAS

DE

MANOEL ANTONIO

ALVARES DE AZEVEDO

PRECEDIDAS

Do Juizo critico de escriptores nacionaes e estrangeiros

E DE UMA NOTICIA SOBRE O AUCTOR E SUAS OBRAS

POR

J. NORBERTO DE S. S.

SETIMA EDIÇÃO

TOMO PRIMEIRO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71-73, RUA DO OUVIDOR, 71-73
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIZ

JH23

MA
863.908
A99H0
1ª edição
v. 1

INTRODUCÇÃO

ADVERTENCIA

SOBRE A QUARTA EDIÇÃO

Editam-se de novo e pela quarta vez as obras de Alvares de Azevedo, graças a aceitação que têm merecido do publico e a necessidade de satisfazer os reiterados pedidos dos apaixonados de tam mavioso poeta.

Tendo de renovar a impressão das obras do mallogrado poeta, entendeu o seu editor-proprietario que deveria dar mais regularidade a collocação das materias, uniformisando a presente edição (1) e submettendo-a ao plano adoptado para as obras que constituem a collecção que, sob o titulo *Brasilia bibliotheca dos melhores autores antigos e modernos,* eu e elle começamos a publicar já ha alguns annos e que até o presente não tem tido o desenvolvimento que almejavamos por

(1) Vejam-se as notas no fim desta Introducção.

obstaculos que sobrepujam os maiores esforços e torcem as melhores intenções, sendo pena que, materiaes ajuntados com tanto esmero e diligencia, a poder de despezas e não pequeno consummo de precioso tempo para mim, fiquem ahi ao desamparo e esquecidos, sem que possam ser empregados no monumento erigido ás lettras nacionaes e á memoria de seus collaboradores.

Figuram no primeiro volume d'estas, alem da introducção e das peças elegiacas sobre o poeta, as suas ***Poesias diversas*** e o ***Poema do frade***.

No segundo volume reuni todas as tres partes que compõe a *Lyra dos vinte annos*, que na ultima edição saltava do primeiro para o terceiro volume.

No ultimo volume estão as obras escriptas em prosa, comprehendendo os estudos litterarios e dramaticos, discursos academicos, orações funebres e cartas dirigidas a um de seus mais intimos amigos.

A *Introducção* das primeiras edições, devida a penna do Sr. Dr. Jacy Monteiro, figura agora n'esta ultima como fazendo parte do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e o seu *Discurso biographico*, lido em sessão solemne do Gymnasio brasileiro, acha-se no fim das *peças elegiacas* relativas ao distincto poeta.

Orna a presente edição o retrato do autor com o *fac-simile* da sua assignatura.

Revi com todo o cuidado a ultima edição e corrigi os erros e faltas que escaparam ao revisor de Paris.

II

JUIZO CRITICO

DOS ESCRIPTORES NACIONAES E ESTRANGEIROS

Alvares de Azevedo!

Eis ahi um nome que deve de ser escrito em caracteres de ouro no marmore da Historia da litteratura; eis ahi um nome que deve de viver, viver muito, aquecendo a nós outros — mancebos que demandamos a estrada do progresso, caminheiros que tomamos por norte a palavra de Byron, o labarum da civilisação — *Away!* e que procuramos tornar esta terra em que vimos a luz ao primeiro descerrar dos olhos — invejada das nações mais cultas da velha e vaidosa Europa.

Alvares de Azevedo

E no emtanto morreu tão moço, tão moço, quando

risonha lhe despontava a manhã, quando sentia a fronte escaldar-lhe o fogo santo do genio, quando tinha no vasto craneo em ebullição um milhão de idéas a crear e desenvolver ainda!

Morreu tão moço! flôr da primavera, crestou-a o *simoun* do destino, que emmurchecêo-lhe as petalas côr de ouro e sem viço e sem seiva tombou á beira do regato, que arrastou-a em sua correnteza.

E quão vasta que era aquella fronte! e quão fecunda que era aquella imaginação! Fadára-o Deus para destinos bem altos; mas, meteoro brilhante, cortou por um momento as nuvens e esvaeceu-se no nada da morte, no silencio da lousa.

E hoje prantêa-o uma familia, que vive de sua gloria; e hoje chora-o seu pae, seu pobre pae, de que era o orgulho bem legitimo; e hoje chorão-n'o as lettras de nossa terra, a que tanto e tão vivo impulso em tão pouco tempo dera.

Que fado é o das lettras entre nós! Junqueira Freire morrêo ao despontar-lhe a primavera da existencia; Alvares de Azevedo, tambem como elle, foi arrastado no torvelinho da morte, que lhe cortou os vôos.

Resignemos-nos.

Prophetas da civilisação, apostolos da luz lançarão a semente fecundante em seu perpassar na terra; pois bem, reguemol-a nós outros, obreiros do progresso, com o suór de nosso rosto, e oxalá que arvores frondosas e fructos doces e viçosos venhão abençoar

nossas noites de insomnia, nossas accepções e amarguras.

Estrellas scintillantes a luzirem no céo, sejão elles nosso norte, e levantemos-lhes estatuas e engrinaldemos-lhes as frontes nos traços vivos de nossos arroubos e inspirações.

A terra de Bueno e dos Andradas, e onde pela primeira vez soára a vóz vibrante do principe guerreiro — que nos dêo fóros de livres, foi o berço de Alvares de Azevedo.

S. Paulo, a patria de tantos heroes que a Historia canta, illuminou com seu reflexo dourado a fronte infantil do mancebo poeta.

E a criança, que balbuciava apenas, cresceu e tornou-se o arbusto verdejante, que se foi cobrindo de folhas que o vento agita, de flôres que perfumão a brisa.

Rapidos forão seus progressos nos primeiros ramos dos conhecimentos humanos, o laurel de bacharel em lettras pelo imperial Collegio de Pedro II lhe ornou a fronte, infantil ainda e os primeiros lampejos do genio começarão a sahir d'aquelle cerebro inspirado.

E voltou a S. Paulo a conquistar a carta de bacharel em direito.

Foi ahi que lhe nascerão a maior parte d'essas composições admiraveis, d'esses rasgos estrepitosos do genio; foi ahi que illustrou o espirito e viu incendida a imaginação na leitura aturada, constante, reflectida e sisuda dos principaes classicos — poetas e prosadores

da litteratura franceza, ingleza, allemaneitaliana; foi ahi que se inspirou no incessante meditar da Biblia, de Ossian, de Lamartine, de Shakspeare, de Tasso, de Gœthe, de Uhland, de Chénier e sobretudo do Byron inimitavel, companheiro constante de suas noites de ardente insomnia, de seus dias passados no silencio do gabinete.

Foi n'esses poetas brilhantes ou sombrios, n'essas leituras fantasticas e tristes, no delirar do Dante e nos gritos de desespero de Gilbert que adquiriu Alvares de Azevedo essa eloquencia apaixonada, essa linguagem tão do coração, esse estylo melancholico, impregnado de doce suavidade, de arrebatamentos delirosos, que tanto impressionão a quem os lê.

Como tanto escreveu e em tão pouco tempo, para nós é mysterio ainda. Tres volumes de bellas producções ahi vão publicados e material bastante ainda tinha para mais.

E para escrever tanto e tão bem, e para ostentar essa profusão immensa de conhecimentos variados, essa erudição profunda da antiga e moderna litteratura, que a cada passo, a cada momento se depara em suas obras, que de tempo não era preciso, que gastar de horas, que consumir de dias!

E não era só n'isto que se empregava Alvares de Azevedo. Cultivando a litteratura amena e facil, intelligencia poetica, delirante, e inspirada culto tambem votava ás sciencias aridas que formão o objecto do

curso que seguia. Primeiro entre os primeiros era elle nos bancos da Academia de S. Paulo e os compendios de que se servia achão-se cheios de notas extensas, de reflexões tão bem cabidas e profundas, que farião honra aos mais abalisados e distinctos jurisconsultos. Conhecia perfeitamente o Direito Mercantil e a obra que folheou, como estudante, acha-se tão annotada que só as reflexões ahi contidas fornecerião materia para um bom volume.

E apesar d'esse offegar constante de trabalho, d'esse estudar continuo, d'esse escrever sem interrupção e sem descanço ainda restava-lhe tempo para desenvolver na esperançosa mocidade que o rodeava — o gosto pelas lettras, as aspirações da gloria.

Mas tanto afan, tanto lidar de noite e dia alquebrava-lhe o corpo delicado; e o joven arbusto pendia a haste para a terra, ao sôpro violento do furacão. Muita vez ao trabalho fatigante de um dia e dous e tres, sem trégoa, sem interrupção, vinha-lhe a prostração e o desalento e a pallidez das faces e o bater fraco e sumido do pulso indicavão o abatimento e a diminuição das forças

E demais, á prostração do corpo vinha juntar-se o desalento d'alma. O coração tem presentimentos, cuja origem ignoramos, mas que nem por isso deixão de ser infalliveis como as sentenças lavradas no livro mysterioso do destino.

Perseguia incessante ao joven poeta — a idéa de

que cêdo, muito cêdo seria arrancado da terra que pisava, indo dormir no silencio lugubre da campa o somno de finados.

E tão joven morrer!... Morrer, deixando lagrimas a sua pobre mãi que amava-o tão de dentro d'alma, a seu pae, a seus irmãos que lhe admiravão o genio e se orgulhavão d'elle!

E perseguia-o essa idéa dia e noite, no silencio do gabinete, á sós com suas reflexões, e no ruido das festas, na vertigem da valsa.

E de sua alma, que assim padecia, e d'esse desalento terrivel da vida, que lhe comprimia o peito, tirava essas notas dolentes e sentidas, ou esses gritos profundos, stridentes, que não podemos ler sem que horrivel calafrio nos venha gelar o sangue.

E morreu : o arbusto virente que se debruçava a beira do regato vio cahir uma per uma as folhas que lhe formavão a coma, as flôres que perfumavão a brisa, e deixando tambem pender a fronte foi arrebatado pelo impulso da correnteza.

« — Que fatalidade, meu pae! »

Foi o ultimo adeos do moribundo, a saudade legada a nós outros, seus companheiros, soldados de que era o chefe.

E morreu!... E o sol da litteratura patria annuveou o semblante, e o anjo da gloria desdobrando as azas candidas lhe cobrio o semblante que desbotara a morte.

Que importa! Morrerá por ventura o genio que illumina? Alvares de Azevedo pertence a essa raça de homens que vivem sempre nas paginas immorredouras da historia.

« A sua perda, diz o Sr. Lopes de Mendonça, é d'aquellas que se devem deplorar, como um funesto acontecimento para a situação e progresso das lettras. Era um talento innovador, que não limitaria a sua ambição a percorrer as veredas conhecidas, que alcançaria novos horizontes, impellido pelo fogo da sua inspiração e tambem pela madureza de seus estudos. »

« Ha vocações que reproduzem os prodigios das sibyllas antigas. Prophetizam involuntariamente sobre a tripode e deixam-se arrastrar pelo enthusiasmo de suas proprias palavras. O joven poeta não cantava, sómente para que as turbas se deixassem commover pela harmonia dos seus cantos, cantava porque lhe ardia no peito um fogo devorador, porque a sua alma ebria e palpitante lhe accendia a imaginação e como lhe intimava que traduzisse aos outros a magia dos seus sonhos, o fervôr dos seus desejos, o esplendido irradiar da sua esperança. »

Digamos algumas palavras a respeito do escritor, e, deixando de parte tudo quanto se tem escrito sobre este ponto, vamos emittir nossas proprias reflexões.

Não é um artigo de critica o que fazemos ahi; não vamos tão longe que cançaremos no caminho: o que

escrevemos são puramente nossas impressões e não nos peção mais do que isto.

Alvares de Azevedo pertence a essa escola romantica em que avultão as figuras gigantescas de Shakspeare, Byron e Lamartine.

Estudando-os a todos esses grandes mestres, seu estylo possue essa grandeza mascula de idéas, essa elevação de pensamentos, essa belleza de phrase que causão arrebatamento e prazer.

Lendo muito Byron, demasiado talvez, vemos n'elle, em seus pensamentos, em suas imagens, esse delirio febricitante, esse arroubo de idéas, esses rasgos apaixonados, freneticos e violentos que caracterizão o autor do Don Juan.

Como é bello esse estylo facil e natural que o caracteriza! e que grandeza nos pensamentos! que elevação na phrase! que d'inspirações brilhantes de sensibilidade e d'imaginação! Ora semelha o gemido dolorido, a explosão da dôr nas profundidades do peito, e depois prorompe em uma gargalhada estridente, frenetica, que coalha o sangue e eriça os cabellos.

O estylo de Alvares de Azevedo na poesia, alêm de original, é facil, natural, ameno, deslisando-se suave, sem affectação e sem esforço. Nem sempre escoimado de gallicismos, elle o é porém d'esse purismo ridiculo de muitos que,querendo á risca seguir os conselhos de Filinto Elysio, cahem no excesso contrario.Não ha ahi esse estudo forçado de phrase, esse estylo immensa-

mente castigado e tão castigado e tão limado que, á força d'escovadelas perde aquelle brilho, aquelle colorido, aquelle avelludado brilhante, aquelle perfume balsamico emfim, como tantos exemplos et de bem acreditados escritores poderiamos apresentar.

Defeitos tem—n'os elle por certo,mas inteiramente proveniente da soffreguidão com que escrevia, do pouco tempo que teve para limar e polir o que lhe sahira da fronte escaldada — n'essas noites de delirio e de vigilias. Ha sómente a natureza, somente o lampejo fulgurante do genio,aquillo que a arte podia fazer, o que competia á reflexão:—não lhe dêo tempo a vóz do archanjo do exterminio.

Mas como bello é mesmo assim em seus defeitos! Como agrada aquelle deleixo, aquelle abandono que ás vezes se lhe nota no estylo! Como cala aquella suprema poesia que transpira de suas palavras, quando canta ou a mulher que o inspira, ou as flores dos campos, o canto das aves, o vento do céo, o ciciar da brisa, o silencio da noite e a luz pallida e desmaiada da lua! Como sabia dizer tão bem as affecções do peito as emoções sentidas d'alma!

Cultivando com gosto e felicidade a musa joco-seria, ainda não pôde até agora ter muitos imitadores.

Muitos tem tentado semelhante tarefa, mas os resultados pallidos e frios de seus tentamentos tem-n'os feito recuar desanimados. Aquelle bello spécimen, a que denominou de — *spleen e charutos*, tem attra-

hido a attenção de todos e os esforços de muitos, mas até agora ninguem, que o saibamos, tem chegado á altura á que elle subiu n'aquellas jocosas producções, em que a naturalidade resalta. Falta-lhes a inspiração e a espontaneidade, a idéa e a linguagem, o sentimento e o vigor que possuia Alvares de Azevedo.

Na prosa é seu estylo pomposo, colorido, cheio de rasgos e de lampejos, como traços scintillantes de luz no meio do espaço e algumas de suas producções são verdadeiros poemas — não metrificados.

Imaginação de fogo era ás vezes demasiado arrojado em suas idéas e em suas opiniões. Para prova ahi estão algumas de suas poesias.

Cremos que si o poeta vivesse e tentasse dar-lhes a luz da publicidade, certo que lhes modificaria, não o estylo, que é bello e grandioso, mas o arrojo do pensamento, o arrojo das idéas.

Temos terminado esta desalinhada introducção; mas, como dissemos, não foi nosso fim fazer um artigo critico-litterario: escrevemos o que sentimos e nada mais.

Em nosso coração de moço, que não descrê do futuro d'esta terra tão bella, tão bem fadada, erguemos culto santo á memoria de Alvares de Azevedo. Sentiamos necessidade de alguma cousa dizer e escrevemos.

Que nos desculpem, pois, os criticos; quantos aos outros — cremos que nos comprehenderão.

D. Jacy Monteiro.

Alvares de Azevedo é o cysne da poesia *byronica* personificada n'um homem fraco e em cujo peito a paixão devorava uma alma pura. Amou no idealismo o que na realidade não achou quem lhe recompensasse. O enthusiasmo de sua intelligencia subia ao palacio para descer á taverna mais insignificante. Percorreu todo o mundo feminino e não encontrou um só peito que entendesse o seu: era que elle não nascera para a terra! Só encontrou os beijos vendidos da messalina das ruas ou os peitos frios de mulheres que não o comprehendiam. Então foi poeta: escreveu, e escreveu em dous volumes o que muitos talentos não escreveriam em vinte. Cantou essa *Noite na Taverna*, tão cheia de poesia e onde o espirito do leitor recua de horror em cada pagina que lê. Seu espirito percorria o mundo inteiro; via as mulheres mais bellas da Italia em torno de si, em quanto sua penna percorria com velocidade o papel, onde escrevia não tudo, porém parte de seus sublimes pensamentos.

Leu muito e, quando em Byron apreciava essa melancholia e descrença do cantor do *Child-Harold*, regosijava-se de achar um peito igual ao seu.

Depois d'esta luta, entre a paixão e o indifferentismo que encontrava, descreu; e a dôr d'esta terrivel molestia em breve o sepultou nas frias lages do tumulo onde repousa tranquillo das lides da vida humana. Repousa, ó poeta! que foi longo o teu soffrer sobre a terra! (3).

W.

Conheceis nada mais triste do que um poeta que morre na aurora e no brilhantismo de um esplendido futuro? Dar de face com um cypreste, gemendo lugubremente sobre um tumulo, quando se esperavam encontrar corôas de louro e grinaldas de flores, não é por ventura um espectaculo desolador?

Para que veio a mão da morte pousar sobre a fronte altiva do que anciava conquistar a gloria? Que sonhos phantasticos, que ignorados poemas, que deslumbrantes inspirações não pereceram com esse ente, pallido e moribundo, despedindo-se, entre lagrimas, dos affectos que mais o prendiam na vida?

Manuel Antonio Alvares de Azevedo, poeta brasileiro, cujas poesias posthumas viram a luz em 1853 no Rio de Janeiro, era um talento de primeira ordem, uma d'aquellas vocações omnipotentes, que revelam, desde o berço, os fecundos dons do genio. Morto no anno de 1852, só um anno depois é que o Brasil pôde deplorar a perda de uma das suas mais esperançosas illustrações.

E o poeta tinha o presentimento da sua morte prematura! Entre os delirios de sua alegria, vem sempre pousar um pensamento melancholico, uma vaga aspiração de que a sua passagem na terra ha de ser fugitiva e rapida.....

« Eu deixo a vida como deixa o tedio
Do deserto, etc. »

Esta poesia tem por titulo *Lembrança de morrer* e

não é a unica que manifesta os seus dolorosos presentimentos. *Se eu morresse amanhã* é tambem uma saudosa despedida aos prazeres da vida, o revoar prophetico para as sombrias regiões da morte.

As suas poesias dividem-se em duas partes: n'uma, que elle proprio intitulou: —*Lyra dos vinte annos*, inseriu todas as inspirações de sentimento, todos esses sonhos de uma phantasia, ao mesmo tempo terna e excentrica. A segunda parte revela ternamente a vasta instrucção que possuia em tam curta idade. Conhecia todos os poetas modernos, e nas suas invenções, apesar de incompletas, denuncia a proxima lição dos auctores inglezes — desde Shakspeare até Byron. Era um poeta d'este seculo, percebendo a fundo as suas aspirações e tendencias. A sua musa, graciosa e facil, verte o *humour* n'uma versificação descuidosa e deleixada. *Nos Bohemios, acto de uma comedia não escripta*, ha vivacidade e movimento, qualidades dramaticas, estylo ligeiro e solto, ironia fina e penetrante.

Mas quem não applaudirá o seu esperançoso talento n'esta poesia que vamos citar, em que a ternura da sua alma se une estreitamente ao vago sonhar de uma imaginação absorvida nas delicias do ideal?

« Na praia deserta que a lua branqueia,
Que mimo! etc. »

Poderiamos inserir muitos rasgos de admiravel inspiração, mas para quem ama e percebe as delicadezas

da arte, basta este para conceituar o joven poeta, que tão cedo abandonou uma carreira de gloria e foi dormir o somno eterno com a donzella que os seus magoados suspiros invocavam!

Sem querer ferir de modo algum os talentos vivos, não podemos deixar de suppor entretanto que Manuel Antonio Alvares de Azevedo tomaria como poeta um dos primeiros logares na litteratura de Portugal e do Brasil, se tão cedo não deixasse este mundo.

A sua perda é d'aquellas que se devem deplorar como um funesto acontecimento para a situação e progresso das lettras. Era um talento innovador que não limitaria a sua ambição a percorrer as veredas conhecidas, que alcançaria novos horizontes, impellido pelo fogo da sua inspiração e tambem pela madureza dos seus estudos

Ha vocações que reproduzem os prodigios das sibyllas antigas. Prophetizam involuntariamente sobre a tripode e deixam-se arrastar pelo enthusiasmo das suas proprias palavras. O joven poeta não cantava sómente para que as turbas se deixassem commover pela harmonia dos seus cantos, cantava porque lhe ardia no peito um fogo devorador, porque sua alma ebria e palpitante lhe accendia a imaginação e como lhe intimava que traduzisse aos outros a magia dos seus sonhos, o fervor dos seus desejos, o esplendido irradiar da sua esperança.

Estamos politicamente separados do Brasil: a colonia

forte e poderosa emancipou-se e fundou um imperio florescente e vasto. Portuguezes, o amor da patria não nos torna surdos á voz dos principios humanitarios. Era justo que a tutela acabasse e que as immensas regiões do Novo Mundo, livres e independentes, podessem desenvolver a sua actividade e completar os seus destinos. Mas é em nome dos antigos laços, que estreitamente nos uniram, que não podemos deixar de observar com desvanecimento os progressos e o esplendor d'essa nação que falla a mesma lingua, em cujas veias corre o mesmo sangue e cujas tradições mais gloriosas tambem pertencem á nossa historia. Vocações, como a do Sr. Antonio Gonçalves Dias, como a do jovem poeta, expirando na aurora de seu talento, testemunham eloquentemente a vitalidade da nação brasileira. Portuguezes, não podemos deixar de ter orgulho de ver a nossa lingua acordando maviosamente os echos d'aquellas ridentes campinas e d'aquellas copadas florestas; e se nos faltassem outros estimulos de fraternidade, bastava esta inevitavel communhão das lettras para destruir rivalidades, pouco proprias da mutua dignidade de duas nações que, por assim dizer, nasceram no mesmo berço (4).

A. P. Lopes de Mendonça.

As obras de Alvares de Azevedo são bem conhecidas e a rapidez com que se esgotou a primeira edição

dá eloquente e significativo testemunho do apreço que lhes liga o publico brasileiro, de sorte que, ocioso fôra quanto sobre ellas quizessemos dizer. Além d'isso, a recordação de um estudioso mancebo que, fallecendo aos 20 annos, nos deixou tres volumes de escriptos seus, ataria as mãos á critica severa.

E estudioso e amante das lettras era Alvares de Azevedo: d'isso nos são irrecusavel prova as suas obras. Na idade em que a mocidade corre desenfreada atrás dos prazeres ruidosos, encontrava elle os seus no remanso do gabinete, lia, meditava e legava-nos, por escripto, uma prova dos seus *estudos litterarios*, que, sem querermos inculcar como seguros todos os juizos proferidos, apontaremos sómente como monumento da applicação de um joven, cuja perda temporã seria para sentil-a a mais rica litteratura.

Em tão verdes annos não podia Alvares de Azevedo deixar-nos nem no fundo, nem no estylo um padrão para apresentar-se como modelo aos que carecem ainda de formar o gosto, incapazes de discernir o bello verdadeiro dos senões menos dignos de se imitarem; mas ha nas obras do mal fadado moço muito com que fazer esquecer os defeitos que uma idade mais madura e a continuação do estudo terião por sem duvida corrigido, e esse muito as torna credoras de um lugar de honra na estante dos amigos das lettras patrias.

Como todos os genios predestinados tinha Alvares de Azevedo um presentimento claro e distincto da sua

morte proxima, e essa triste certeza derramava-lhe uma melancholia suave e resignada sobre todas as suas trovas, até sobre aquellas em que o poeta fazia esforços por se mostrar folgazão e faceto. Ha nestas o que quer que seja que mais faz chorar do que rir. É verdade que para isto tambem concorre involuntariamente a constante ideia da lamentavel morte do poeta.

Leão-se estas palavras de um mancebo nascido para altos destinos, reflicta-se que esses primeiros cantos de que elle falla forão tambem os ultimos e sejão severos se poderem :

« São os primeiros cantos de um pobre poeta. Desculpai-os. As primeiras vozes do sabiá não têm a doçura dos seus canticos de amor.

« É uma lyra, mas sem cordas; uma primavera, mas sem flores; uma corôa de folhas, mas sem viço.

« Cantos espontaneos do coração, vibrações doridas da lyra interna que agitava um sonho, notas que o vento levou — como isso dou a lume estas harmonias.

« São as paginas despedaçadas de um livro não lido.... « (5).

?.....

Encore enfant, il avait montré ses dispositions et son amour passionné pour la poésie; mais son penchant se développa durant les quatres dernières années de sa vie, à l'école de droit de S. Paulo, avec une rapi-

dité fébrile, provenant à la fois de son état maladif et du pressentiment qu'il avait du peu de temps qui lui était donné pour se faire un nom dans les lettres, but de toute son ambition. Azevedo dévorait les œuvres des premiers poètes de toutes les nations, mais ses écrivains de prédilection étaient les romantiques français modernes, Victor-Hugo, Alfred de Musset, Lamartine, et, avant tout, Byron. Enflammé par les œuvres de ces grands hommes, poussé par son génie, aiguillonné par un désir inouï de créer, il consacrait non-seulement les loisirs que lui laissaient ses études, mais souvent les nuits entières à écrire ses inspirations. C'est ainsi qu'on peut expliquer la masse de poésies qu'il a composées dans les dernières années de sa vie. En ayant égard à la manière dont elles ont été conçues, on pourra sainement juger ce génie prématuré, qui produisit avec une chaleur de serre-chaude, et qui devait si tôt se flétrir. Un fait digne de remarque et très-caractéristique, c'est qu'Azevedo, malgré cette passion pour la poésie, ne s'en livrait pas moins avec zèle à l'étude aride de la jurisprudence. Ses connaissances dans le droit romain et le droit commercial surtout étaient si étendues que, non-seulement ses professeurs lui donnèrent les meilleurs témoignages, mais que des praticiens consommés le consultèrent, et son père lui fit prendre part aux affaires du barreau.

Azevedo était fort attaché à son père, à ses frères et sœurs, avant tout à sa mère. La pensée de la douleur

que causerait à celle-ci sa mort prématurée, le remplissait de la mélancolie la plus profonde, et vint augmenter encore son penchant naturel à la tristesse. Lorsque l'heure de l'éternelle séparation arriva, il pria sa mère de se retirer, se dressa sur son séant, s'appuya sur la poitrine de son frère, saisit la main de son père, la baisa, lui jeta un dernier regard plein de la plus amère douleur, et rendit le dernier soupir en prononçant ces paroles : « Quelle fatalité, mon père! »

Le plus beau monument que pouvait lui ériger son père, c'était la publication de ses œuvres. Un an après sa mort parut à Rio-Janeiro, en 1853, la première édition en deux volumes ; elle fut bientot épuisée, et la seconde, augmentée d'un volume, vit le jour en 1862.

Azevedo lui-même avait préparé un choix de ses poésies lyriques, et voulait les publier sous le titre de *Lyra dos vinte annos*. Il ne devait pas les voir imprimées. Ce recueil et quelques autres productions du même genre remplissent tout le premier volume de l'édition que nous avons devant les yeux, et la plus grande partie du troisième.

Ce sont bien les épanchements lyriques d'un cœur qui déborde, agité par l'amour et l'ambition, par un amour tantôt idéal et rêveur, tantôt cherchant les jouissances et plein d'une ardeur toute sensuelle, tantôt se livrant à des plaintes sur un bonheur insaisissable, tantôt, enfin, s'énivrant de brûlants baisers.

C'est ce que devaient produire dans une imagination si ardente les symptômes d'une mort prochaine, et à la fois le désir de jouir d'une vie si courte. Ajoutons-y l'ambition de montrer sa supériorité, l'assurance d'un esprit qui plane bien au-dessus des idées vulgaires sur l'existence, et qui veut surpasser des écrivains aussi consommés que Byron et Alfred de Musset, ces blasés de bon ton, habitués à regarder ironiquement le monde de la hauteur de leur talent, ces débauchés de génie! — Nous voyons percer dans cette œuvre une véritable nature de poète, qui met au jour son talent original, malgré toutes les influences extérieures et même dans ses erreurs.

Les belles poésies *Anjos do mar*, *A cantiga do sertanejo*, véritable hymne des forêts brésiliennes, et *Crepusculo no mar*, montrent combien Azevedo avait su comprendre la poésie de la nature et la pénétrer du feu de ses passions. A côté de productions idéales nous trouvons une tendance réaliste et ironique qui rappelle presque Heine, comme dans le *Vagabundo* et dans *É ella*! Mais la disposition élégiaque de son âme, produite par le pressentiment d'une mort prématurée, perce dans la plupart de ses poésies; ce pressentiment forme même le sujet de quelques-unes de celles qui sont le mieux senties, comme le *Doze de setembro*, jour de sa naissance, production si caractéristique pour l'état de son âme, surtout la IVe strophe, dans *Lembrança de morrer* et *Se eu morresse amanhã!* Ce

sentiment cherche même avec l'ironie du désespoir, avec ce cynisme qui n'appartient qu'à Heine, à se moquer de lui-même, à s'étourdir, comme dans la curieuse poésie *O poeta moribundo*. En revanche, Azevedo est saisi de la tristesse la plus déchirante quand il pense à la séparation de sa mère, qu'il aimait pardessus tout, et à qui il a consacré une de ses plus belles productions — *A minha mãe*!

Ces poésies lyriques expriment tellement la vie la plus intime d'Azevedo, qu'elles portent toutes plus ou moins l'empreinte de l'originalité, quoique on y remarque souvent l'influence de ses lectures et surtout de ses écrivains de prédilection. On y sent si peu le travail, elles sont écrites avec tant de verve que l'impression totale fait oublier les imperfections de détail, les fautes de versification, la diction souvent maniérée, une rudesse quelquefois recherchée, etc.

Mais l'influence corruptrice des romantiques modernes et de Byron, les défauts que nous venons d'énumérer ressortent bien plus dans les poèmes d'Azevedo, qui sont naturellement plus objectifs. La manie qu'a leur auteur de vouloir surpasser ses maîtres en scepticisme, en mépris des hommes, en spirituelle rouerie, en cynisme enfin fait souvent de ces poèmes de véritables caricatures dont l'impression est fort pénible. On s'afflige de voir se perdre dans la fange une nature si bien douée, qui pouvait s'élever jusqu'aux cieux. Citons comme exemples ses poésies épico-lyriques : *Um ca-*

daver de poeta, *Gloria moribunda* (qui a pour sujet la mort scandaleuse du célèbre poète portugais Bocage) et *O Poema do frade*, production en cinq chants, en partie en *ottave rime*, en partie en *sextilhas*. C'est une imitation du *Don Juan* de Byron que le poète lui-même a très-bien nommée le produit « d'une insomnie amenée par le spleen et accompagnée des convulsions de l'ironie. » On peut rapprocher de ces derniers écrits quelques scènes dramatiques, ainsi les *Bohemios*, *acto de uma comedia não escripta*, en vers et d'un *humour* forcé, *Macario* et *Noite na taverna*, en prose et qui ont pour héros de vraies caricatures à moitié Faust, à moitié Don Juan, radotant comme des fous et exposant aux regards un cynisme dégoûtant. Leurs expressions sont à la fois d'une sentimentalité recherchée et d'une rudesse de mauvais goût, la diction est maniérée. Le poème lui-même a également fort bien jugé ces productions.

Azevedo a, en outre, écrit en prose quelques discours de circonstance, des critiques de *Jacques Rolla* d'Alfred de Musset, de l'*Aldo* de Georges Sand, enfin un petit travail sur la littérature portugaise. Quelques pensées ingénieuses y percent avec peine un véritable chaos de phrases, de citations, de comparaisons et de paradoxes : la diction et le style sont maniérés.

Par bonheur, *La Lyre de Vingt ans*, où sont exprimées avec tant de vérité les amours, les aspirations et la tristesse d'Azevedo, couvre de sa voix puissante ces

fautes du poète, et sa gloire future n'en recevra aucune atteinte (6).

FERNANDO WOOLF.

Acommettido de doença grave na idade de cinco annos, não poderam os soccorros da medicina restituir-lhe de todo a saúde, ficando desde então fraco e valetudinario. Superiores aos do corpo foram comtudo os progressos do espirito, depois que aos nove annos entrou em um collegio do Rio de Janeiro, onde fez os primeiros estudos, tomando em 1847 o grau de bacharel em lettras. Matriculado no curso juridico da academia de S. Paulo, que seguiu com distincção, repartia o tempo entre o estudo da jurisprudencia e o cultivo da poesia, a que o chamava uma vocação irresistivel, fomentada pela leitura dos mais afamados modernos, merecendo-lhe particular predilecção as obras de Byron, Gœthe e Victor Hugo. Já ia começar o quinto e ultimo anno da sua carreira escolastica, quando, assaltado desde algum tempo de uma sombria tristeza, precursora do ultimo fim, a morte o atalhou, expirando aos 25 de abril de 1852, após quarenta e cinco dias de penoso padecimento, entre as lagrimas de uma familia inconsolavel! (7).

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

Discipulo de Byron, educado na descrença d'Alfredo de Musset, alistou-se Alvares de Azevedo na legião dos que amaldiçoam o mundo antes de conhecel-o, e mostram-se gafos antes do trabalho. Foi esta uma lamentavel tendencia que impregnou do fel do scepticismo os cantos d'um poeta mancebo, cujo futuro com purpureas nuvens desenhava-se nos paramos da gloria (8).

Conego J. C. Fernandes Pinheiro.

Aos vinte annos, na quadra risonha das illusões da vida, quando o coração estremece ao impeto de generosos affectos, quando o cerebro, escaldando no fogo da mocidade, sonha todas as brilhantes loucuras da phantasia, crê em todas as chimericas e enganadoras promessas do mundo, quando finalmente a gloria, essa mentirosa e fatal culpada de tantos sacrificios incruentos, acena com todas as suas seducções e embriaga com seus osculos voluptuosos a temerarios, que lhe pedem o baptismo da immortalidade, deve ser muito doloroso descer lentamente, sem forças no corpo e sem esperanças na alma, immovel e frio por entre as agonias do soffrimento e do desespero, á estação final da morte. E no entanto foi esta a sorte de Alvares de Azevedo. Morreu quando parece que devia principiar a viver (9).

Emilio Zaluar.

III

NOTICIA

SOBRE O AUTOR E SUAS OBRAS

LIDA EM UMA DAS SESSÕES DO INSTITUTO HISTORICO BRASILEIRO NO ANNO DE 1872.

Aos vinte annos de existencia appareceu e finou-se um grande poeta. Mallograram-se em seu ultimo suspiro as esperanças apenas concebidas, e, para prova testemunhal do que deveria ser, eis ahi o legado immenso de seu talento : — os cantos de sua juventude!

Estrella d'alva, que apenas brilha em sua ligeira e fulgente madrugada, Manuel Antonio Alvares de Azevedo alvoreceu na aurora de sua vida. O fulgurante meteoro consumiu-se no espaço devorado pelas chamas que o abrilhantavam, depois de illuminar o rastro

da passagem com os raios de seu esplendor, e deixar admirados os que o viram passar tam rapidamente, como os corceis de fogo da tempestade.

Ligou-se á celebridade de que tinha de gozar a fama de seu berço natal; e a patria laureada de Amador Bueno, dos Gusmões e dos Andradas lhe coube por herança. Repetiram-lhe os vagidos da infancia os mesmos echos que resoaram com o brado do Ypiranga e que proclamaram ao mundo a existencia de mais um grande imperio.

Orgulha-se pois a cidade de S. Paulo em poder contal-o como seu filho, e, por uma circunstancia fortuita mas que não deixa de ser notavel, nasceu o joven poeta no edificio do curso juridico e na propria sala que lhe servia de bibliotheca. Eram 2 horas da tarde do dia 12 de setembro de 1831, e os estudantes. que sahiam das lições, ouviram os vagidos do recem-nascido, e alguns d'entre elles auguraram-lhe o destino quando diceram : — « Temos mais um estudante! »

Dous annos depois vinha elle para a cidade do Rio de Janeiro na companhia de seus paes, o Dr. Ignacio Manuel Alvares de Azevedo e D. Maria Luiza Silveira da Motta, e conservou até a idade de seu primeiro lustre aquella robustez infantil, que lhe dava a saúde que tivera até então, quando um quadro luctuoso veio commovel-o profundamente. Aquelle espectaculo que, ainda na infancia de Henrique Heine, ferira os olhos do sceptico poeta, apresentando-lhe pela primeira vez

entre os seus jogos e risos o phantasma da morte, e patenteando-lhe sobre a eça funebre a companheira de seus brincos pueris, aquelle anjo de innocencia cujo nome passou-lhe dos labios ás paginas dos *Reisebilder*, veio tambem influir em seu organismo e alterar-lhe a saúde para sempre.

Involto nas vestes angelicaes, illuminado pelo baço clarão das tochas, descansava no meio do feretro, entre as flores da primavera e os setins da vaidade seu tenro irmãozinho, que elle apenas tinha visto nos braços maternaes e ao qual na singeleza de sua innocencia queria acompanhar com aquelles trajos de anjo e ir com elle para o céo. Tornou-se o infeliz menino triste e pensativo, como Henrique Heine, quando viu que lhe roubavam aquelle anjinho ás caricias fraternaes. Appareceram symptomas que desinvolvendo-se aggravaram-se mais e mais, e declararam-se depois em violenta febre. A sciencia dos medicos, os cuidados e esforços de seus paes triumpharam da molestia, mas o seu corpo resentiu-se do insulto da enfermidade e nunca mais recobrou o seu vigor.

Deixaram-n'o entregue a natureza e curaram mais do seu desinvolvimento physico do que do intellectual; por isso, desde os seis até aos nove annos pouco ou nem um aproveitamento fez no estudo das primeiras lettras, e só no começo do anno de 1840 entrou para o collegio Stoll, d'esta côrte, onde tornou-se o seu ornamento, — o orgulho de seu mestre, — o alvo da

emulação de seus condiscipulos, — as esperanças de seus paes. Stoll, que havia adquerido no ensino da infancia grande experiencia, além da sua perspicacia, anteviu para logo na agudeza e penetração de espirito do discipulo, a par de um humor risonho e sobretudo da expansão de um coração nobre e generoso, toda a extensão de sua intelligencia, capaz do maior desinvolvimento.

Athleta da intelligencia, Alvares de Azevedo robusteceu as bellas faculdades de sua alma, ornando-a com a conquista das elucubrações e vigilias, e esqueceu o seu desinvolvimento physico. Quando o seu mestre Stoll dava conta a seus paes de sua applicação, dizia sempre que era elle o primeiro entre os estudantes das classes litterarias, e o ultimo da dos exercicios gymnasticos (10).

Durante quatro annos cursou Alvares de Azevedo as classes do collegio Stoll com o maior aproveitamento (11); e pela sua capacidade intellectual e pelos seus estudos era admirado por todos quantos visitaram aquelle afamado collegio (12). Fallando francez e inglez com desembaraço, declamando acerca da historia, discorrendo sobre geographia promettia tanto de si que, o seu preceptor não receiou errar quando asseverou a seu pae que a continuar assim viria a ser seu filho um brasileiro que em algum tempo poder-se-ia medir com as primeiras capacidades européas (12), pois nunca vira na America tanta aptidão como n'elle e na sua idade para as applicações do espirito (14).

Em agosto de 1844 deixou os bancos do collegio em que se tornara tam eminente alumno. Duas circunstancias concorreram para isso. Não só Stoll tinha de deixar o seu estabelecimento, como alguns medicos, que haviam sido consultados, aconselharam a seus paes que o fizesse mudar de clima, pois a sua saúde era cada vez mais precária.

Partiu para S. Paulo, a sua cidade natal, em companhia de seu tio materno o Dr José Ignacio Silveira da Motta, lente do curso juridico, hoje senador do imperior; e ahi, sob as vistas de tam abalisado varão, continuou com muita vantagem os seus estudos, ganhando tambem muito na regeneração de sua saúde. No fim d'esse anno fez os exames de francez, inglez, latim e regressou a côrte para junto de seus paes.

O barão de Planitz, homem extremamente erudito, dado ao estudo das linguas e historia, havia se estabelecido entre nós e era professor no collegio Pedro Segundo, e pois a seu zelo e criterio foi confiado o esperançoso menino afim de poder cursar aquelle afamado estabelecimento e completar alli os preparatorios, e até junho de 1845 tinha elle satisfeito o desejo de seus paes e conseguido matricular-se como interno do 5º anno, sendo approvado nos exames exigidos.

Aos deseseis annos de idade concluia os estudos das bellas lettras e obtinha o grau de bacharel, mas não foi sem difficuldade que Alvares de Azevedo attravessou aquelle noviciado, pois contrariavam-n'o os usos

do internato. A vivacidade de seu genio despontava com todo o seu vigor: o epigramma que se mesclava aos sainetes que animavam-lhe a conversação, como arabescos de seu espirito satyrico, e o lapis caricaturista, que manejava menos mal, tornaram-se em suas mãos uma espada de dous gumes sempre prompta para ferir os empregados do estabelecimento, seu alvo objectivo; e, apesar das suas aptidão e assiduidade, teve por vezes de amaldiçoar a escuridão e o isolamente do carcere do collegio. Longe de dobrarem a altiveza de sua alma, aggravaram a irritabilidade de seu genio, de que resentiu-se a sua saúde já tam precaria e pois trataram de desculpar os pequenos desmandos apadrinhados pelo talento que o caracterizava, e de que davam testemunho inequivoco os condiscipulos, admiradores de suas tentativas poeticas, e os proprios professores que prezavam seus progressos, principalmente nos estudos em que mais se distinguia, como a historia e a philosophia.

Em 1848 partiu Manuel Antonio Alvares de Azevedo para S. Paulo, e no gremio de sua provincia um novo mundo patenteou-se a seus olhos, abriu-se a sua imaginação, e acordou a sua indole. Alli na terra natal cresceu e avigorou-se-lhe a intelligencia, despertada pela seriedade do estudo ou acariciada pela diversão das musas.

A subita mudança da vida sedentaria do internato para a vida um tanto livre de estudante academico

alterou-lhe os habitos e exerceu poderosa influencia na sua maneira de viver n'aquella cidade, que elle descreve com as tintas de sua palheta romantica sem que se importe que as côres sejam por demais vivas e repugnem ao bom senso (15).

Os quadros, que lhe pintavam os versos de Byron, de Gœthe e de Alfredo de Musset e que ainda nos bancos das escolas faziam as suas delicias, apresentaram-se-lhe em scenas reaes; e quando lhe faltavam essas scenas o poeta as reproduzia na imaginação, rememorando as pinturas predilectas e traduzindo-as em suas poesias, ou narrações romanescas, abrilhantadas pelo vigor de seu pincel, que excedia-se muitas vezes dos limites traçados pela decencia.

Era por isso que preferia a cidade de S. Paulo á do Rio de Janeiro, apesar da terra natal não se revestir do esplendor da vegetação luxuriante da altiva Guanabara, onde as tardes tem o matiz purpurino e as flores o perfume da primavera e da esperança (16). Lá na serra as noites com seu ar mimoso, ao menos para elle, eram mais suaves com as suas aventuras amorosas do que as noites do céo italiano, e aquella côr sombria, proveniente de seu manto nebuloso, bem se assemelhava a pallida vida e ao somno innocente da donzella adormecida no deserto (17).

Sentado nos bancos da faculdade juridica, Alvares de Azevedo nem mediu forças, nem calculou tempo; sacrificou tudo ao estudo levado além das raias do possivel

« Ha uma cousa, dizia elle escudado com a autoridade de Agostinho Thierry, que vale mais do que os gozos materiaes, mais que a fortuna, mais que a saúde mesma — o sacrificio á sciencia! (18). » Estudou profundamente o direito romano, como a origem de todos os direitos, e o Codigo do commercio, ainda ha pouco sanccionado, já elle o sabia de côr e para logo analysou-o, confrontando-o com os codigos estrangeiros. Juizes competentes admiravam seus notaveis conhecimentos em diversos ramos das sciencias sociaes (19). Advogados distinctos e até seu proprio pae o consultavam durante as ferias, e entregavam-lhe causas importantes; e os seus trabalhos, que apenas necessitavam dos retoques da phraseologia da praxe, eram coroados pelas decisões dos tribunaes (20).

E esses successos longe de detel-o, enthusiasmavam-n'o ainda mais e convidavam-n'o a redobrar de esforços : arcava com a saúde e pensava que o seu triumpho não era uma derrota, como as victorias de Pyrrhus.

Fatigado com o estudo das sciencias atirava-se á litteratura. Na sua cabeça turbilhonava um mundo de idéas, desembryonava-se uma litteratura inteira. Seu cerebro parecia enfermo, sempre inflammado e ardente com a febre que o devorava, como essas noites de verão descriptas por elle em que a lua avermelhada não lança luz no céo escuro, nem a briza bafeja o ar com os seus halitos (21). Era Torquato Tasso com as epopéas, ou

Lope de Vega e Calderon com as suas numerosas comedias a lhe bulharem na mente (22). Ainda tão moço, já se considerava rei na critica, e julgava as velhas e modernas litteraturas, vendo em torno de si tudo pequeno — o genio e seus primores. A aguia ainda em seu ninho media a abalada das aves magnanimas, e achava-se com força para lançar-se no páreo e ir perder-se no gremio dos trovões.

Apesar das seducções que lhe offerecia a cidade de S. Paulo com seus prazeres e distracções não multiformes, como nas grandes capitaes, mas concentrados na sensualidade que mais arrasta a mocidade a perigosas aventuras, entregou-se Alvares de Azevedo, sem descanço, noite e dia, a seus estudos; e, durante todo o primeiro anno, aproveitou as horas vagas, entregando-se especialmente em manusear os poetas britanicos, imitando o *Othello* de Shakspeare e traduzindo a *Parisina* de Byron. Compoz tambem por esse tempo muitas poesias ligeiras, algumas no gosto de Queiroga, que alli havia deixado, com a fama de seus talentos, as suas elegantes e mimosas composições eroticas, e outras paraphraseadas de Henrique Heine; traçou as scenas principaes do drama Conde Lopo, do qual apenas nos restam pequenos fragmentos; e começou um romance, meio em prosa e meio em verso, que deixou em borrão inlegivel pela pressa com que compunha e a rapidez com que escrevia (23)

A vida de estudante passou-a elle com todos os seus

episodios extravagantes e aventuras amorosas, sem que a interrompesse e se entregasse á seriedade da existencia, que era para elle a terra de promissão, desejada mas nunca conseguida. Tinha a sua disposição os melhores livros que seu pai lhe remettia do Rio de Janeiro a seu pedido, satisfazendo a sêde de leitura que o devorava, ventura de que não gozou Casimiro de Abreu; a cabeceira de seu leito podia conhecer-se, como a de Alexandre, pelos poemas de Homero, Dante, Shakspeare, Byron, Musset e Heine: eram os seus poetas de predilecção sem exceptuar a Biblia(24)

A amizade era uma das paixões que elle mais cultivava. « Bom amigo, modesto e agradavel, diz o Sr. Dr. Macedo, ninguem o tratou que o não ficasse estimando (25) ». Como Gonçalves Dias incensava a mente com a doce lembrança que só seus amigos eram seus prazeres, e que sómente elles seriam os seus amores. O Sr. Dr. Luiz Antonio da Silva Nunes, hoje distincto advogado, foi o depositario dos seus intimos segredos, e, na correspondencia que com elle entreteve, encontram-se os mais interessantes pormenores sobre a sua vida academica (26). Os Drs. Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa, este ultimo roubado ainda em flôr ás esperanças da litteratura, eram os collaboradores com que no livro *As tres lyras* devia confundir as suas inspirações (27). Respeitava os seus preceptores e os contava no numero de seus amigos; assim conservou sempre do barão de Planitz a mais grata lembrança (28).

Sentados, elle e seus amigos de em torno á meza, confidente de seus intimos segredos, allumiados apenas por um candieiro, que era o astro de suas inspirações, misturando o fumo de seus cachimbos, conchegados pela amizade, unidos pelos estudos, tocando os seus copos de cognac, saboreando o ponche da noite de inverno, compunham versos humoristicos, liam uns aos outros as suas composições, applaudiam-se, animavam-se, mais felizes do que quando as recentes mensalidades lhes teniam nos bolsos, e as levavam ao turbilhão das dansas dos logares equivocos e ás sensações do *lasquenet* (29).

Alegre, risonho e folgazão em sua infancia, tornou-se melancolico na mocidade, talvez devido á concentração de suas idéas e a solidão a que se entregava as mais das vezes para fortificar o seu espirito e cultivar a sua razão, o que, segundo elle, o ia tornando misanthropo como Rousseau. O *spleen*, que elle descreve melhor do que um inglez (30) e que o acommettia nas insomnias do genio, quando a fada nocturna, a santa inspiração, abandonando-o deixava de vir beijar aquella esplendida cabeça, promettedora de tanto futuro (31), combatia-o elle com o fumo de seu charuto, com as libações do cognac, mais por imitação de Byron ou de Alfredo de Musset do que por necessidade real (32), pois o seu cerebro ainda fresco não precisava de excitações ardentes para produzir, como esses estomagos inertes que só funccionam á força de causticas especiarias.

O presentimento de seu proximo fim, concorreu tambem para aggravar ainda mais essa pesada melancolia. Ralava-o a saudade dos amigos; e a dura lembrança de quanto a sua morte seria sentida por sua mãi, ella que já definhava com as suas tristezas (33), o precipitava n'um abysmo de dôres. Procurou o joven poeta convencer-se a si mesmo da puerilidade d'essa idéa fixa, combater os pensamentos lugubres em que a seu pezar engolfava-se-lhe a alma, arrastada para esse terrivel *maelstron*, e reagir contra a fatalidade que lhe parecia mais um capricho inexplicavel da imaginação enferma do que uma previsão de seu raciocinio tirada de justas illações.

Leva-se a mal que poetas tam moços caiam nos queixumes lacrimosos dos byronianos, mas seriam elles em Alvares de Azevedo pura imitação? A sua alma não padeceria com as visões do espectro que lhe impellia o berço para tam proximo da campa? Não foi para distrahir-se que elle buscou, como Henrique Heine, a facecia e compoz em tom humoristico muitas poesias? E ainda assim a terrivel idéa, como o esqueleto no festim dos Egypcios, vinha mesclar-se aos pensamentos de sua musa humoristica (34).

Das idéas abstractas passou-se o poeta para o campo da realidade, e buscou e achou as maiores distracções lançando-se no turbilhão dos prazeres e das insanias, que o deixaram impressionado por longo tempo e entregue a seus amores ideaes, loucas visões (35), as

quaes no delirio de sua imaginação passavam ainda escandecentes para as paginas de seus dramas, romances e poesias (36); e essas esplendidas orgias, descriptas por elle, em que figuram os vinhos de Hespanha, que reanimam as pallidas voluptuosas de Italia e as Americanas morenas, cujos beijos tinham o perfume vertiginoso das magnolias e o ardor do sangue meridional (37), não eram mais do que essas noites com seus mysterios calabrios e eleusinios de que nos falla o Sr. Dr. Couto de Magalhães (38).

Era durante as ferias e quando vinha para o Rio de Janeiro rever seu pae, sua mãi e irmã, objectos tam caros a seu coração, que Alvares de Azevedo atirava-se aos seus estudos predilectos com uma voracidade inexcedivel, sobrepujando as proprias forças, mas nunca tanto como no pequeno espaço decorrido entre o fim do anno de 1849 e principio de 1850. Em tres mezes escreveu mais de duzentas paginas de um romance, sete cantos de dous poemas, as analyses de *Jacques Rolla* de Alfredo de Musset, os *Estudos litterarios sobre a marcha da civilisação e poesia em Portugal*, alem dos fragmentos de um poema em linguagem muito antiga e muito mais difficil de entender-se do que as sextilhas de frei Antão de Gonçalves Dias, porém ao gôsto de Thomaz Rowley de Chatterton (39). Depois de escrever muito e por longo tempo, agitado pela febre do genio, cahia extenuado no somno do repouso, como as arvores em seguida a sua fructificacão. « A esta minha agitação

de espirito, diz elle, sobrevem as vezes um marasmo invencivel, horas d'aquellas que os navegantes temem, em que a calmaria descae no mar morto e as velas cahem ao longo dos mastros (40) ».

Uma applicação insensata, imprudente, um estudo apaixonado, seguido, constante, uma sêde insaciavel de conhecimentos e logo a ambição de reproduzir, de arcar peito a peito com os grandes mestres, esgotaram-lhe as forças, e quando a enfermidade veio a acommettel-o, achou facil campo para seus estragos.

Como Gonçalves Dias, que, contando bago por bago os ultimos instantes que lhe restavam na ampulheta da vida, apressava a terminação de suas obras, as quaes tragou com elle o Oceano, assim Alvares de Azevedo dava-se pressa em conceber e executar os seus poemas, trabalhando durante dias como se fossem mezes. Em sua alma tinha elle o vaticinio de seu futuro. A aurora fresca e rosada de sua juventude não deveria succeder a noite, envolveria o negro bulcão da tempestade... O espectro da morte lhe apparecia a todo o momento. Como Casimiro de Abreu não precisava perguntar, sentado á beira do caminho da existencia, se estava muito longe o porvir. O fatal marco tinha-o elle bem patente, não muito distante de seu estadio. Sabia-o melhor do que ninguem, pois a pagina tarjada de luto da sua vida presenti-a elle sob seus dedos promptos para voltal-a no curto livro de sua vida. Como Pascal que via constantemente a seu lado entreabrir-se um abysmo, Alvares de

Azevedo tinha sempre ante si a visão do sepulchro. A aurora que desvanecia-se nos céos, as estrellas que se apagavam no infinito, as flores da manhã que emmurcheciam aos raios do sol, o crepusculo que se extinguia nas nuvens, as ondas que expiravam nas praias, morrendo com o seu murmurio, a briza que se perdia nas folhas das palmeiras, os sorrisos fugitivos que roçavam as faces de sua irmã, tudo, ah! tudo, tudo isso eram imagens presagas de sua breve vida, essa madrugada de risos e flores que o cyclone da fatalidade envolveu em negras azas antes que viesse a noite da velhice. Pungia assim a idéa de morrer tam cedo a quem tinha a desmarcada ambição de empégar-se no oceano sem fim de seus incendidos projectos, em busca de novos assumptos para seus cantos e numerosas epopéas e dramas (41). A seiva era demasiada para tam debil arbusto e pois matou-o a superabundancia de seu immenso e brilhante talento.

Voltou ao Rio de Janeiro pelas ferias do quarto anno academico com o negro presentimento de que não regressaria mais áquella cidade que tam cara lhe era. Havia alguns annos que a mão da morte inexoravel roubara ao curso juridico de S. Paulo um de seus alumnos do quinto anno. Esta coincidencia de tal modo impressionou a Alvares de Azevedo que, em uma das paredes de seu gabinete de estudo, escreveu elle o fatal necrologio, deixando o anno de 1852 em claro, a espera do nome da victima academica (42). No discurso

recitado á beira do tumulo do collega, que o precedera n'aquella terrivel imposição da morte, pronunciou estas palavras, como que prevendo o seu proximo fim: « Navegantes miserrimos pelo Oceano da morte, a nau que conduz as nossas esperanças para o Oriente do futuro tem uma sina terrivel! Cada anno uma victima se perde nas ondas, e a sorte escolhe sorrindo os melhores dentre nós! Ha um anno que aqui viemos, os mesmos de hoje, acompanhar um cadaver e murmurar um adeus á mais bella das esperanças academicas (45) ».

Aquelle anno fatal estava escripto em sua alma com algarismos negros. Deixou-se de passeios e distracções, e concentrou-se todo nos seus trabalhos. Durante o dia procurava o escriptorio de seu pae, que lhe confiava os autos mais importantes de seus clientes, e á noite vinha para junto de seu lar, gozar das caricias de sua mãi e dos affagos de sua irmã. Voltavam os bellos dias de sua infancia e com os mesmos dias voltavam aquelle apego ao seio materno, aquella ternura filial que manifestava em continuo conchego, em repetidos abraços, e incessantes beijos, vivia em seus olhos, bebia-lhe as expressões de amor, concentrava-se-lhe n'alma.

Despertou-se tambem o presentimento maternal: estas manifestações deram rebate nos seios d'alma de sua mãi e sobresaltaram-n'a com mil pensamentos, que á noite convertiam-se em sonhos duros e pesadelos maus, que lhe vinham interromper o somno e que-

brar-lhe o repouso. Sonhára ella uma vez que seu filho estava louco; outra vez era ella que em seus braços o embalava ao somno da morte! Mãi e filho ambos eram victimas de seus tam puros amores — maternal e filial; ambos luctavam com os mesmos presentimentos, que cautelosos se occultavam mutuamente.

Com a magoa no coração, que se lhe despedaçava fibra por fibra, com o presagio n'alma, que em vão procurava esquecer ou illudir, a mãi o vigiava constantemente. Vinha achal-o as mais das vezes escaldado pela febre do genio que o devorava, com aquella cabeça ardendo-lhe como um vulcão, debruçado á secretária, dobrado sobre o papel ou curvado sobre os livros, compondo ou lendo á luz do candieiro das lucubrações, e entrando pelas longas horas da noite.

Reprehendia-o ella por causa de tam improbo estudo, pedia-lhe, instava com elle para que evitasse tam continuas vigilias e que fosse entregar-se á reparação de suas forças; obedecia elle, procurando tranquilisal-a, confessando-se habituado áquelle trabalho n'essas horas mortas e silenciosas que toda a cidade dormia cançada de suas lidas.

Uma noite a surpreza foi cruel para ambos: encontrou-o a mãi debulhado em pranto, e o papel a que entregára os intimos pensamentos de sua alma trahiu-lhe o presentimento de seu coração: eram paginas humedecidas pelas lagrimas, eram versos inspirados pelo amor filial!

Instado por ella, o filho leu aquelles pungentes versos de uma bella agonia que se debate na ancia de gloria, ante a aurora de seu porvir, na manhã da vida em que o sol é mais esplendido, o céo mais azul, mas com a doce consolação de que sua irmã lhe fechará os olhos e sua mãi chorará de saudade (44)!

Antes que elle concluisse aquella leitura cahiu a mãe em seus braços, misturando os seus aos seus soluços, e as suas ás suas lagrimas. Só aquelles dous corações que se comprehendiam tam intimamente, abalados pelas revelações do mesmo presentimento, poderiam ralatar o que se passou entre elles n'aquella scena intima de tam longo martyrio d'alma!

Como sempre, ambos procuraram-se enganar no mutuo conforto. A mãi, enxugando o pranto, buscou reprehendel-o por se mostrar tam alheio ás suas antigas illusões, elle, o joven de vinte annos, a quem o talento abria as portas do porvir e a quem esperavam dias de gloria, e ao mesmo tempo lhe perguntava pelos seus dias alegres e folgazãos, pelas suas facecias, pelas suas poesias escriptas em tom humoristico e zombeteiro, que tantos momentos lhe haviam dado de riso e de prazer.

Reanimou-se o joven poeta e fez-lhe ver que toda essa mudança provinha de sua natureza propensa a misanthropia e de sua indole ou temperamento melancolico; ergueu-se de sua cadeira, deixou pairar em seu semblante um sorriso..abraçou-a, pediu-lhe per-

dão do que fazia tam insensivelmente... e conveio em retirar-se para o seu aposento e ir dormir (45).

E dormiria? ou seria esta uma d'aquellas noites de insommia com suas visões fervorosas, com suas harmonias desconhecidas em que a alma delirante se engolphava no infinito dos seres phantasticos, como essas aves nocturnas que mergulham no seio do mysterio? (46). Já então a enfermidade caminhava para elle como a realidade de seus presentimentos: aproximava-se a quadra de ir para S. Paulo e essa natureza, que lhe mostrava a terrivel palavra na ultima pagina do breve livro de sua existencia, não o dotou do instincto necessario para evitar o mal, não patenteou-lhe, senão através do mysterioso nevoeiro do futuro, o marco da fatalidade, o fatal — Basta! que o Sr Cons. G. Magalhães, Barão do Araguaya só adaptára ao hymno da velhice (47).

No dia 10 de Março d'aquelle fatal anno, que elle escreveu na parede de sua sala de estudo, appareceram-lhe os primeiros symptomas da molestia e toda a familia sobresaltou-se, mas de novo tranquilisaram-n'a as facecias e gracejos do enfermo, a quem talveza propria natureza procurasse illudir na origem de seu mal; até que a final reconheceram os medicos a séde e o genero da enfermidade, e para logo se perderam todas as esperanças. E para aquelles miseros corações paternos tornou-se o filho, na expressão eloquente de Felix Xavier da Cunha, um sol que se apagava, um

lyrio que emmurchecia, um presente sem vida, uma vida sem futuro! (48). Pregados á cruz do soffrimento beberam na esponja de fel toda a amargura d'aquella sublime agonia, sentiram sobre as suas cabeças o doloroso pungir que lhes infligiu a immensa corôa de soffrimento.

Longos dias succederam-se a longas noites, sem o menor vislumbre de confiança para tanta afflicção . redobrararam-se os esforços, amiudaram-se os cuidados, multiplicaram-se as conferencias; e a sciencia de Hippocrates ou Galeno, inerte em seus meios de debellação, tentou em vão um esforço, procedeu a uma operação gravissima, cujas dôres se prolongaram em seus dolorosos curativos (49). Em seus padecimentos horrorosos, em suas penas inexpremiveis mostrava o infeliz joven a mais santa resignação, contendo as lagrimas, suffocando os soluços, compadecido de sua mãi, cuja mão entrelaçada ás suas, sentia-lhe as contorsões que lhe vinham do coração. Alli ao pé de seu leito, a familia e os amigos comprimiam as lagrimas, abafavam os ais de angustia, para lhe mostrarem nas faces o fingimento, o riso mentido da dissimulação.

Mais um raio de esperança luziu para aquellas almas. Melhorava o enfermo sensivelmente depois de quarenta dias de atrozes soffrimentos. Parecia que o Eterno tinha ouvido as preces dos labios, os votos dos corações paternos, e que dias serenos e benignos de convalescença se aproximavam. O enfermo chegou a

erguer-se de seu leito; reanimou-se a satisfação em todos os peitos... desmentiu-se o fatal prognostico da sciencia... Mas de novo desdoura-se a illusão... agrava-se a enfermidade, e o doente cahe sobre o leito para nunca mais levantar-se.

No domingo de 25 de abril de 1852 despertou Alvares de Azevedo com a suspeita de que a noite d'esse dia a dormiria elle no sepulchro. A descrença de seus dias dourados, tam cheios de loucas aventuras, desapparecia n'aquelles momentos solemnes e brilhava felizmente para elle a aurora da resurreição de seus sentimentos religiosos, e a religião vinha com o balsamo da fé curar-lhe as chagas do scepticismo.

Resignado, com os olhos fitos nos humbraes da eternidade, recebeu a extrema uncção e esperou com a alma do justo que nos céos batesse a hora de seu passamento (50).

Elle a viu aproximar-se, sentiu-a no seu coração quando as pulsações se contrahiam, quando a nevoa do sepulchro lhe começava a obscurecer a vista. Oh! o espectaculo era bastante doloroso para sua mãi e elle pediu, instou para que se retirasse. O joven poeta ergueu-se um pouco e, reclinando-se ao peito de seu irmão, cravou um olhar ardente em seu pae, tomou-lhe uma das mãos que levou aos labios e deixando-a cahir pronunciou estas lugubres palavras :

— Que fatalidade, meu pae!

Baixava o sol no horizonte e a essa hora solemne

da oração finava-se o joven poeta, contando apenas 20 annos, 7 mezes e 13 dias!

Quando a desventurada mãi ouviu o annuncio da sua morte, levantou-se da cadeira onde se sentára e, como se um raio a illuminasse, despertou-se-lhe na mente o sonho fatal que a esperança... havia velado por tantos dias, e um grito doloroso partiu de seus labios e ella cahiu sem sentidos... Esse brado pungente, esse ai maternal parece que electrisou o cadaver do filho... Alvares de Azevedo descerrou as palpebras, como se quizesse ainda ver sua mãi, e abriu a boca como se quizesse ainda lhe fallar... e assim se conservou para sempre! (51)...

O seu funeral realisou-se no dia seguinte. Acompanharam-n'o á ultima morada os seus e os amigos de seu pae, e lá ao pé da campa lhe diceram em sentidos discursos os seus saudosos adeuses (52).

O distincto e malogrado poeta só foi apreciado em sua vida pelo limitado numero de amigos e conhecidos. Fóra d'esse acanhado circulo poucos sabiam de sua existencia e muitos menos ainda lhe apreciavam os dotes. Os ultimos versos murmurados á beira do sepulchro, quando os echos de além-tumulo já lhe repetiam as canções da morte, despertaram a população de um vasto imperio, que cedo o conheceu para chorar a sua immensa e dolorosa perda.

Tantos talentos cortados ainda em flôr! Tantas perdas para a nossa litteratura ainda tam nova! Prece-

dido na manhã da vida por Francisco Bernardim Ribeiro e Dutra e Mello, seguiram-n'o ainda de perto Franco de Sá, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu e mais recentemente Castro Alvares, o novo cantor do ameno Gonzaga e quasi tam infeliz como elles! (53).

Uma pleiada de brilhantes talentos ergueu-lhe o cenotaphio e dedicou-lhe honras funebres. Era a associação Ensaio Philosophico Paulistano que celebrava academicamente as suas exequias (54).

Seus manes, sem duvida, contemplaram essa oblação da saudade votada a seu genio pela estima e admiração de seus amigos. Só elle, roubado ás esperanças da patria, descançava no ataúde, ceifado na carreira de seus estudos! Seus companheiros, que lhe pranteavam a morte, tinham ante si abertas as portas do porvir, immenso caminho a percorrer, serviços importantes a dedicarem a patria. Oh! todos elles galgaram os degraus superiores da escala social que conduz aos primeiros logares da sociedade politica. Eram ministros de Estado, representantes da nação, presidentes de provincia, advogados, publicistas, que ainda alli se crearam nas vestes primitivas de simples estudantes, como as chrysalidas contêm em si brilhantes borboletas que um dia rutilarão nas ondas da luz, eram amigos emfim, mais felizes do que elle que lhe vinham dizer o adeus da eternidade (55).

A quem o destino puzera o berço ao pé da campa, todas as phases da curta existencia, todos os trabalhos

de estudo, todas as applicações do espirito tinham que se succederem quasi que tumultuariamente. Inspirações, poesias, dramas, romances, historia, sciencias lettras e artes, tudo isso lhe brilhava na faculdade de concepção tam ligeiro como um relampago, e mal tinha elle tempo para entregar ao papel as confidencias de sua musa, os delirios de seu estro, os estudos serios, que emprehendia a sua intelligencia, ou os desenhos e aguarellas de sua imaginação.

Não escolhia assumptos, não calculava, não meditava, acceitava a batalha sem plano, em qualquer terreno, certo de que a palma da victoria lhe pertencia; e se alguma vez a meditação ou o estudo lhe indicavam o caminho que deveria seguir, a musa o transviava, e força era contentar-se com o que lhe dava a inspiração. Rara vez emendava. Assim, elle improvisava e escrevia ao correr da penna, embora depois não o possamos comprehender, como no poema do Frade, no drama-romance *Macario* ou na *Noite na taberna*. Acontece isso a esses Colombos quando divagam por desconhecidos mares, sem a tenacidade do Ligurio; contentam-se com as vaporosas visões que tomam por novas terras e, como Benvenuto Cellini, decahem de seus assumptos nas obras que contra a sua espectativa lhes entrega a final a sua inspiração. Em tam pequeno theatro, em tam breves dias de existencia, o poeta dominou todo o seu estadio: não o percorreu sómente, elevou-se e abrindo espaço

com as longas azas de sua imaginação perdeu-se no infinito. « Não foi mister, diz um de seus collegas, ir assentar-se nos marmores desabados do Parthenon ao lado das estatuas de Phidias, como o poeta dos *Martyres*, a pedir inspirações aos capiteis derrocados da cidade de Solon; não foi, como o cantor de *Jocelyn*, remoçar o alaúde ao murmurio das ondas do Bosphoro, que osculam Stamboul em suas muralhas eternas. Não, na terra abençoada de seus paes sua alma sabia palpitar á sombra dos coqueiros no estalar dos leques, no ciciar das brisas, nos nevoeiros de um luar sombrio, no ultimo raio do sol a bruxolear nas vagas, qual pallida lampada no sacrario do templo (56). »

A Alvares de Azevedo madrugara a inspiração. Ainda no berço, entre as flores da candidez, ainda na infancia, entre os brincos da puericia, ainda nos bancos das escolas, entre as applicações do estudo, elle já era poeta! Tudo lhe sorria inspirações; e a vida se lhe desabrochava como um sonho dourado da esperança: era um hymno matinal que antes da noite deveria converter-se em uma nenia.

Sua alma ávida de trabalho e de gloria ambicionava os louros da poesia, e seu genio, abrindo as azas de ouro na immensidade, procurava os rastros luminosos de Byron, Dante, Shakspeare. Ignorava ainda os triviaes preceitos da arte e já buscava medir-se com esses heróes immortalisados pelos seus proprios cantos: eram elles os seus mestres predilectos, lia-os no

silencio de seu gabinete e repetia-os no meio de seus estudos obrigados, para um dia identificar-se com elles, para depois igualal-os, e por fim ultrapassal-os, perdel-os de vista na imitação, e apresentar-se, segundo a expressão de Affonso Karr, em toda a originalidade de sua individualidade! (57)

Cabeça immensa, cria alojar em seu cerebro vastas e originaes concepções que o eternizassem em todos os generos da litteratura, mas o destino acerbo converteu tudo nas esperanças mallogradas de Chénier, e aquella pezarosa exclamação que arrancára ao martyr do cataclysmo social a vista do patibulo, traduziu-a elle n'aquelle brado que se lhe escapara dos labios moribundos.

Lamenta-se, como já dice, que o poeta em tam verdes annos se sentisse accomettido do *spleen* de lord Byron, tendo no coração a descrença de Alfredo de Musset e nos labios o sarcasmo de Henrique Heine. Suppõe-se que fingia, que imitava os genios que tomára por mestres; mas não foi assim. O seu temperamento levava-o a essa melancolia negra que tocava as raias da misanthropia, e por fim a leitura de tam predilectos poetas acabou por lhe transtornar o cerebro.

Creados na fé, que pede nossa razão infantil a sua crença, sem a discussão de seu raciocinio, achamos-nos depois envoltos na duvida quando com o facho da philosophia corremos em busca da verdade, vendo

muitas vezes a nossos pés insondaveis abysmos... Então a alma parece despertar de uma illusão, e a voz que a invoca ás indagações philosophicas acerca de sua origem, sua essencia e seu destino lança-a na duvida que a conduz pelos tortuosos trilhos do labyrinto da descrença, cujas trevas se condensam mais e mais, fechando-se na completa noite do materialismo; a crença triumpha por fim, como o naufrago, que depois de luctar com as ondas escumosas do oceano batido dos ventos, agarra-se á taboa da salvação que se lhe depara aos olhos illuminados por uma restea de luz que lhe vem do céo coada nas sombras da tempestade.

A duvida embalava-o entre a crença e a descrença (58). Duvidava ora do que cria, ora do que descria. Era a luta do corpo e da alma, da vida e da morte, entre o céo e a terra, entre as melodias de Ariel e o fel de Caliban, perdido no sonho das noites de verão de Shakspeare, segundo elle mesmo affirmava (59), e, como a crença tem suas inspirações sublimes, acreditava que tambem havia na descrença o seu quê de poetico. « E o scepticismo, perguntava elle, não tem a sua poesia? O que é a poesia? Não é por ventura essa commoção intima de nossa alma com tudo que nos move as fibras mais intimas, com tudo o que é bello e doloroso?... A poesia será só a luz da manhã scintillando na arêa, no orvalho, nas aguas, nas flores, levantando-se virgem sobre um leito de

nuvens de amor e de esperança? Olha o rosto pallido d'aquelle que viu, como a Niobe, morrerem uma por uma, feridas pela mão fatal que escreveu a sina do homem, suas esperanças nutridas da alma e do coração — e dize-me se no riso amargo d'aquelle descrido, se na ironia que lhe cresta os beiços não ha poesia como na cabeça convulsa do Laocoonte As dôres do espirito confrangem tanto um semblante como as da carne. Assim como se cobre de capellas de flores a cruz de uma cova abandonada, porque não derramar os goivos da morte no cemiterio das illusões da vida? A natureza é um concerto, cuja harmonia só Deus entende, porque só elle ouve a musica que todos os peitos exhalam. Só elle combina o canto do corvo e o trinar do pintasilgo, as nenias do rouxinol e o miar da fera nocturna, o canto do amor da virgem na noite do noivado e o canto de morte que na casa junta arqueja na garganta do moribundo (60). »

No delirio da sua descrença podia dizer que cantava n'uma vibração nervosa, com o sangue a galopar-lhe febril pelas veias, com a mente ebria de seu sonho ou de seu pesadelo. Se as fibras da harpa desafinavam, se a mão rispida as estalava, é que pensava nos versos quando pensava na poesia e cria que a estancia era uma roupa como outra qualquer, segundo o pensamento de George Sand, a qual tem a arte por um manto para as bellezas núas. Em sua opinião mais valia deixar uma estatua despida do que pespontar

de ouro uma tunica de velludo para embuçar um manequim. Pensava que a musica do verso era o acompanhamento da harmonia das idéas, e amava cem vezes mais a sublimidade de Dante com a sua versificação dura, os rasgos de Shakspeare com os seus versos asperos, do que os alexandrinos feitos a compasso de Sainte-Beuve ou Turquety (61).

Estas idéas eram porém combatidas por elle mesmo, quando as condemnava n'um dos poetas de sua maior predilecção como Alfredo de Musset. Confessa o joven poeta que no materialismo bruto não podia haver poesia, pois era como o ferro em braza sobre o qual em vão se derramam orvalhos de aromas, por isso que o calor os expellia e que era esse de essencia prosaico (62).

Rindo e chorando ao mesmo tempo, tanto cria como descria. Esse dualismo de sua natureza não é inexplicavel. É o incanto do contraste de um genio humoristico e da sombria incerteza de um descrente que busca nas trevas a luz e nos abysmos o céo. O espirito de Henrique Heine reanimou-se no corpo cadaverisado para amaldiçoar o atheismo, mas o poeta teve ainda no seio do arrependimento o riso cynico do sceptico. Em Alvares de Azevedo esse dualismo é distincto, não se confunde sob as formas apparentes de um e outro, da crença eivada da descrença, como no ferro em braza se mostram intimamente identificados o fogo e o metal pela mais perfeita das uniões. Nas loucas visões do jo-

ven poeta a sua duvida, o seu scepticismo nos arrastam até as bordas do abysmo do nada, mas de repente elle abre as suas azas de ouro e voa para o céo deixando o leitor cheio de assombro.

Aquelle rir jovial de sua musa, aquelle tom humoristico de seus versos embebidos de certa melancolia, fundidos na mais delicada gradação do estylo, eram mais de sua indole do que as reticencias e incertezas de sua crença; e com tudo Alvares de Azevedo pensava que o seu riso humoristico e seu estylo faceto eram devidos a um estudo forçado para lhe cubrir de flores o abysmo que o scepticismo abrira a seus pés, fructo do combate da crença e da descrença que se dava em sua alma. Elle mesmo dizia que a vida tem o quer que seja de séria e a morte um não-sei que de horrorosa quando se pensam n'ellas e que o melhor era não tomal-as pelo lado serio e sim pelo lado ridiculo e gracioso.

A semelhança de Gœthe, que se moldava no *Fausto*, a exemplo de Rafael, que se retratava em seus painéis, Alvares de Azevedo não sómente se photográpha em muitas de suas poesias quer subjectivas quer objectivas, como põe em relevo muitas pessoas de seu tempo e os costumes e usos de sua cidade natal. Através dos nomes e dos trajos estrangeiros distinguem-se os personagens do seu interminavel drama-romance *Macario*, e o logar da acção revela-se pela sua côr local. A narração exagerada, ora horrivel, ora inverosimil, cynica, asquerosa até chegar a ser repugnante,

faz perder o norte e desvaira e desconcerta a quem procura collocar os personagens em seus devidos logares. Como o gallo de Esopo, o leitor encontra as perolas da poesia no esterquilinio da linguagem do cynismo de estudantes transviados e mulheres perdidas, entregues ao gozo da vida material no maior descalabro da indecencia.

A litteratura com suas esperanças, seus triumphos e suas glorias tem tambem seus dias amargos de descrença e incerteza. O que antes era grande e sublime aos olhos de nossa alma, se nos afigura depois pequeno e commum; a admiração troca-se em puro desanimo pela indifferença, e o scepticismo litterario varre de nossa imaginação todas as idéas de gloria e de triumpho e nos conduz á questão de tempo, mais ou menos remota, de que tanto se arreceiava Bellini apesar das esplendidas victorias de seu genio — o eterno esquecimento, envolto muitas vezes com a ingratidão!

Assim umas vezes alentavam-n'o doces esperanças; a patria magestosa e radiante, cheia de porvir, lhe vinha trazer inspirações. Sentia-se filho de uma nação nova, cheia de sangue, mocidade e verdor. Lembrava-se de seus arvoredos gigantescos, seus oceanos escumosos, seus rios pelagicos, suas cataractas, que tudo emfim era grande e sublime, que nas ventanias do sertão, nas trovoadas do sul, no sussurro das florestas á noite, escutava os preludios d'aquella musa gigante da terra que entoa á manhã a epopéa do homem de

Deus, que a sua nação infante, embalando-se nos hymnos da industria européa, como Jupiter nas cavernas do Ida, no alarido dos Corybantes, tinha adiante de si um futuro immenso (63).

Outras vezes descria de tudo isto e zombava da poesia americana, ria de nossos poetas e achava que a poesia em sua maior decadencia exhalava o adeus do moribundo. « Não sabem o que dizem estes homens, escrevia elle, que para se apaixonarem pelo canto esperam que a hosanna de gloria tenha saudado o cantor. São estereis em si como a parasita. Musicos — nunca serão Beethoven nem Mozart. Escriptores — todas as suas garatujas não valerão um terceto do Dante. Pintores — nunca farão viver na tela uma encarnação de Rubens ou erguer no fresco um fantasma de Miguel Angelo. É a miseria das miserias! Como uma esposa árida tressuam e esforçam-se debalde para conceber. Todos os dias acordam de um sonho mentiroso em que creem sentir o estremecer dofeto nas entranhas reanimadas.

« Fallam nos gemidos da noite no sertão, nas tradições das raças perdidas da floresta, nas tormentas das serranias, como se lá tivessem dormido ao menos uma noite, como se acordassem procurando tumulos e perguntando, como Hamleto no cemiterio, a cada caveira do deserto o seu passado.

« Mentira! tudo isso lhes veio á mente lendo as paginas de algum viajante que esqueceu-se talvez de

contar que nos mangues e nas aguas do Amazonas e do Orenoco ha mais mosquitos e sezões do que inspiração; que na floresta ha insectos repulsivos, reptis immundos; que a pelle furta-côr do tigre não tem o perfume das flores; que tudo isto é sublime nos livros, mas é soberanamente desagradavel na realidade. »

Ha ainda outras contradicções singulares de seu juizo critico. Assim é para lamentar não só que condemnasse a nacionalidade de nossa litteratura sob vistas interesseiras e mesquinhas (67), quando prevendo os obstaculos que se oppunham ao seu desenvolvimento e progresso havia saudado as tentativas esplendidas dos seus e nossos illustres contemporaneos (66), como tambem que achasse digno de louvor o que depois achou da mais severa critica, qual se infere de seus julgamentos a respeito do merito das traducções que Alfredo de Vigny fez de Shakspeare (67).

O que ha de melhor de Alvares de Azevedo é o que elle nos legou sob o titulo de *Lyra dos vinte annos*, e era tambem d'essas obras a unica que elle se propoz a publicar.

Esta interessante collecção de poesias lyricas divide-se em tres partes. A primeira parte contêm as poesias de sua infancia, as quaes são borboletas de ouro que adejam sobre flores esplendidas. O poeta canta o amor e a amizade, tendo sempre ante os olhos o fatal espectro de seu presentimento. Na segunda quiz o poeta dar expansão a sua alma, que cançada de arrojados voos desce

á terra para descançar e folgar e canta em tom humoristico. A terceira é uma mistura de composições no genero da primeira e segunda e que melhor seria que se distribuissem por estas. Os *Bohemios*, que vem na segunda parte, figuram como acto de uma comedia não escripta que o autor faz passar na Italia, de pouca importancia e que mal se póde julgar pela sua imperfeição. O prologo, que acha-se no fim, deveria ser antes epilogo e talvez seja isso erro de copia.

Tudo o mais quanto elle escreveu são ensaios de uma intelligencia robusta mas ainda não amadurecida pelos annos, pelo estudo e pela reflexão. Nem foi o talento que n'elle madrugou (68), mas a imaginação, sempre mais precoce do que aquelle. E quem sabe se elle não condemnaria a seus autos de fé ou se não sujeitaria a novas combinações e emendas muitas cousas que os seus admiradores conservaram e que fôram adduzindo ás suas obras pela avidez com que eram procuradas? Tudo quanto elle produziu era como o relampago que annuncia uma tempestade longinqua sob os horizontes. « É apenas, dizia elle, tudo o que até hoje tenho esboçado, como um romance que escrevi n'uma noite de insomnia, como um poema que scismei n'uma semana de febre, uma aberração de principios de sciencia, uma excepção as minhas regras mais intimas e systematicas (69).» Assim dizia elle : as suas composições eram como esses filhos pallidos que se apoderam do craneo e inspiram a *Tempestade* a Shakspeare,

Beppo e o IX canto de D. *Juan* a Byron, que fazem escrever *Annunziata* e o conto de *Antonia* a quem é Hoffmann, ou *Fantasio* ao poeta de Namouna (70).

Essas regras intimas e systematicas, a que o poeta diz ter-se circumscripto, acham-se expostas no prologo de seus *Estudos dramaticos*, nos quaes bem deixa ver o gosto que o arrastava para o theatro, o qual elle desejava que se elevasse a altura conveniente e digna da nossa sociedade e que entretanto ahi decae todos os dias, destronando a escola romantica e a classica para morrer ás mãos da realista, a qual por fim degenera na rudeza de sua simplicidade elevada á exageração (71). « Creei para mim, escrevia elle, algumas idéas theoricas sobre o drama. Algum dia, se houver tempo e vagar, talvez as escreva e dê a lume. O meu prototypo seria alguma cousa entre o theatro inglez, o theatro hespanhol e o theatro grego, — a força das paixões ardentes de Shakspeare, de Marlowe e Otway, a imaginação de Calderon de la Barca e Lope de Vega e a simplicidade de Eschylo e Euripides, — alguma cousa como Gœthe sonhou e cujos elementos eu iria estudar n'uma parte dos dramas d'elle, — em Gœtz de Berlichingen, Clavijo, Egmont, no episodio da Margarida de Fausto, — e a outra na simplicidade attica de sua Iphigenia. Estudal-o-ia talvez em Schiller, nos dous dramas de *Wallenstein*, nos *Salteadores*, no *D. Carlos*; estudal-o-ia ainda na *Noiva* de *Messina* com seus córos, com sua tendencia á regularidade (72). »

O joven poeta que via tudo com olhos de aguia, sem ter ainda firmado o seu gosto, queria o drama com todo o seu apparato romantico, com todas as suas peripecias melodramaticas, tendo o palco convertido em lago de sangue e as scenas de terror elevadas das raias do possivel, já por si repugnantes, ao infinito da exageração. « A vida e só a vida! exclamava elle, e juntava : mas a vida tumultuosa, férvida, anhelante, ás vezes sangrenta — eis o drama. Se eu escrevesse, se minha penna se desvairasse na paixão, eu a deixaria correr assim : Iago enganaria o Mouro, trahiria Cassio, perderia Desdêmona e desfructaria a bolsa de Rodrigo. Cassio seria apunhalado na scena. Othello suffocaria sua Veneziana com o travesseiro, escondel-a-ia com o cortinado quando entrasse Emilia, chamaria sua esposa — a whore — e gabar-se-ia de seu feito. O *honest, most honest Iago* viria ver a sua victima ; Emilia, soluçando, a mostraria ao demonio ; o Africano delirante, doido de amor, doido de a ter morto, morreria beijando os labios pallidos da Veneziana. Hamleto no cemiterio conversaria com os coveiros, ergueria do chão a caveira de Yorick, o truão; Ophelia corôada de flores cantaria insana as balatas obscenas do povo ; Laerts apertaria nos braços o cadaver da pobre louca. Orlando no *What you will* penduraria suas rimas de Rosalinda nos arvoredos dos Cevennes. Isto seria tudo assim (73).

« Se eu imaginasse Othello, continua elle, seria

com todo o seu esgar, seu desvario selvagem, com aquella fórma irregular que revela a paixão do sangue. É que as nodoas de sangue quando cahem no chão não tem fórma geometrica. As agonias da paixão, do desespero e do ciume ardente quando côam n'um sangue tropical não se derretem em alexandrinos, não se modulam nas fallas banaes d'essa poesia de convenção que se chama — conveniencias dramaticas (74). »

O poeta bem sentiu a enormidade de sua concepção quando lhe tomou o peso, e por isso acrescentava : « É uma grande idéa que talvez nunca realise. É difficil encerrar a torrente de fogo dos anjos decahidos de Milton ou o pantano de sangue e lagrimas de Alighieri dentro do pentametro de marmore da tragedia antiga (75). » Previu Alvares de Azevedo o que aconteceu mais tarde. A *Noite na taberna* é um drama-romance, notavel pela originalidade de suas extravagantes scenas, uma sequencia de narrações monstruosas em que Solfieri, Berthran, Gennaro, Claudio, Hermann e Johann, libertinos que se apaixonavam por mulheres perdidas e que nas aras das orgias, entre as baforadas do fumo fetido de seus cachimbos, batem com suas taças nas taças d'ellas, contam, cada qual por sua vez, suas historias romanticas.

N'essas scenas informes amontoam-se as inverosimilhanças; succedêm-se os duellos fratricidas ás traições conjugaes; encadeam-se ás perdições das virgens os raptos de mulheres castas por meio de philtros, que

promovem longas anesthesias; e no meio d'esse chaos impera a antropophagia sobre as ondas do mar, em que os corvos marinhos disputam a ração de carne humana, e os amores candidos e puros são os gozos malditos de Satan e Eloa, tendo por thalamo o Oceano e as vagas por sedas que lhes alcatifam o leito; mas o autor seduz com o brilhantismo do estylo e arrebata com as palavras de fogo, adornando esses quadros dos delirios de sua imaginação com os arabescos da poesia dantesca e shakspereana.

O seu Poema *do Frade* é um delirio poetico, com um titulo incomprehensivel, imitação do *Don Juan* de Byron, sonho de uma noite de insomnia, motivada pelo *spleen*, devido as convulsões da ironia e no qual figuram trechos lindissimos (76).

N'estase outras composições inexplicaveis lampejam, brilham em borbotões as imagens. Seu genio ardente como o cavallo do gaucho, com as narinas em fogo, já não corre, devora o espaço, atira-se atravez dos precipicios, salva-os e respirando ao longe não pára, prosegue na sua vertiginosa carreira e perde-se nas campinas batidas pelo pampeiro. Não sabe conter-se e no meio do seu enthusiasmo, que deroga todas as regras anteriormente creadas, derrama ás mãos cheias a erudição em suas producções, nem sempre apropriadas e muitas vezes pesadas pelo acervo de citações. Este defeito requinta-o elle quando o empresta ás personagens de seus poemas e ainda mais de seus informes dramas (77).

Nas obras em prosa deu o autor mais expansão a seu genio ensaiando-se em varios generos da litteratura, denunciando a queda que tinha para a critica litteraria, como nos seus trabalhos sobre o *Jacques Rolla* de Alfredo e Musset, o *Aldo* de George Sand, a *Pharsalia* de Lucano e a *Litteratura e civilisações* em Portugal.

Em politica são as suas idéas as de um livre pensador. Sem compromissos com os partidos mesquinhos, se debatendo no meio da grandeza material da patria, quando todos os esforços reunidos seriam poucos para aproveital-a a bem de sua prosperidade, expunha a sua opinião sem rebuço referindo-se a todos os governos de todos os credos do imperio (78).

Sem ser o chefe de uma escola nova, Alvares de Azevedo teve e ainda tem imitadores, e, como sempre acontece, seus discipulos ou antes, para melhor qualifical-os, os seguidores dse sua escola copiaram as cores mai sexageradas de seus paineis, reproduziram os seus defeitos, sem que pudessem imital-o nos toques magistraes de suas bellezas e atrevimentos. A sobreviver, bem poderia repetir a seu respeito o que dice relativamente aos grandes genios caricaturados pelos servis imitadores: « Gœthe, ponderava elle, lamentara-se de seus imitadores; criticara acerbo o sentimentalismo falso que o seu *Werther* fizera brotar nos romances e o desregrado do drama que seu desordenado, mas bello, Gœtz de Berlichingen fizera bem querer. Cha-

teaubriand queixava-se do bronco da expressão, do exagerado de idéas, que sua reacção romantica acordara nas escolas do bello horrivel que excederam todo o medonho da ronda de horrores e lascivias de Lewis e das mortualhas dramaticas de Mathurin. É que os discipulos, na fascinação da apotheose que erguem ao genio, no trasladar, no arremedo de suas bellezas, imitam-lhe tambem, e, mais que o resto, os defeitos, porque foi no embellezal-os, em escondel-os sob flores, que os mestres envidaram suas forças (79). »

Tem defeitos e não poucos o talentoso poeta; deve-se-lhe porém levar em linha de conta que não foi elle quem publicou, nem quem reviu as suas obras. Beubendo as suas inspirações a largos tragos, produsi muito e promettia ainda mais, senão muitissimo. A sua fecundidade naõ havia ainda ganhado o seu vigor e madureza e os frutos resentem-se ainda da sua prematuridade. Bem que haja em seus poemas trechos lindissimos de um colorido inimitavel, que deixam a alma docemente impressionada (80), e outros que destacados constituiriam por si só um poema, como dizia Boileau dos sonetos bem acabados (81), pecca com tudo pela extensão que dá a seus escriptos, estendendo-se sobre os mais frivolos assumptos (82), com pasmosa facilidade.

Nem sempre é original. Conhece-se nos seus mais arrojados vôos a influencia da linguagem e do estylo de Gonçalves Dias (83). Distingue-se na maior parte

de suas composições o poeta eminentemente erudito. Deparam-se com imitações que offerecem remotas reminiscencias já de lord Byron (84), já de Heine (85), já de Musset (86).

Apoiado ao começar a sua carreira nas imitações, tinha que deixar na longa marcha que promettia os exemplos favoritos para perder-se em novos caminhos inteiramente desconhecidos; e os indicios d'essas esperanças era esse colorido com que sabia renovar as cores desbotadas dos velhos quadros (87), como se Carlos do Nascimento lhe tivesse ensinado o segredo de sua arte (88).

O seu estylo é florido e corrente. Conhece-se a facilidade que tem em escrever e que a sua penna mal póde seguir a impetuosa torrente das palavras que lhe dicta o pensamento. Quando porém a affectação lhe retem a inspiraçaõ natural e lhe empola o estylo e lhe encarece a dicção, tirando toda pureza a sua linguagem (89), tudo se transforma e só resta o autor artificial (90), com toda a sua ostensiva erudição, defeito que seria desculpavel na sua idade se isso mesmo não fôra ridiculo.

Quando o poeta entrega-se insensivelmente a sua inspiração apresenta imagens riquissimas, dignos ornatos de seu bello estylo (91), engenhosas metaphoras (92), bonitas repetições (93), das quaes abusa contudo não poucas vezes, ora manejando-as com graça e delicadeza (94), ora as empregando viciosamente

como um echo incommodo (95). Pecca, todavia, sempre que as suas imagens tem por assumpto a mistura do sagrado com o profano (96), ou são systematicamente empregadas com o fim de ridicularisar o que é por sua natureza serio e que pelo lado da religião e da sociedade e suas tradições torna-se digno de acatamento e respeito, senão intimos ao menos apparentemente (97).

Este defeito não pára aqui; redunda em antitheses que se fazem notaveis pela inconveniencia do sublime anteposto ao sublime. Esvoaçando entre as estrellas, fecha o poeta as azas e deixa-se cahir sobre o lodo dos paues. Que aberração de tam esplendido talento! Suas tendencias são sempre para a lascivia; licencioso não toca recuando, excede as raias da libertinagem e vae até a impropriedade (98).

A sua metrificação é boa, mas não isenta de defeitos. A mistura dos versos agudos e graves dá-se ainda nas estrophes regulares, pelo deleixo com que rima (99). É sempre variado o metro, sem que comtudo o leve ao extremo de usar dos chamados alexandrinos, os quaes privados das suas iniciaes, como hoje os escrevem os sectarios da orthographia hespanhola, reduzem-se á prosa mal estampada (100).

Não raras vezes erra na afinação dos versos pelo excesso (101) ou falta (102) do numero de syllabas, quando não se soccorre dos diminuitivos para acabalos de encher (103). Muitos d'entre elles se resentem de prosaismo, e outros da inobservancia das regras do

rhitmo adoptado, pois deixa de attender a exactidão dos accentos ou pausas (104). Usa abusivamente da syncope (105), mas apezar de escrever tanto e de limar tam pouco (106), lá uma ou outra vez cae na homonymia das syllabas e das desinencias e no abuso do emprego de vogaes muito abertas e sonoras (107), e lá uma ou outra vez se lhe depara com a concurrencia de sons que se tornam cacophonicos (108) ou que degeneram em puro *calembour* (109).

Quando se submette ao jugo da rima, suas estrophes são sempre symetricas (110). Nos versos soltos porém as estrophes são quasi sempre irregulares e compoem-se de versos inteiros e quebrados. A sua rima é pobre e na falta de consoantes converte as palavras em diminuitivos para facilitar a sua composição (111), e vae até ao extremo de rimar diminuitivos com diminuitivos (112). O seu ouvido acostumado a rima chega ao abuso de introduzil-a insensivelmente nos periodos em prosa (113) e as vezes inconvenientemente (114). Descuida-se e deixa que toantes fortes se façam ouvir pelos hemistichios de seus versos (115).

Sua perda prematura foi immensa para nós e uma d'aquellas, segundo a opinião de um joven tam talentoso e infeliz como elle, que se devem deplorar como um funesto acontecimento para a situação e progresso das letras. « Era um talento innovador, ajunta elle, que não limitaria a sua ambição a percorrer as veredas conhecidas, que alcançaria novos horizontes,

impellido pelo fogo da sua inspiração e tambem pela madureza de seus estudos. Ha vocações que produzem os prodigios das sibyllas antigas. Prophetisam involuntariamente sobre a tripode e deixam-se arrastar pelo enthusiasmo das suas proprias palavras. O joven poeta não cantava sómente para que as turbas se deixassem commover pela harmonia de seus cantos: cantava porque lhe ardia no peito um fogo devorador, porque sua alma ebria e palpitante lhe accendia a imaginação e como lhe intimava que traduzisse aos outros a magia dos seus sonhos, o fervor dos seus desejos, o esplendido irradiar de sua esperança (116). »

Dorme, poeta! Ainda no teu leito de marmore ciciam as brizas da solidaõ dos cemiterios os seus hymnos matinaes. Os primeiros raios do sol que nasce douram-te a campa, a lua o argentea com a sua luz vaporosa e a multidão que passa pronuncia o teu nome. Diz a lenda que Deus ama os poetas que fenecem na juventude: tambem os povos choram os bardos que morrem precedendo a noite da existencia; e os que ainda hoje murmuram os teus versos convertem o teu sepulchro em aras da sua idolatria e sobre ellas esfolham as flores da saudade.

IV

NOTAS

(1) A primeira edição em dous volumes in-8º gr. appareceu em 1853-55 e para logo esgotou-se, tendo por prologo estas *Duas palavras* do Sr. Dr. D. Jacy Monteiro:

« Ahi damos á luz uma collecção de poesias do finado bacharel em letras M. A. A. de Azevedo.

« O autor havia colleccionado em um quaderno uma porção de poesias que pretendêra dar a publico em S. Paulo; muitas outras, depois d'essa tentativa, colleccionou elle em varios quadernos, tendo ajuntado mesmo algumas ao primeiro, parecendo assim indicar que, quando posteriormente désse aos prélos a sua — *Lyra dos vinte annos*, n'ella incluiria todas ou quasi todas. Não podendo porém, nós publical-as todas em um volume, entendemos dever preferir sómente o que já tinha elle colligido para

a publicação projectada, juntando-lhe a segunda parte existente com aquelle titulo e mais algumas poesias sob a denominação — *Diversas*, fazendo-as preceder por algumas cartas do auctor e por um discurso biographico, e acompanhando tudo de algumas notas.

« A este volume seguirá outro, contendo uma collecção de escriptos em prosa, no fim do qual daremos varios discursos e poesias que appareceram por occasião da sua morte.

« Restaram pois muitas outras composições: farão parte de outra collecção que talvez possa ser dada a lume, depois da publicacão dos dous volumes a que nos propuzemos.

« Crêmos fazer com isto um serviço á patria, que carece e muito de taes obras, que devem ser mostra de seu progresso e cimento de sua civilisação, conservando a memoria de um talento que tão util lhe poderia ser.

« Cedida a propriedade ao editor B. L. Garnier, completaram-se em 1861 e em tres volumes, igualmente in-8° gr., a publicação das obras do autor, sendo em 1862 publicada novamente in-18°, tendo ambas as edições o seguinte prologo :

« A primeira edição das obras do joven poeta, tão cedo roubadot literatura á e á patria, achava-se esgotada. Nas livrarias não se encontrava um só exemplar para satisfazer a sofreguidão dos apreciadores d'esse tão bello e precoce talento, e alguem que ainda na sua estante conservava algum exemplar guardava-o como uma reliquia, como o avarento guarda o ouro de medo que não n'o roubem.

« Em vista, pois, da necessidade que havia, emprehendemos esta segunda edição, augmentando-a com as poesias, ainda não publicadas, do joven Alvares de Azevedo, e que por si sós formam mais um bello volume.

« Offerecemol-a ao publico illustrado e apreciador das lettras patrias: é um presente de festas que lhe fazemos, é uma grinalda de rosas de perfumado aroma, que collocamos na fronte pura do porvir da patria. »

(23) *Introducção*, que figurava no terceiro volume das edições anteriores.

(3) Este artigo, escripto no Rio de Janeiro em 10 de Janeiro de 1861, foi publicado n'uma folha diaria e n'elle tratou o seu autor dos poetas ALVARES DE AZEVEDO E CASIMIRO DE ABREU, sob o titulo *Dous genios e um só destino*.

(4) *Memorias de litteratura contemporanea. Perfis litterarios em* 1855, art. IV, *Alvares de Azevedo*, p. 318.

(5) *Jornal do Commercio*, n. 237 de 27 de *Agosto* de 1861.

(6) *Le Brésil littéraire*, chap. XVI, p. 212 e seg.

(7) *Diccionario bibliographico portuguez*, t. V, p. 357.

(8) *Curso elementar de litteratura nacional*, p. 560.

(9) Artigo publicado no *Diario do Rio de Janeiro de* 20 *de Janeiro de* 1868, acompanhando uma poesia do Sr. Joaquim Ignacio Alvares de Azevedo, irmaõ do illustre poeta. Comparando estes dous poetas, diz o Sr. A. E. Zaluar : « Como cultor das musas, o mancebo de que tratamos agora não é um espirito agitado pelas emoções violentas, que formavam o caracter e constituiam a individualidade de seu irmão. Entre elles ha uma grande distancia. O primeiro era o poeta da imaginação e da philosophia, e este é o dos affectos. Um descrevia o que sonhava, as creações vertiginosas de seu espirito arrebatado, nas horas da vigilia, da febre, do somnambulismo sublime, que o acommettia com um accesso irresistivel e o tornava

vidente e propheta; o outro pinta o que sente, não na cabeça, mas no coracão.

(10) « Votre petit Manuel, escrevia Stoll ao Sr. B. Ignacio Manuel Alvares de Azevedo, m'enchante toujours davantage; c'est bien l'enfant de la plus belle espérance de mon collège, excepté pour la gymnastique, où il est le dernier. »

(11) Em Outubro de 1840 escrevia o infatigavel preceptor : « Votre fils est toujours le meilleur de mes élèves pour l'esprit, l'intelligence, l'aimable gaieté, et surtout pour le cœur... Plus j'analyse cet enfant, plus j'ai lieu de vous féliciter d'avoir un tel fils. Dieu lui prête vie et santé et vous verrez qu'il deviendra quelque chose de bon et de très-bon. »

(12) Em Maio de 1841 repetia o Sr. Stoll : « J'ai reçu la visite de M. Guimarães (Dr. Francisco José Pinheiro Guimarães) qui, étonné des progrès de votre petit Manuel, veut me confier ses deux fils. Vraiment *Maneco* est mon recruteur. Plus de quarante personnes viennent me féliciter d'avoir fait merveilles avec lui. J'ai entendu un de vos élèves, me dit-on; mais c'est vraiment admirable comme il parle français, anglais, déclame, sait l'histoire et la géographie. »

(13) Eis aqui as suas palavras : « Vraiment il n'a pas perdu son temps cette année et s'il continue ainsi, cela deviendra un Brésilien qui pourra se mesurer avec les premières capacités européennes. »

(14) Dizia assim escrevendo a seu pai em Abril de 1841: « Notre petit héros fait toujours ma gloire et mon bonheur. Il réunit, ce qui est bien rare, la plus grande innocence de mœurs à la plus vaste capacité intellectuelle que j'aie rencontrée en Amérique dans un enfant de son

âge. Rien n'est plus charmant pour moi que de le voir, après avoir surpassé tous les grands dans les leçons, s'occuper dans ses jeux à planter des fleurs sans racine pour faire un petit jardin d'un quart d'heure de durée, ou bien à bâtir une petite maison que le vent emporte. »

(15) Em *Macario* põe elle na bocca de Satan a descripção da cidade de S. Paulo; pelo menos é o que se infere de sua palavras que são as seguintes :

MACARIO. Esta cidade deveria ter o teu nome.

SATAN. Tem o de um santo : é quasi o mesmo. Não é o habito que faz o monge. De mais esta terra é devassa como uma cidade, insipida como uma villa e pobre como uma aldêa. Se não estás reduzido a dar-te ao pagode, a suicidar-te de spleen ou allumiar-te a rôlo, não entres lá. É a monotonia do tedio. Até as calçadas.....

MACARIO. Que têm?

SATAN. São intransitaveis. Parecem encastoadas as taes pedras. As calçadas do inferno são mil vezes melhores. Mas o peor da historia é que as beatas e os conegos cada vez que sahem, a cada topada, blasphemam tanto com o rosario na mão que já estou enjoado. Admiras-te? Porque abres a bocca espantado? Antigamente o diabo corria atraz dos homens, hoje são elles que rezam pelo diabo. Acredita que faço um favor muito grande em preferir-te á moça de um frade que me trocaria pelo seu Menino Jesus e a um cento de padres que dariam a alma, que já não tem, por uma candidatura?

E mais adiante :

SATAN. A cidade collocada na montanha, envolta de varzeas relvosas, tem ladeiras ingremes e ruas pessimas. É raro o minuto em que não se esbarra a gente com um burro ou com um padre. Um medico, que alli viveu e morreu, deixou escripto n'uma obra inedita, que para

sua desgraça o mundo não ha de ler, que a virgindade era uma illusão. E com tudo não ha em parte alguma mulheres que tenham sido mais vezes virgens que alli.

MACARIO. Tem-se-me contado muito bonitas historias. Dizem na minha terra que ahi, á noite, as moças procuram os mancebos, que lhes batem á porta e na rua os puxam pelo capote. Deve ser delicioso! etc.

E ainda mais :

MACARIO. Que ruinas são estas? É uma igreja esquecida? A lua se levanta ao longe nas montanhas. Sua luz horizontal banha o valle e branqueia os pardieiros escuros do convento. Não mora alli ninguem? Eu tenho desejo de correr aquella solidão.

SATAN. É uma propensão singular a do homem pelas ruinas. Devia ser um frade bem sombrio, ebrio de sua crença profunda, o jesuita que ahi lançou nas montanhas a semente d'essa cidade. Seria o acaso quem lhe poz no caminho, á entrada mesma, um cemiterio á esquerda e umas ruinas á direita? etc.

Veja-se na obra citada o mais que lá está e que não julgo necessario trasladar para aqui.

(16) *Carta escripta a sua irmã e datada de* S. *Paulo a* 12 *de Agosto de* 1851.

(17) *Lyra dos vinte annos*, p. 1, *Na minha terra*, p. 2 quando diz :

> Não é mais bella não a argentea praia,
> Que beija o mar do sul,
> Onde eterno etc.

(18) Discurso recitado na sessão academica de 11 de Agosto de 1849.

(19) O Sr. Dr. J. M. DE MACEDO, no seu *Discurso necrologico*, recitado a beira do tumulo.

(20) O Sr. Dr. J. J. Teixeira, *idem*.

(21) *Macario*, segundo episodio.

(22) Torquato Tasso lastimava-se não poder escrever as epopéas que traçára na mente. Mais felizes do que elle fôram a esse respeito Calderon de la Barca e Lope de Vega Carpio, que viveram quasi pelo mesmo tempo e morreram com a mesma idade, isto é, 73 annos. Dizem que o primeiro compoz 1500 peças dramaticas e o segundo 1800. Calcula-se que este imprimiu 21,300,000 versos e que escrevia, termo medio, 300 linhas de verso ou prosa por dia! Os portuguezes oppõe a essa fecundidade hespanhola a fecundidade portugueza representada na pessoa de Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, contemporaneo de Calderon, que produziu 35 discursos panegyricos, 60 ditos em latim, 32 orações funebres, 48 poemas epicos, 132 elegias, 115 epitaphios, 212 epistolas dedicatorias, 700 cartas familiares, 2,600 poemas heroicos, 110 odes, 3,000 epigrammas, 4 comedias latinas e 1 satyra em hespanhol. O padre José Agostinho de Macedo não se mostrou indigno do appellido do fecundo autor, e o Sr. Dr. J. M. de Macedo ahi vae pelo mesmo caminho!.....

(23) Vê-se de suas cartas o quanto trabalhou em todo esse anno de 1848.

Em 20 de Julho communicava que estava fazendo uma imitação do 5º acto do *Othello* de Shakspeare.

Em 23 de Agosto já tinha escripto cerca de 200 paginas de seu Conde Lopo, mas havia um mez que o deixara de parte. Remetteu a um de seus amigos os versos de um dos entre-actos. São o fragmento do canto: — *Em cordas de bronze*, que é o que resta d'essa producção dramatica.

Em 27 do mesmo mez achava-se traduzindo a *Parisina*,

uma das obras mais immoraes de lord Byron, compoz alguns versos no gosto das poesias eroticas de Augusto de Queiroga, que alli as deixára quando cursou a faculdade juridica.

Em 4 de Setembro tinha concluido a traducção do 5º acto do *Othello*, feita directamente do original, dizia elle, porque quando se podia ir a fonte não se bebia agua no rego das ruas. E concluia assim : « É um poema completo, n'um canto só embora. »

Remetteu n'essa data a descripção do crepusculo feita por Byron na sua *Parisina*, e é o que resta de toda a traducção, bem como o romance em verso e prosa. « Não o percas, dizia elle, porque este é o borrão e tenho tido preguiça de tirar d'elle copia. » A pressa com que o autor escrevia, mal acompanhando a velocidade de seu pensamento, tornava a sua escripta inlegivel e por isso deixaram de se publicar muitas de suas composições e outras perderam-se. O autor compunha com a maior avidez e nem sempre lia o que compunha e queixava-se que era porque a letra lhe sahia tão má que elle a não entendia. — *Carta de* 1 *Março de* 1850. « Versos, escrevia elle, versos, Luiz! pedes-me versos meus! Pudera-t'os eu dar para ler, se aqui estivesses, até enjoar-te; mas nem eu os leio — truncados em meio, sem fim ás vezes.. Acontece ás vezes que depois de lel-os eu os atiro fóra, ás vezes rasgo-os, mas ao menos antes me haviam elles concedido sonhar... » *Carta de* 18 *de Abril* 1849.

Alguns de seus condiscipulos o viram muitas vezes accender o seu cigarro n'um pedaço de papel que chegava ao candieiro que o alumiava. Infelizmente eram os seus versos que ardiam e assim se consumiam as inspirações de sua musa!

(24) Elle mesmo o asseverava, quando dizia na *Lyra dos vinte annos*, segunda parte :

> Junto do leito meu poetas dormem,
> O Dante, a Biblia, Shakspeare e Byron
> Na mesa confundidos.
>
> *Ideias intimas*, XI.

(25) No *Discurso necrologico* já citado.

(26) A quem dizia «A toi pour la vie (teu para sempre) como era a divisa italiana do Antony de Alexandre Dumas. » *Carta de* 4 *de sep. de* 1848. « Fui e sou teu amigo. Em quanto aqui dentro do peito bater-me quente o coração, teu nome acordará n'elle uma pulsação ; em quanto houver vida em minha alma, haverá n'ella uma lembrança tua. Bem vezes t'o hei dito, na hora, senão alegre, ao menos de esperança, t'o disse; agora, na hora senão triste, ao menos na hora da solidão, eu t'o repito. » *C. de* 18 *de Ab.* 1849. « Fallei-te sempre e sempre com a mão no coração. Se algum dia eu morresse moço ainda, na minha febre de ambiciosas esperanças, se — pobre imaginação de poeta! — o gelo da morte me corresse nas cellulas do cerebro, ha em algumas das minhas cartas a ti uma historia inteira de dous annos, uma lenda, dolorosa sim, mas verdadeira, muito verdadeira, no seu pungir de ferro, como uma autopsia de soffrimentos. » *C. de* 1 *Março* 1850. » A belleza do espiritualismo é o amor das almas, — essa afinação que as palpita unisonas par a par ainda na separação, ainda quando os sentidos que nos ligam á materia não tacteam mais o objecto que se ama. Adeus Assim como eu te amo, ama-me. Não esqueças entre as tuas campinas do Rio Grande, ao riso de labios de rosa onde se desvelam perolas, das tuas patricias bellas. » *C.* 18 *Ab.* 1849.

(27 Assim devia intitular-se a collecção das poesias d'estes tres amigos, desejo que jamais realisou-se. As de Alvares de Azevedo viram a luz posthumamente. Havendo o autor ao principio chamado-as *Brasileiras*, depois *Folhas seccas da mocidade de um sonhador* e finalmente *Lyra dos vinte annos de um trovador sem nome*, o qual prevaleceu quanto a primeira parte. O Sr. Dr. Bernardo Joaquim da Silva Guimarães publicou as suas, sob a denominação de *Cantos da Solidão*, que já contam duas edições. Aureliano José Lessa morreu, creio que em 1866, depois de haver-se formado no anno de 1853, sem que até hoje vissem a luz as suas poesias, a não ser uma ou outra em folhas avulsas. No Diario Official do Imperio, n. 38 de 8 de Fevereiro de 1867, vem uma noticia biographica que a seu respeito publicou o Sr. Dr. Theodomiro A. Pereira. « Como Alfredo de Musset, dice um de seus admiradores, Aureliano Lessa tem passado a sua vida no meio de um mundo gelado e triste. Sua alma ardente e phantastica é para elle um verdadeiro tormento n'esta terra fria, onde tudo murcha com a gravidade ridicula dos annos pelos lameiros.

« Depois de ter advogado algum tempo na Diamantina, Aureliano Lessa estabeleceu-se no Serro. Este logar, bem que illustrado, não tem um movimento litterario capaz de interessar a alma dos poetas ; o que fará elle pois ? Desgostoso da vida, terá arrebentado as cordas de sua lyra, ou, solitario no meio d'esses ermos, tange-a, preparando assim um bello legado a seu paiz? » Dr. Couto de Magalhães, *Esboço da historia litteraria da Academia de S. Paulo, cap. VII, p.* 308, *na Revista da mesma Academia, Jorn. scient. jur. e hist., S.* Paulo, 1859.

Sob o titulo de *Lyra dos Vinte annos* pretendeu o Sr. Dr. Couto de Magalhães publicar as poesias dos poe-

tas que se tem sentado nos bancos da Faculdade juridica de S. Paulo e que não são poucos. « Dei o nome de *Lyra de vinte annos*, escreveu elle na succolenta e noticiosa introducção já acima citada, a esta collecção por duas razões : 1° porque só collegi as poesias dos diversos autores que ahi figuram durante o seu periodo de estudantes e 2° por ser uma recordação historica. Alvares de Azevedo, Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa pretenderam dar esse nome a uma collecção de poesias que tinham de dar a luz em 1851 ; a morte do primeiro interrompeu o plano : reunindo-as eu n'este livro, assentei dar o nome que elles tinham premeditado, como um tributo de saudade a estes bellos genios. » *Idem*, p. 55.

(28) « Homem, escrevia elle, cuja memoria nos é muito saudosa pela perda de um laborioso erudito e de um sabio linguista. » *Litt. e civ. em Port., IV Ind., nota.* O barão de Planitz é um trabalhador incansavel; escreveu muito sobre a historia de todos os povos, e por vezes tive os seus manuscriptos em meu poder, confiados por elle para corrigir-lhe alguns descuidos de linguagem. Tudo isso desappareceu com a sua morte.

(29) Eis aqui a pintura feita por elle n'estes versos das *Ideias intimas*, *Lyr. dos vinte annos*, p. 1 :

Vivo fumando,
Minha casa não tem menores nevoas
Que as d'este ceo d'inverno. Solitario
Passo as noites aqui e os dias longos :
Dei-me agora ao charuto em corpo e alma ;
Debalde alli n'um canto um beijo implora,
Como a belleza que o sultão despreza.
Meu cachimbo allemão abandonado !
Não posseio a cavallo e não namoro,
Odeio o *lasquenet*. . . . . .
. . . . . .

Eia, bebamos!
É o sangue do genio o puro nectar
Que as almas do poeta diviniza,
O condão que abre o mundo das magias!
Vem, fogoso Cognac! É só comtigo
Que sinto-me viver. Inda palpito
Quando os effluvios d'essas gotas aureas
Filtram no sangue meu correndo a vida,
Vibram-me os nervos e as arterias queimam,
Os meus olhos ardentes se escurecem
E no cerebro passam delirosos
Assomos de poesia. . .

(30) « Quando não ha o amor ha o vinho; quando não ha vinho, ha o fumo; e quando não ha amor, nem vinho, nem fumo, ha o spleen. » *Macario pr. ep.*

(31) Ó santa inspiração! Fada nocturna!
Porque a fronte não beijas do poeta?
Gloria moribunda.

(32) « No licor com que Musset purpurisa a sua taça sente-se o resaibo dos vinhos queimadores de lord Byron, a opála dourada do Johannisberg e o fogo do *gin*, como os perfumes das rosas no falerno romano. » *Alfredo de Musset.*

Em *Macario* e no *Poema do Frade* são o cognac e o vinho citados como a melhor musa do poeta.

« Cognac! És um bello companheiro de viagem. És silencioso como um vigario em caminho, mas no silencio que inspiras, como nas noites de luar, ergue-se ás vezes um canto mysterioso que enleva!

« Cognac! Não te ama quem não te entende! Não te amam essas bocas feminis acostumadas ao mel enjoado da vida, que não anceiam prazeres desconhecidos, sensações mais fortes! » *Mac. pr. ep.*

« Quando se tem tres garrafas de Johannisberg na cabeça, sente-se a gente capaz de escrever um poema. O poeta arabe bem o disse : — o vinho faz do poeta um principe e de um principe um poeta. » *Idem.*

N'essas lividas mãos rompa-se a lyra!
Além canções cheirosas como o nardo
Que nos festins da noite o vinho inspira!
Não vedes que da guerra aos sonhos ardo?
Não vedes que meu cerebro delira
E arqueja em fogo o coração do bardo?
E como um rei trocara o meu laurel,
Meu reino por um ferro e um corcel?

Poema do Frade, c. I, est. II.

Ou, em quanto o meu calice transborda
Coralino licor e um puro havana
Sonhos da vida no vapor me acorda,
Venha o rosto gentil da Sevilhana,
Ou d'harpa aerea, tenteando a corda
Ao luar, a lasciva italiana
Co' as roupas de velludo desatadas
E a madeixa em torrentes perfumadas;

Quero a orgia que á noite desvaria,
Quando fresco o luar no céo fluctua
E a vaga se pratea de ardentia!
Perfumes, flores, a vertigem sua
Vertendo no festim que me inebria!
Lasciva a dansa voluptuosa e nua
Nas rosas que desfolha trepidando!
Pagens louros as taças coroando!...

Idem, c. I, est. VII e VIII.

De mais findou-se do licor meu copo
E, a secco, poetar jamais eu topo.

Idem, c. II, est. XXVII.

Que amores insensatos! Que delirios
Me accenderam as fontes consumidas!
Era no somno o perfumar dos lyrios,
Era o vinho das orgias desabridas!
Era a febre, o tremor, o beijo ardente...
— Como nas rochas bate o mar fremente!

Idem, c. IV, est. III.

(33) Na *Lyra dos vinte annos, p.* 1, *Lembrança de morrer*, diz elle :

Só levo uma saudade — é d'essas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas..
E de ti, ó minha mãi, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

(34) HENRIQUE HEINE era um de seus predilectos poetas, e na *Lyra dos vinte annos, part. III*, figura a traducção de uma de suas poesias — *Relogios e beijos*.

Na poesia *Spleen e charutos* vasou Alvares de Azevedo todo o seu bom humor. Como H. HEINE no seu *Livro de Lazaro*, n'aquella parte que intitulou *Minha desgraça* propondo-se a fazer um longo poema desiste da empresa por não ter um vintem para uma vela! No *Poeta moribundo*, porém, brinca com a ideia da morte e atavia de risos e flores o seu passamento :

Coração, por que tremes? Vejo a morte,
Alli vem lazarenta e desdentada...
Que noiva!... E devo então dormir com ella?...
Se ella ao menos dormisse mascarada!

Termina assim com esta imitação de HENRIQUE HEINE :

Ora e forcem uma alma como a minha,
Que no altar sacrifica ao deus Preguiça,
A cantar ladainha eternamente,
E por mil annos ajudar a missa!

(35) Os versos que o poeta põe na bocca de Bocage são a verdadeira pintura do amor ideal :

Amalia ! Armida ! Apparições formosas !
Eu amei sobre a terra as vossas sombras !
O ideal que vos anima e eu buscava
Vive apenas no céo ! Vou entre os anjos,
Entre os braços da morte, amar com elles !

Glor. morib., XIII.

Apesar das suas poesias inspiradas por Venus Vaga, o poeta repete em muitos logares a pureza de seus sentimentos, como n'estes versos :

Se a vida é lyrio que a paixão desfolha,
Meu lyrio virginal eu conservei ;
Sómente no passado eu tive sonhos
E outr'ora nunca amei.

Pallida imagem, est. VIII.

(36) A seu leito confiava os seus segredos de amor :

Meu pobre leito ! Eu amo-te comtudo !
Aqui levei sonhando noites bellas,
As longas horas olvidei, libando
Ardentes gotas de licor dourado !
Esqueci-as no fumo, na leitura
Das paginas lascivas do romance...

Meu leito juvenil, da minha vida
É a pagina d'ouro. Em teu estylo
Eu sonho-me poeta e sou ditoso,
E a mente errante devanea em mundos
Que esmalta a fantasia. Oh ! quantas vezes
Do Levante do sol entre Odaliscas
Momentos não passei que valem vidas !
Quanta musica ouvi que me encantava !
Quantas virgens amei ! Que Margaridas,

Que Elviras saudosas e Clarissas
Mais tremulo que Fausto eu não beijava,
Mais feliz que Don Juan e Lovelace
Não apertei ao peito desmaiado!
O' meus sonhos de amor e mocidade,
Porque ser tam formosos, se devieis
Me abandonar tam cedo... e eu acordava
Arquejando a beijar meu travesseiro.

Idéas intimas, est. X.

Tocava Alvares de Azevedo os extremos até no amor; e amava physica ou idealmente, como sómente sabem fazer os poetas: mas aquelle amor platonico que precede os castos amores nunca elle o sentiu, nem jamais o conheceu, não obstante os seus amores serem sempre com donzellas puras e virgens como os anjos.

N'uma das scenas de *Macario* vê-se a pintura d'esse amor:

MACARIO. Amo, amo sim. Passei toda esta noite junto ao seio de uma donzella, pura e virgem como os anjos.

PENSEROSO. Que tens? Cambaleias! Estás ebrio?

MACARIO. Ebrio sim, ebrio de amor, de prazer. Aquella criança innocente embebedou-me de gozo. Que noite! Parece que meu corpo desfallece. E minha alma absorta de ternura só tem um pensamento, morrer.

PENSEROSO. Amar e não querer viver?

MACARIO. Ella é muito bella. Eu vivi mais n'esta noite que no resto de minha vida. Um mundo novo se abriu ante mim. Amei.

Mesmo na idealidade de seus amores transparece por demais o amor physico, como se os sentidos actuassem sobre a voluptuosidade da imaginação.

Como não são bonitas pelo seu colorido melancolico as

estancias 15, 16, 17, 18 e 19 da *Virgem morta, da I p.* da *Lyra dos vinte annos?* N'uma dellas diz :

> No leito virginal de minha noiva
> Quero nas sombras do verão da vida
> Prantear os meus unicos amores,
> Das minhas noites a visão perdida.

(37) Em *Macario*, n'uma de suas innumeras scenas, diz elle : « Uma orgia esplendida como n'um romance. Teremos os vinhos da Hespanha, as pallidas voluptuosas da Italia, e as Americanas morenas, cujos beijos tem o perfume vertiginoso das magnolias e o ardor do sangue meridional. »

(38) A par d'esses esforços litterarios, nasceu em 1845 uma planta parasita, que legou a S. Paulo tristes recordações : fallo da Sociedade Epicuréa. Composta de um grande numero de moços talentosos, tinha ella por fim realisar os sonhos de Byron. Um dos socios que vive hoje em Minas narrou-me o seguinte :

« Eram diversos os pontos em que nos reuniamos, ora nos Inglezes, ora n'algum outro arrabalde da cidade. Uma vez estivemos encerrados quinze dias em companhia de perdidas, commettendo ao clarão dos candieiros, por isso que todas as janellas eram perfeitamente fechadas desde que entravamos até sahirmos, toda a sorte de desvarios que se póde conceber. »

« Eu tinha tomado nota dos nomes dos fundadores ; não os encontro agora e assim não posso apresental-os : se porém apparecerem, irão no fim do volume em forma de appendice.

« Alguns estudantes que se entregaram mais doudamente a estes excessos ou que eram dotados de uma

constituição menos robusta, de lá sahiram com molestias de que depois morreram.

« Esta associação teve uma grande influencia na poesia da nossa mocidade; quem ler successivamente os diversos jornaes sente accentos desesperados nos versos que correspondem a essa epocha. Dizem que Alvares de Azevedo na sua *Noite na Taberna* descreveu, em parte, uma d'essas scenas. » *Esboço da hist. litt. da Acad., — Rev. da Acad. de S. Paulo, — Jorn. scient, jur. e hist., p.* 264.

(39) *Carta ao Sr. Dr. Luiz Antonio da Silva Nunes, de* 1 *de Março de* 1850. A ultima obra foi escripta tão inlegivelmente que não foi possivel publical-a.

(40) Idem.

(41) Em todas as suas composições em prosa ou em verso, quer serias, quer humoristicas, deixou o author a idéa que o predominava, o presentimento de sua morte, como se vê nos seguintes extractos :

« Luiz, ha ahi não sei *quê* no meu coração que me diz que talvez tudo esteja findo entre nós. — Será uma mentira, uma d'essas gottas de fel que se embebem no cerebro como uma loucura ou um presentimento negro, embora verdadeiro, como o primeiro pio da procellaria aos preludios do vendaval por alto mar? *Carta ao Sr. Dr. L. A. da Silva Nunes, de* 1 *Março* 1850.

« Se algum dia eu morresse moço ainda, na minha febre de ambiciosas esperanças, se — pobre imaginação de poeta ! o gelo da mórte me corresse nas cellulas do cerebro, ha em algumas de minhas cartas a ti uma historia de dous annos. » *Idem.*

Todos aqui me estranham este anno o taciturno da vida e o peso da distracção que me assoberba. O meu viver

solitario, fechado só no meu quarto, o mais das vezes *lendo sem ler*, escrevendo sem ver o que escrevo, scismando sem saber o que scismo — talvez alguma lagrima furtiva rolou pela face de minha mãe... Pobre mãe! — Não é assim, meu Luiz? Pobres (não o cres?) daquellas que vêm o filho pender e murchar pallido, como os sons da musica sombria que elle só escuta! » *Idem.*

Lá na terra da vida e dos amores
Eu podia viver inda um momento,
Adormecer ao sol da primavera
Sobre o collo das virgens de Sorrento

Italia, I, est., etc.

A existencia dolorida
Cansa em meu peito : eu bem sei
Que morrerei!
Comtudo da minha vida
Podia alentar-se a flor
No meu amor!

Do coração nos refolhos
Solta um ai! N'um teu suspiro
Eu respiro!
Mas fita ao menos teus olhos
Sobre os meus; eu quero os ver
Para morrer!

O past. mor., est. I e II.

Deixae que eu morra só! Em quanto o fogo
Da ultima febre dentro em mim vacilla,
Não venham illusões chamar-me a vida,
De saudades banhar a hora tranquilla.
Meus Deus, que eu morra em paz! Não me coroem
De flores infecundas a agonia!
Oh! não doire o sonhar do moribundo
Lisonjeiro pincel da phantasia!

Tarde de verão, est. I e II.

É tarde, amores, é tarde;
Uma scentelha não arde
Na cinza dos seios meus...
Por ella tanto chorei
Que mancebo morrerei...
Adeus, amores, adeus!

Tarde de Outomno, ult. est. IV.

Tenho febre ... meu cerebro transborda...
Eu morrerei mancebo, inda sonhando
Da esperança o fulgor!
Oh! cantemos ainda! A ultima corda
Inda palpita... Morrerei cantando
O meu hymno de amor!

Hymn. do Proph., I, est. IV.

De meus dias a lampada se apaga:
Roeram meu viver mortaes venenos;
Curvo-me ao vento forte.
Teu funebre clarão que a noite alaga,
Como a estrella oriental, me guie ao menos
Té ao valle da morte.

Idem, II, est. X.

Sombras do valle, noites da montanha,
Que minha alma cantou e amava tanto,
Protegei o meu corpo abandonado
E no silencio derramae-lhe um canto.

Mas quando preludia ave d'aurora
E quando á meia noite o céo repousa,
Arvoredos do bosque, abri as ramas...
Deixae a lua pratear-me a lousa!

Lemb. de morrer, ult. est.

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã,
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã.

Se eu morresse amanhã, etc.

Debalde nos meus sonhos de ventura
Tento alentar minha esperança morta
E volto-me ao porvir...
A minha alma só canta a sepultura,
E nem ultima illusão beija e conforta
Meu suarento dormir...

Tenho febre... meu cerebro transborda...
Eu morrerei mancebo, inda sonhando
Da esperança o fulgor.
Oh! cantemos ainda! a ultima corda
Treme na lyra... Morrerei cantando
O meu unico amor!

Doze de Set., est. II e III.

Adeus, meus sonhos, eu pranteio e morro!
Não levo da existencia uma saudade!
E tanta vida que meu peito enchia
Morreu na minha triste mocidade!

Ad. meus son., est. I.

Embora! É meu destino. Em treva densa
Dentro do peito a existencia finda...
Presinto a morte na fatal doença!

Soneto.

E cedo morrerei; sinto-o, nas vêas
O meu sangue se escoa vagaroso,
Como um rio que secca nas areas,
Como donzella que desmaia em gozo!
Teus labios, fada minha, me queimaram
E as languidas arterias me esgotaram!

Poem do frade, c. III, est. L.

(42) Na seguinte ordem :

1850. — Feliciano Corrêa Duarte.
1851. — João Baptista da Silva Pereira.
1852. — . . . . . .

(43) Disc. por occasião da morte de J. B. da Silva Pereira.

(44) A poesia *Se eu morresse amanhã!*

(45) Foi então que elle compoz aquelle soneto que termina por estes tercetos :

Embora — é meu destino! Em treva densa
Dentro do peito a existencia finda,
Presinto a morte na fatal doença.

A mim a solidão da noite infinda!
Possa dormir o trovador sem crença...
Perdoa, minha mãe, eu te amo ainda!

(46) « Sim, é um anjo que nos adormece e nos seus braços nos leva a uma região de sonhos de harmonias desconhecidas. Sua alma se perde comnosco n'um infinito de amor, como essas aves que voam á noite e mergulham no seio do mysterio. » *Macario.*

(47) « L'ode à la vieillesse n'est pas moins saisissante. Il lui crie le fatal *basta!* mais la console en lui faisant voir les mystères de la vie éternelle, le réveil dans le sein de Dieu. » F. Wolf, *Le Brésil littéraire, ch.* 14, *p.* 145.

(48) *Disc. rec. na ses. fun. do Ens. ph. Paul. em* 25 *de Maio de* 1852.

(49) A operação de um tumor na fossa iliaca feita pelo Sr. Dr. Bompani, segundo a informação que me deu o meu amigo o Sr. Dr. Moreira de Azevedo. D'esta mesma enfermidade veio a perecer seu irmão Ignacio de Azevedo, com 18 annos de idade, e cuja prematura intelligencia promettia um poeta da força e vigor de seu irmão.

(50) « As forças foram pouco e pouco fugindo-lhe, e quando sentiu proxima a sua hora ultima pediu para ouvir missa, no que não pôde ser satisfeito por ser domingo, mas confessou-se e ungiu-se. » *Carta que me dirigiu o Sr.* Dr. Moreira de Azevedo.

(51) *Carta do Sr.* Dr. Moreira de Azevedo.

(52) Foram elles os Srs. Drs. Joaquim José Teixeira, Joaquim Manuel de Macedo e Domingos Jacy Monteiro.

(53) *Francisco* Bernardim Ribeiro, nascido no Rio de Janeiro aos 12 de Julho de 1815, falleceu em 15 de Junho de 1837, com 26 annos, 11 mezes e 3 dias.

Antonio Francisco Dutra e Mello, nascido tambem no Rio de Janeiro a 8 de Agosto de 1823, falleceu em 22 de Fevereiro de 1846, com 22 annos, 6 mezes e 14 dias.

Antonio Joaquim Franco de Sá, nascido em 16 de Julho de 1836, falleceu em 26 de Janeiro de 1856, com 19 annos 6 mezes e 10 dias. « Que noite! Que triste noite! » foram as palavras de seu delirio.

Luiz José Junqueira Freire, nascido na Bahia a 31 de Dezembro de 1831, falleceu a 24 de Junho de 1856, com 24 annos, 5 mezes e 24 dias.

Casimiro J. M. de Abreu, nascido na Provincia do Rio de Janeiro a 4 de Janeiro de 1837, falleceu em 18 de Outubro de 1860, com 22 annos, 9 mezes e 14 dias, pronunciando estas palavras : « A morte será tam temivel assim? »

Castro Alves, falleceu em Junho de 1871.

(54) « E' uma ceremonia tocante de melancolia sublimada essa... em que trezentos ou quatrocentos jovens, vestidos de negro,se unem para dizer o ultimo adeus ao

companheiro que abandonou a vida antes de ter chegado ao termo da viagem : a mocidade é um contraste de dôr ; e esses quadros tornam-se tanto mais cheios de poesia profunda, quando os que n'elles figuram são moços pela maior parte imberbes. A morte tem sido cruel para a mocidade, ceifando ordinariamente aquelles a quem ella mais estima.

« A 23 de Maio de 1853 celebrou o Ensaio,pela morte de Alvares de Azevedo, uma sessão celebre n'este genero. » COUTO DE MAGALHÃES, *Esboço da hist. litt., Rev. acad. de S. Paulo*, 1859, *p.* 266.

(55) A sessão funebre que celebrou o Ensaio philosophico paulistano foi presidida pelo Dr. Amaral Gurgel, que pronunciou o discurso da abertura.

Oraram em verso : Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, depois lente da Faculdade; José Diogo de Menezes Fróes,depois advogado no foro de Nictheroy, morto; José Bonifacio de Andrada e Silva, hoje conselheiro, lente da Faculdade, ex-deputado a Assembléa Geral e ex-ministro do imperio; P. J. M. Rodrigues da Costa.

Oraram em prosa : Antonio Ferreira Vianna, orgão da associação, presentemente advogado, presidente da Illustrissima Camara Municipal e ex-deputado geral; Felix Xavier da Cunha, ex-deputado, publicista, morto; Antonio Carlos Carneiro Viriato Catão; João Pires da Silva Junior; Manuel Antonio Duarte de Azevedo, conselheiro, advogado, ex-deputado geral e ex-ministro do imperio, etc.; F. da Costa Carvalho; Jeronymo José Teixeira Junior, conselheiro, advogado, ex-presidente da Camara dos deputados e ex-ministro da Agricultura, etc.; José

Maria de Sá e Benevides, ex-presidente das provincias de Minas Geraes e Rio de Janeiro; Manuel Francisco Correia, conselheiro, director da Repartição da Estatistica, ministro dos negocios estrangeiros e ex-deputado a Assembléa geral, etc.

(56) *Disc. rec. na ses. fun. do Ens. ph. Paul.*

(57) « É preciosa cousa a individualidade. Fôra melhor nada ser e ser si proprio, que ressumbrar a caricatura ou a prosa polida de um grande homem : fôra para decepcionar parecer com Voltaire, Napoleão ou Byron. » ALFONSO KARR, citado por ALVARES DE AZEVEDO no seu estudo sobre JORGE SAND.

(58) « Duvido sempre, descreio as vezes. Parece-me que este mundo é um lôgro. O amor, a gloria, a virgindade, tudo é uma illusão. » *Macario.*

(59) *Estudo sobre Alfredo de Musset, VIII, synthese.*

(60) *Macario.*

(61) *Idem.*

(62) *Estudo sobre Alfredo de Musset, VIII, synthese.*

(63) *Macario.*

(64) *Idem.*

(65) No seu estudo—*Litteratura e civilisação em Portugal* diz o autor que sem lingua a parte não ha litteratura a parte. Na *Historia da litteratura brasileira* combato semelhante opinião partilhada por muitos, pois não são as linguas sómente que constituem as litteraturas. « E demais, ignoro eu, escrevia elle, que lucro houvera — se ganha a demanda — em não querermos derramar nossa mão cheia de joias n'esse cofre mais abundante da litteratura patria; por causa de DURÃO não podermos

;hamar Camões nosso; por causa... por causa de quem?... de Alvarenga? nos resignarmos a dizer estrangeiro o livro de sonetos de Bocage! » E por ventura são esses poetas brasileiros? Pertencem-nos como nos pertence a lingua portugueza, mas por certo que não levantariamos uma estatua a Camões ou a Bocage em nosso solo, para deixarmos Basilio da Gama ou Caldas em eterno esquecimento.

(66) O autor que não queria, como se vê em a nota precedente, a divisão das litteraturas da lingua portugueza segundo as suas nacionalidades para não deixar de chamar de nosso os *Lusiadas* e de nacionaes os sonetos de Bocage, é quem perguntava no *Discurso* pronunciado na sessão da installação da sociedade academica Ensaio philosophico : « Sem uma philosophia, sem uma poesia nacional, como quereis uma nação? A copia livida do que vae pelo mar além poderá ser o sangue de uma nação? O parasitismo scientifico poderá ser condição de vida para a intelligencia de um povo? »

No *Discurso academico*, lido na sessão commemoradora do anniversario da fundação dos cursos juridicos no Brasil, transluz o amor da patria que anima o autor, o qual, passando rapidamente os olhos pelo movimento scientifico que se tem operado no mundo com a creação das universidades, viu o grande destino da terra de Santa-Cruz na cruzada da civilisação do universo, viu as sciencias, lettras e artes se encaminhando para o imperio diamantino, e a litteratura brasileira se levantando para occupar o seu logar de honra na republica das letras.

« Os filhos d'esta nossa America, onde os rios são oceanos, as montanhas gigantes, com seu manto de florestas e catadupas e corôa trovejada nas nuvens, e os

paramos extensões, immensas lastradas da mais luxuriante vegetação, a perder-se a vista n'elles, não nasceram para ficar immoveis ante o assombro d'essa natureza sublime. »

Applaudindo os nobres esforços de Gonçalves Dias, Magalhães, Penna, Macedo e tantos outros, o autor concluiu assim : « A regeneração litteraria de nossa terra deve sahir do meio de nós. Phalange do progresso, não ha ficarmos immoveis. Como ao Ashavero da tradição, uma voz nos brada sempre : — Caminha ! » E pois a essa regeneração ou movimento litterario é que se dá o nome de litteratura brasileira, e nem por isso deixaremos de ler os *Lusiadas* de Camões ou os sonetos de Bocage.

Alvares de Azevedo prometteu occupar-se com esta questão de nacionalidade litteraria em outro logar, mas não o fez. Como vê-se não tinha ainda firmada a opinião a este respeito.

(67) No estudo litterario—*Litteratura e Civilisação em Portugal*, fallando da *Nova Castro*, diz que João Baptista Gomes errara ao fazer a sua empolada imitação, e accrescenta : « O que era mister ao velho nume da Castro, não era um homem como o pautador das inspirações goteadas das rugidoras selvas druidicas do Inglez ; era porventura antes um Alfredo de Vigny que ahi cercasse alguma antigualha d'esses desvarios da mente que os contemporaneos da creação de Hamleto e Othello applaudiam e hoje desdizem com a scena moderna, etc. » Nos estudos dramaticos *Puff* cahe n'esta contradicção : « Não se pareceria com o de Ducis, nem com aquella traducção bastarda, verdadeira castração de Othello de Shakspeare, feita pelo poeta sublime do Chatterton, o conde de Vigny, etc. »

(68) « Um dos talentos mais madrugadores da terra de

Santa-Cruz, » exprimiu-se assim o Sr. Cons. José Feliciano de Castilho a seu respeito.

(69) *Puff*, prologo de seus *Estudos dramaticos*.

(70) *Idem*.

(71) Veja-se a sua *Carta sobre a actualidade do theatro*, a qual está cheia de verdades.

(72) Prologo de seus estudos dramaticos.

(73) *Idem*.

(74) *Idem*.

(75) *Idem*.

(76) Veja-se o que elle diz no *Poema do Frade*, *c. I, est.* 14.

(77) Os seus *Estudos litterarios*, e sobre tudo *Litteratura e Civilisação* em Portugal offerecem muitos exemplos, que não cito por longos. O sestro da erudição passa do autor a suas personagens. *Macario* é um erudito de primeira plaina. « Sou daquelles, diz elle, de quem falla o *Corsario* de Byron :

« Whose soul would sicken over the heaving wave. »

Quando o Desconhecido lhe pergunta se enjoa a bordo, responde Macario : « É a unica semelhança que tenho com D. Juan. »

Satan, interlocutor no drama-romance *Macario*, ainda tem sua razão, por isso que deve conhecer todo o mundo e terá lido todos os auctores, percorrendo todos os paizes. Cita as fallas de Romeo ao luar, os suspiros de Armida, os sonetos de Petrarcha, as amantes de Philippe II, os personagens de Shakspeare como *Falstaff*, etc., etc.

(78) O Discurso recitado na Sociedade Ensaio Philosophico provocara a seu pai, que outr'ora figurára no partido conservador, alguns reparos acerca de seu liberalismo exagerado levado ás raias do republicanismo. Na *Carta* que lhe escreveu a 3 de Julho de 1850 explicou o filho o seu pensamento, pois a respeito do deleixo que notara quanto á instrucção publica, referia-se aos governos de todas os credos que nenhum caso faziam da Constituição do imperio.

(79) *Litt. e Civ. em Port.*

(80) Que harmonia não reina na poesia *Sonhando?* Como tambem são lindos os versos d'aquelle *Adeus* com que termina *O poeta :*

« Adeus! Rasgou-se a pagina saudosa
Que teu porvir, etc. »

E os *Ais...* em que diz :

Une nos labios teus tua alma á minha!

A ultima estrophe do *Desalento* é uma bella interrogação ao Creador :

Que me resta, meu Deus? aos meus suspiros
Nem geme a viração,
E dentro, no deserto de meu peito
Não dorme o coração?

A derradeira estancia da *Pallida innocencia* é escripta com este primor :

Quem te amasse! E um momento,
Respirando o teu alento,
Recendesse os labios seus!

Quem lera, divina e bella,
Teu romance de donzella,
Cheio de amor e de Deus!

O seguinte final de um *soneto* é de um bello effeito :

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti as noites eu velei chorando!
Por ti nos sonhos morrerei sorrindo! »

Este trecho da poesia *Na varzea* é sublime :

« Tudo acorda, meu Deus, n'estas campinas!
Os cantos do Senhor erguem-se em nuvens,
Como o perfume que evapora o leito
Do lyrio virginal! »

E aquellas estancias em que termina o quinto canto do *Poema do Frade* são dignas de um grande poeta :

Meu céo! Minhas montanhas verdejantes,
Setim azul da languida bahia!
Manhãs, etc.

(81) Como por exemplo a bonita canção de Don Juan, evocado do sepulchro pelo poeta :

« Ó faces morenas! Ó labios em flor
Ouvi-me, etc. »

Sombra de D. Juan.

(82) No *Poema do Frade* todo o primeiro canto com as suas 35 estancias constitue o seu prologo, que afinal o poeta conhece que vae a não acabar :

« Basta, foi longo o prologo, confesso! »

O seu *Charuto* occupa 16 estancias do terceiro

(83) A *Canção do sertanejo* tem suas reminiscencias com a *Canção do exilio* de Gonçalves Dias. Muitas vezes usa dos mesmos epithetos, como *frouxo* luar etc. na poesia *Tenho um seio que delira.*

(84) O *Poema do Frade* é uma imitação do Don Juan.

(85) Veja-se a nota.

(86) A *Gloria moribunda*, em que figura Bocage, é uma imitação de *Jacques Rolla* de Musset, e o poeta portuguez, o rei do improviso, morre nos braços de uma prostituta, sobre a calçada da rua, como *Jacques Rolla* nos braços da *Marion!*

(87) Como a noite de luar na poesia *Um cadaver de poeta :*

> Veio a lua,
> Banhando de tristeza o céo nocturno;
> Derrama, etc.

E aquella madrugada descripta por Claudius Hermann na *Noite da taberna*, etc., etc.

(88) Sem mestre e apenas com simples leituras o Sr. Carlos Luiz do Nascimento, insigne retratista, tornou-se perito na arte da restauração dos velhos quadros não só da Academia das Bellas Artes e sua Pinacotheca, como dos da Santa Casa da Misericordia e outros estabelecimentos d'esta côrte.

(89) Lá uma ou outra vez offerece o descuido de algum gallicismo, como n'este verso :

> « Que um outro anginho chamou. »
> *Anginho.*

O Sr. Dr. D. Jacy Monteiro nota gallicismos em seus escriptos, mas esse abuso é dissimulado, pois que apenas

consta do torneio da phrase, menos portugueza de cunho, porém mais apropriado a nossa linguagem moderna. Ha escriptores que a força de se tornarem classicos se fazem pesados; são moços com a linguagem de velhos; por isso Gonçalves Dias mostrou que, se não trajava á antiga portugueza, como os mata-mouros, era por que não o queria, e quando o quiz, o fez, e para isso vestiu o burel de *Frei Antão*.

(90) Para prova lêa-se o seguinte trecho da *Litt. e Civ. em Port.*:

« O Edda das proezas elysias não é só os *Lusiadas*. Cada lauda dos fastos dos páramos e serranias de áquem do Aqueda e do Guadiana, dos campos baptizados no sangue infiel dos homens da contra costa, é um canto de Iliada architectonica, como os Nibelungen e o Antar Oriental, coroado de sacrosantas reminiscencias, Biblia de velhas tradições portuguezas, como o Edda Islando-Scandinavo, ou o Chanameh Persa, a epopéa mythica do Oriental, onde elle entrelaçara, como um baixo relevo de Pompéia, os feitos dos homens antigos no seu véo de mysticas tradições, ou por ventura os threnos dos bardos cimbricos nos dolmens druidicos de Hirmensul, corôa gigantesca entresachada de flores poeticas, que enlouram victorias e onde desapertam enliçadas rosas rúbidas e violetas de amethysta de langues aromas em seus halitos mimosos, d'essa grinalda das molles canções que se chama o amor..... » *P. II Lusos e Portuguezes*.

Ha outros trechos de igual exageração de estylo.

(91) Exemplos :

« Que nau cheia de gloria e de esperanças,
Floreada ao vento a rubida bandeira,
Na luz, etc.

Crepusc. no mar.

« Estrellinhas azues do céo vermelho,
Lagrymas de ouro sobre o véo da tarde,
Que olhar celeste em palpebra divina
Vos derramou tremendo?

Crep. nas mont.

« Como á brisa vernal na relva molle
O pecegueiro em flôr derrama flôres. »

Tarde de verão.

(92) Exemplos :

Lá bem na extrema da floresta virgem,
Onde na praia em flôr o mar suspira.

A virgem morta.

Foi um anjo! e murchou-se como as flores,
Morreu sorrindo como as virgens morrem.

Um cadaver de poeta.

Anjo da vida passa nos meus olhos,
E meus labios orvalha de esperança.

Lag. da vida.

Teu funebre clarão que a noite alaga.

Hymn. do poet.

Irei deitar-me n'essas trevas santas,
Banhar-me na friez lustral da morte.

Idem.

Que vida que se bebia
Na noite, que parecia
Suspirar de sentimento!

No mar.

Vae a lua sedenta e vagabunda
O teu berço banhar na luz saudosa,
As tuas noites estrellar de sonhos
E beijar-te na fronte vaporosa.

Italia.

É vermelho de sangue o vêo da noite
Que na luz do crepusculo se banha.

Crep. no mar.

Rubro flammeja o céo sanguinolento
Da tarde na agonia.
No cinereo vapor o céo desbota
N'um azulado incerto.

Crep. nas mont.

« Onde o vento adormece e se perfuma. »

Anima mea.

(93) Exemplos :

É ella, é ella, meu amor, minh' alma!

É ella, é ella! murmurei tremendo.

É ella! É ella!

A gloria, a gloria! Meu amor foi ella!

Gloria moribunda.

Amei, amei! nos sonhos, nas vigilias.
Amor! Amor, meu sonho de mancebo
Ouvi, ouvi no leito da miseria.

Idem.

(94) A poesia *O lenço d'ella* repete o ultimo verso de uma maneira harmoniosa no fim de cada estrophe, o que faz lembrar certos idyllios de Bocage, servindo a palavra pranto de estribilho obrigado :

— Volveu-me os olhos humidos de pranto.
— E deu-me o lenço que orvalhava o pranto.
— O lenço della que orvalhava o pranto.
— O lenço que banhei tambem de pranto.

(95) Exemplos :

Dei ao diabo os namoros. Escovado,
Dei de pernas corrido e cabisbaixo.

Nam. a Cav.

Porque não durmo quando o sonho passa,
E do passado o manto profanado
Me roça pela face?

Sombra de D. Juan.

A embriaguez preferia, em meio d'ella
Preferia das noites na demencia.

Poema do Frade.

. . . . todos dormiam.
Não podia dormir. . . . . .
Não o póde.

Idem.

Não ouvieis do labio as melodias
Que vibrava a paixão? Não as ouvieis?

Idem.

Onde correis, meus desgraçados versos!
A tempo os açamei! Onde corriam!

Idem.

(96) Exemplos :

« Dormia pesado e fundo como o apostolo São Pedro no Horto das Oliveiras... O caso é que ambos tinham ceado á noite. » *Noite na taberna.*

« Deus dorme no seio da creação, como Loth no regaço incestuoso de sua filha. » *Macario.*

(97) Diz Macario :

« Deem alguma ponta de charuto ao burro que está suado como um frade bebado! »

« Deverias ser puro como um anjo e és devasso como um conego. »

Estes exemplos tiveram imitadores, como vê-se no *Genesco*, romance da vida academica, impresso em S. Paulo.

(98) Exemplo.

« Pobre mãe! embala-o nú... » trata-se nada menos de um mancebo! V. *Macario, seg. ep.*

« E porque não se morre de amor? Como uma estrella que se apaga pouco e pouco entre perfumes e nuvens côr de rosa, porque a vida não desmaia e morre n'um beijo de mulher? Seria tão doce inanir e morrer sobre o seio da amante enlanguescida! No respirar indolente de seu collo confundir um ultimo suspiro! » *Macario, seg. ep.*

« Com as mãos virgens porque vibrou o alaúde lascivo, esquecido n'um canto do lupanar? » *Idem.*

« Mulheres? tel-as virgens, adulteras ou prostitutas... O amor? dar-te-hei donzellas que morram por ti e realisem na tua fronte os sonhos de seu hysterismo. » *Idem.*

« Porque lembrar a estrella do amor á luz do lampeão da crapula? » *Noite na taberna.*

« A poesia é um gozo mystico pelo qual a virgem morre de volupiae sem sabel-o por que. » *Idem.*

« Falla-me antes na belleza de uma virgem nua. » *Macario, pr. ep.*

« Quereis vel-a? Está nua... » *Idem.*

« A virgindade é uma illusão! Qual é mais virgem, aquella que é desflorada dormindo ou a freira que ardente de lagrymas e desejos se revolve no seu catre, rompendo com as mãos sua roupa de morte, lendo algum romance impuro? *Macario, prim. epis.*

« A virgindade d'alma póde existir n'uma prostituta e não existir n'uma virgem de corpo. Ha flores sem perfume e perfume sem flores. » *Idem.*

(99) *No Poema do Frade* ha este verso :

« Se d'esta canção negra não gostaes. »

que o Sr. Dr. Jacy Monteiro preferiu a esta variante :

« Se não gostaes d'esta canção sombria. »

Mas este rima com harmonia e phantasia, e nunca deveria ser preferido o primeiro. Restituiu ao seu logar.

(100) Não pude ainda vencer a repugnancia de ler versos escriptos á moda hespanhola. Tirarem essa pompa orthographica ao verso é despojal-o de sua magestade; as edições perdem com isso toda a sua elegancia, pela falta de symetria que d'ahi resulta, restando-lhe uma tal ou qual pareçença com prosa mal estampada; nem sei que nen hum povo europeu tenha adoptado semelhante orthographia.

(101) Exemplos :

Pelo astro, pela donzella.

Anginho.

Das gaivotas do alto mar.

Sem titulo.

Effluviosa gratidão.

Canto do sertanejo.

Do anjo das utopias.

Crep. no mar.

As aventuras tam choradas.

Farde de Outono.

É a voz d'ella um hymno.

Idem.

A aurora é tua irmã.

Cantiga.

Da oriental seminua.

Sombra de Don Juan.

A cantilena do sabiá sombrio.

Anima mea.

É uma visão medonha uma caveira

Gloria moribunda.

Procura na illusão tua lembrança.

Leg. da vida.

A vida é uma planta mysteriosa.

Frindade.

Dei ao diabo os namoros, Escovado....

Nam. a cavallo.

E deixam gota a gota no argenteo orvalho.

Na varzea.

E quando eu amo ao clarão da lua.

Poema do Frade.

A embriaguez preferia; em meio d'ella....

Idem.

Na poesia *Sombra de Don Juan*, parte V, todos os versos de cinco syllabas das quatro estrophes terminam com as palavras Don Juan e os versos tornam-se grandes.

(102) Exemplos:

Todos o viam e passaram todos.

Um cadaver de poeta.

Um poeta é um poeta — apenas isso.

Idem.

Não sou original! É uma desgraça.

Bohemios.

Esquece-lhe a viagem enfadonha.

Poema do Frade.

(103) Exemplos:

A rosa da manhã cedinho aberta.

Imitação.

Cada flôr a noitinha de leve.

Trad da Parisina..

Na scisma que anginho te conta segredos.

Scismar.

São meigos anginhos, são filhos de Deus.

Anjo no mar.

E os pobres anginhos estão a chorar.

Idem.

Com os anginhos do céo.
E da noitinha as aragens.

Can. do sert.

E o longo valle de florinhas cheio.

Na minha terra.

Estrellinhas azues do céo vermelho.

Crep. nas mont.

Na poesia *Anginho*, que ja é um diminuitivo, não ha menos de tres :

No frio da facesinha.
Pobresinho! O que soffreu.
Que um outro anginho chamou.

(104) Nos fragmentos de um canto *Cordas de bronze* os versos saphicos nem sempre tem a pausa sobre as syllabas 2ª, 4ª, 8ª e 10ª, tanto nos inteiros como nos partidos, como se vê nos seguintes :

A canção de meus ultimos amores,
Sonhos em que afoguei o ardor da vida.
Que lucra a alma descrida
Na orchestra dos ventos ?

Na ultima estancia da imitação dos versos de Queiroga começa por dous saphicos e muda para dous versos heroicos, sendo ainda estes desiguaes nas pausas :

Com os labios que fervem-me d'anhelos
E, teus olhos nos meus, morrer n'um beijo!

(105) Exemplos :

Os cavallos tocar p'lo bom caminho.

Um cad. de poet.

Um dia atravessando p'la floresta.

Bohemios.

Puchado p'lo nariz, o encher de lodo.

Idem.

(106) Era avesso ao trabalho das correcções, como elle mesmo o diz :

« Frouxo o verso talvez, pallida a rima
Por estes meus delirios cambetêa;
Porém odeio o pó que deixa a lima
E o tedioso emendar que gela a vêa. »

Poema do Frade.

(107) Como por exemplo n'estes versos :

« Pelo astro, pela donzella.

Anginho.

Voltarão amanhã aziagas sinas.

Hymn. do Proph.

(108) Como n'este periodo :

O caso é que é preciso que eu pergunte primeiro. Macario, prim episod.

(109) Um exemplo :

« *Só vela* Satan! »

Macario, id.

(110) O 1º e 2º canto do *Poema do frade* são em oitava rima. No 3º passa para sextilha, rimandoo 1º vero com

o 3º, o 2º com o 4º e o 5º com o 6º. Continua assim no 4º mas da 25ª oitava em diante rima até ao fim o 1º com o 2º e o 5º, e o 3º com o 4º e o 6º, innovação de mau effeito. No 5º canto continua com as sextilhas e rima como no 3º e principio do 4º. Nas estancias 30, 33, 34, 37, 39, 41, 42, 45, 47, 48 e 49 varia de novo, como no fim do 4º canto.

(111) Exemplos :

Contem do valle as florinhas.

O poeta.

Junto d'ella a noitinha.

Fui um doido.

Sejam só as estrellinhas.

C...

É a tua alma santinha.

Cantiga.

Nos olhos negros a alma inocentinha.

Saudades.

Os sonhos de sua alma inocentinha.

Virgem morta.

Noites, luas, estrellas da noitinha.

Poema do Frade.

(112) Exemplos :

Como a teus dedos lindinhos
Vibra-me o seio aos dedinhos.

Sem titulo.

Como tremem teus dedinhos
Vibram-me n'alma os anginhos.

Idem.

Dando pão com manteiga ás criancinhas,
Sonhando-te a lavar as camisinhas.

É ella! É ella!

(113) Exemplo :

Desconhecido : Ahi encontrei-vos outra vez... A proposito, não *bebeis?*

Macario : Pois não *sabeis?* Essa, etc. *Macario, prim episod.*

« A tarde cahia, os vapores azues do horizonte se escureciam. Um vento frio sacudia as folhas da montanha. E vós contemplaveis a tarde que cahia. » *Idem.*

(114) Exemplo : « Eu era lindo então; que trinta annos lá vão, que ainda os cabellhos e as faces me não... etc, » *Noite na taberna.*

(115) Um exemplo :

> Porque recusas levantal-o agora?
> *Olha* co'migo! Que espaçosa fronte.
> *Ultima morrunda.*

Aponto estes descuidos para que os jovens e estudiosos escriptores, que tanto se apaixonam por Alvares de Azevedo, os procurem evitar. Já dice n'outro logar : « Não são erros que envergonhem, porém são nodoas que mancham a nitidez dos escriptos.

(116) Lopes de Mendonça, *Mem. de litt. cont. Perfis litterarios e art.*, 1855. *art.* 4°, *p.* 323.

PEÇAS ELEGIACAS

RELATIVAS AO AUTOR

I

DISCURSOS

PRONUNCIADOS

Por occasião de dar-se á sepultura, no cemiterio de Pedro II,

O ESTUDANTE

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO

A 26 DE ABRIL DE 1852.

Senhores:

Duas palavras ao pé desta cova onde vamos lançar um simples estudante.

Não venho aqui prantear a sorte de uma familia: Deus se amerceará d'ella e lhe dará o preciso conforto; venho render homenagem á virtude e ao talento, prantear a sorte da patria.

Sabeis quem era elle? Um genio a que só faltou o tempo. Sabeis quem elle era? Um poeta com as lavas de Hugo e de Byron e a uncção de Lamartine. Sabeis o que o futuro n'elle via? Um Kant e um Cousin, um Pereira e um Merlin. Ninguem que o conheceu achará que exagero.

Sabia conceber e meditar, exprimir-se em linguagem a mais corrente e sublime. A litteratura alleman, a ingleza, a italiana e a franceza nada de bello apresentão que lhe fosse desconhecido. Suas poesias são verdadeiras glorias, e as notas com que sellou os seus compendios lhes dão valor inestimavel; consultal-as ha de seu pai — advogado de nome, consultal-as hão de juizes e advogados de estudo e consciencia. Esse direito — o romano, — fonte de todos os direitos, mas entre nós tão desprezado, o estudou elle e sabia. Publicado ainda hontem, o nosso codigo do commercio já lhe era familiar; elle o havia já analysado, e confrontado com os codigos estranhos! Ao simples estudante confiei eu causas importantes, e as decisões dos tribunaes lhe coroárão os trabalhos.

Dizer-vos que era elle filho exemplar, mancebo que sublimava suas altas qualidades com a modestia com que as mostrava, seria repetir o que sabeis todos, o que todos sentis.

Escutai-o, e vereis patente o seu espirito religioso:

« A idéa de progresso e civilisação, escrevia elle em S. Paulo, está ligada áquelles que seguirão o Homem

Deus do Deserto ao Calvario, que baptizárão as frontes na chuva de sangue e n'agua suarenta escoada de um cadaver pelo cedro de uma cruz. »

Escutai-o ainda, e vereis seu amor patrio :

« Tudo está profanado; a propria imprensa tambem despio seu manto auri-azul de rainha, enlaivou-se de torpeza no lupanar da calumnia, e chafurdou-se no lodo até aos joelhos, que nem poderá dobral-os para orar a Deus.

« Que todos aquelles em quem arde a chamma do talento e amor patrio se reunão, porque das reuniões, quer litterarias quer politicas, das vozes das praças publicas, deve correr grande luz sobre o *problema*, deve tambem provir a solução d'elle ainda mais directa que da parte dos parlamentos, porque a chaga do povo é funda. A lei só olha a superficie ; e só a luz da religião e da sciencia póde baixar como o mergulhador do Oriente ao fundo d'aquelles mares.

. . . . . .

« Sem uma philosophia, sem uma poesia nacional, como quereis uma nação? A cópia livida do que vai pelo mar além poderá ser o sangue de uma nação? O parasitismo scientifico poderá ser condição de vida para a intelligencia de um povo?

. . . . . .

« Os palpites de brazileirismo no coração dos nossos governantes póde ser que acordem á voz da mocidade, ao reclamo de toda uma geração nova que vá dos

pés do altar das lettras a perguntar-lhes no leito do adormecimento : o que é feito de tanta jura de patriotismo leal, de liberalismo profundo ?

. . . . . .

« E quando um dia nosso corpo adormecer no nada, e os homens da terra esquecerem aquillo que foi nossa intelligencia, restará de nós pelo mar turbido das peregrinações do progresso a trilha assignalada pelo rasto de ardentias que deixa a náo sumida no horizonte dos mares pelas noites dos tropicos. »

Escutai agora sua carida de christan... Mas não, senhores, não devo aqui relatar o que este cadaver calou sempre. A sua caridade foi exercida nas trevas; basta que a conheça Deus.

Eu o vi expirar como um santo; vi-o expirar, chorei-o; mas choro ainda mais a patria que o perdeu.

Abençoai vós e respeitai a cova do estudante.

JOAQUIM JOSÉ TEIXEIRA.

Acaba de apagar-se uma vida bem preciosa : e, n'este dia funesto, não é só uma familia desolada que se debate nos abysmos da dôr, tambem a patria lamenta a perda de um filho prestimoso. O senhor Manoel Antonio Alvares de Azevedo era um joven das mais bellas

esperanças : entrado apenas no vigesimo primeiro anno de sua idade, chegava já ao termo de seus estudos de direito na academia de S. Paulo, onde só lhe faltava cursar o ultimo anno; talentoso e applicado frequentára sempre com brilhante aproveitamento todas as suas aulas ; juizes competentes admiravão já seus notaveis conhecimentos em diversos ramos das sciencias juridicas, e, como se poucos fossem ainda tão ricos dotes, Deus tinha accendido na alma do mancebo aquelle fogo sagrado da poesia que eleva o homem acima da terra e faz correr de seus labios em cantos sonoros a linguagem do inspirado : elle era poeta e, a par d'esse espirito elevado, seu coração era cheio de virtude, religioso, filho amante e devotado, bom amigo, modesto e agradavel : ninguem jamais o tratou que o não ficasse estimando.

Tudo pois parecia vaticinar-lhe o mais lisongeiro futuro : ainda um anno e o talentoso joven viria ornado com um titulo honorifico estrear sua fructuosa carreira ; o coração de seus pais palpitava de enthusiasmo, adivinhando os louros que coroarião a fronte do filho amado ; seus parentes e amigos já de antemão se ufanavão de seus triumphos ; a patria como que se sorria gostosa prevendo a gloria do distincto mancebo; mas de repente fatal enfermidade vem arrojal-o sobre um leito que lhe deveria ser de morte ; quaranta e seis dias são passados entre dubias esperanças e sinistros temores ; finalmente a morte inexoravel triumpha dos moa-

rosos cuidados da extremosa familia e das solicitudes de habilissimos medicos... a agonia se approxima... e o joven poeta, que resignado recebêra todos os soccorros da religião, o joven poeta, contricto e animado, com a alma de azas abertas para voar ao céo, com o pensamento embebido em Deus, mas ainda com o coração voltado para a terra, onde tinha de deixar tantos amores e tantas esperanças, fita os olhos em seu pai e tristemente balbucia : « Meu pai! que fatalidade! »

Enfim elle está morto; deixou-nos como provas do muito que poderia fazer pelas nossas letras alguns bellos discursos e grande numero de excellentes poesias; o Brazil perdeu n'este mancebo um cidadão dedicado e prestimoso, seus pais um filho que fazia a sua gloria e que honraria o seu nome, e todos nós perdemos um excellente amigo

Nós o vimos ainda ha pouco tempo cheio de vida e radiante de alegria; no em tanto o poeta parecia prever o seu proximo fim; alguns dias antes de adoecer confiou-nos uma poesia em que a sua morte parece prophetizada.

Senhores, permitti que eu conclua lendo-vos esses sentidos versos: escutai, é o canto do cysne (1).

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

(1) É a poesia : « Se eu morresse ámanhã. »

E a ti que sentias como poeta, a quem talvez o genio matou n'um beijo de fogo, a quem Deus daria na existencia a corôa mystica dos amores, a gloria suas visões, a noite seus perfumes, a lua suas lampadas de ouro... Boa noite!

M. A. Alvares de Azevedo, *á morte de F. Coelho Duarte.*

Amigo!... Irmão!... Não ouves? Porque emmudeces? Porque me não falla tua alma aquellas fallas doces e inspiradoras que jorravão d'esses labios sempre abertos ao sentimento, qual de fonte do céo jorrão immensidades de luz? Porque não derramas ainda sobre nós um pouco do teu esplendor, ó raio do sol, tão cedo roubado á terra?... Como se dilatavão diante de ti os rutilos horizontes! Quanta vida n'essas veias e quanta mocidade extincta! Quanto genio... ai de nós! Mas o genio não é da terra, almeja o céo, sonha com os astros, procura Deus, e se diverte com seus anjos... E tu, esperançoso e pensador, buscaste o céo; tu, poeta, foste ver realisados os teus sonhos dos astros; tu, crente, foste ter com Deus, divertir-te com seus anjos!...

Oh! bem o previas!... Sentias em derredor de ti esvoaçar uma ave de morte, ouvias o tetrico sussurrar de suas azas repercutir no imo de tua alma, como um mysterio entre tua alma e Deus...

E não te valeu de escudo tanta amizade, tanto amor immenso! Deixaste rebentar o collar de perolas da esperança que rojárão pelo chão de teu leito, e não as ajuntaste... e deixastel-as rolar uma por uma até perderem-se no infinito!

Onde essa mente que tanto ao longe expandia suas doçuras, suas harmonias? Porque te não posso eu erguer d'essa tumba? Porque não póde meu sangue dar-te vida? E porque te foste d'entre tantos braços que te cingião, como para obstar a esse desenho fatal?... Não vês os nossos prantos?... Não ouves os nossos soluços? Volta, volta ainda esses olhos para os que te procurão, te desejão, te chamão, humedecendo-te as faces luridas e chegando-te o calor de sua vida á rija frieza de teu corpo!...

Mas não! tu descansas... para que perturbar-te?... Tu dormes: fatigarão-te os trabalhos da existencia e precisaste repousar... Dorme pois, embalado pelos archanjos, um somno do céo... Hão-de rociar-te o leito as lagrimas ardentes dos teus, hão de perfumar-te as flôres do coração dos pais, dos irmãos, dos amigos — fallar-te-ha n'elles Deus — acompanhar-te-hão os sentimentos... Vai cumprir teus sonhos e sonha comnosco!

Adeus! Ainda nos fallaremos mais vezes: — lá na presença do Eterno tu ouvirás minhas palavras e me responderás; lá tambem conversaremos conversas ardentes de um fogo celeste, cheias de suavidade e dos

aromas dos anjos, cercados pelas flôres de Deus... Lá nos encontraremos... Adeus! Deixa dizer comtigo mesmo, deixa beber nos teus labios a minha ultima palavra diante do teu leito — Boa noite! Amigo!... Irmão! Boa noite!...

Domingos Jacy Monteiro.

II

SESSÃO FUNEBRE

DO

ENSAIO PHILOSOPHICO PAULISTANO

CELEBRADA

Por occasião da morte do socio benemerito e fundador

O BACHAREL

MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO

NO DIA 23 DE MAIO DE 1852.

Pelas 11 horas da manhã, depois de officiar-se na igreja de S. Francisco pelo descanço do finado consocio benemerito e fundador — o bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo, passou o Ensaio Philosophico Paulistano a celebrar em a sala de seus trabalhos a sessão funebre commemorativa de tão infausto aconte-

tecimento. Ahi, no meio de um concurso numeroso das pessoas mais gradas d'esta cidade, ás quaes o Ensaio é tão agradecido pelo interesse que tomão já nos seus prazeres e gloria, já nas suas dores e saudade, fizerão ouvir os mais tocantes discursos e as mais ternas poesias grande numero de associados : orou como orgão da Associação o Senhor bacharel A. Ferreira Vianna, e presidio a sessão o Illm. Sr. Dr. M. J. do Amaral Gurgel, que pronunciou a seguinte allocução :

« Senhores :

« Não vos parece ouvir resoar ainda n'este recinto os echos lugubres da sessão funebre com que o *Ensaio Philosophico Paulistano* commemorou o passamento d'um seu illustre socio? E já temos de lamentar a perda de outro igualmente talentoso, igualmente digno de saudade?!! Ai! como é verdade que o homem n'este mundo phenomenal é apenas um meio-ser, um ente estropeado,posto entre o nada e a morte! É, na phrase do livro de Job, semelhante á flôr, que n'um momento desabrocha e secca; foge como a sombra e nunca permanece no mesmo estado. Assim passou o nosso consocio da aurora da vida ao occaso do tumulo : elle, que se havia levantado como um gigante para correr a estrada das sciencias, desappareceu com a rapidez do relampago; mas deixou após si traços luminosos, que serão indeleveis na memoria da posteridade. — Vamo

pois, senhores, derramar uma lagrima de saudade sobre o seu sepulchro : vamos cumprir este dever sagrado. »

Está aberta a sessão.

Senhores :

A mão mirrada e certeira da morte, desfechando medonho golpe sobre uma das mais lisongeiras esperanças de nossa Sociedade e da patria, nos obriga a chorar n'este recinto de luto e de tristeza o passamento do nosso mui caro patricio e consocio Manoel Antonio Alvares de Azevedo.

Nascido em S. Paulo, provincia cheia de recordações as mais sublimes e de caracteres os mais distinctos e altaneiros, mostrou o nosso collega, desde a mais tenra infancia, que em seu cerebro descançava uma descommunal intelligencia e em seu coração arrebentavão viçosos sentimentos heroicos : por felicidade sua, a natureza lhe tinha dado um pai illustrado, que sondando as forças do filho vaticinou n'elle um poderoso arrimo á sua velhice, um monumento para a patria, e um herdeiro de nossas glorias obumbradas pela insidiosa inveja.

Carregado de despojos, exornado de louros virentes

que tinha alcançado na luta porfiada da intelligencia, na acquisição da verdade, considerado na opinião de todas as illustrações que o tinhão dirigido no mar tempestuoso da vida litteraria e que n'elle descobrirão uma razão librada, sentimentos nobres e alma grande para conjurar os azares da fortuna, constituia o orgulho de si proprio e as delicias de sua familia.

Accessivel aos encantos da poesia, acompanhava os vates em seus arroubados vôos, apaixonava-se pelo bello, impressionava-se pelo sublime, tinha escandecido seu craneo nas magestosas labaredas de Dante, amoldado seu coração ás ternuras de Petrarca, apurado seu gosto nas bellezas de Victor Hugo e Lamartine, e embebido seu pincel de artista nas vivissimas tintas de Byron.

A seu nome está ligado não pequeno numero de producções, que, arrancando-o do olvido das mediocridades, attestão seus estudos e seu delicado gosto.

Bacharel em bellas lettras, e cercado de prestigio e reputação, elle frequentou os quatro primeiros annos da Academia com singular successo, e tendo recebido no anno de 1851 a remuneração de seu afanoso lidar elle recolheu-se ao seio de sua familia, que anciosa o esperava para, estreitando-o em seus braços, imprimir-lhe o osculo da gratidão e da saudade. — Mas ah! seu destino estava lavrado! Tombou em leito de morte acommettido por uma violenta enfermidade que o ameaçava fatalmente. — Sentado á borda do

tumulo, alcançando com vistas profundas o immenso da immortalidade e o nada da vida d'este mundo de miserias e vexames, e percebendo avisinhar-se o momento d'agonia com a resignação do justo, pedio a sua carinhosa mãi o crucifixo do Redemptor da humanidade e, recolhendo em seu seio de réo o inexoravel Juiz que em breve tinha de jugal-o e com os olhos fitos em sua cara mãi, cercado de seu pai e de extremosos irmãos, expirou! bom christão e bom filho, como o tinha sido em toda a sua vida! Não mais oscilla em seu peito a pendula da existencia, e a gelida morte lhe avassalla todo o corpo: — é um cadaver que vai ser abandonado aos vermes da terra!

Quando, senhores, vemos reduzido á completa materia o homem que durante sua existencia no mundo das contingencias viveo sob o peso dos estudos, nos monologos do gabinete e na difficultosa indagação da verdade; quando vemos que os resultados de tantos e tão afadigosos trabalhos é fruir por instantes inapreciaveis o gozo desproporcional dos conhecimentos adquiridos; quando em fim vemos seu corpo arrojado ao tumulo de envolto com o lodo da terra, esquecido, extincta assim a magestade de sua intelligencia, o brilho de sua razão e a grandeza de sua alma; uma idéa por demais sublime nos acode e recolhendo nosso espirito faz-nos reflectir nas vaidades da terra, e conceber que esta vida é uma provação ou antes um combate renhido entre o bem e o mal a virtude e o

vicio, a obediencia e a colera. Se o homem, não obstante as delicias rapidas do crime e os gozos passageiros da improbidade e da infamia, despreza tudo para com aspecto denodado praticar a virtude e só a virtude, oh! então Deus, ser harmonico e justo, sem duvida não consentirá que aquelle que assim procede vá gozar da immortalidade á par do homem prostituido pelos vicios, embotado pelo constante exercicio do mal, abatido pelas exprobrações do justo, carregado das maldições do pobre á quem perseguia na terra, envolvido no habito do avarento e ligando á si a historia de um malvado.

E quem será mais virtuoso e digno de seu autor: aquelle que sempre viveu na ignorancia primitiva? ou o que estuda o Ser supremo, os deveres que tem contrahido a Creatura para com o Creador, que gasta toda uma vida em busca da verdade?

Deus é a verdade e toda a verdade; e tanto mais proximo e digno d'elle está o que possue maior somma de conhecimentos.

O sabio pois será salvo, — gozará da Eternidade.

Sim, senhores, enxugai vossas lagrimas, não vos torturem as acerbas dores. O Senhor Deus disse: — aquelle que fôr constante na pratica da virtude, soccorrer os indigentes, alliviar as mágoas do afflicto, será digno de mim; aquelle, porém, que no navegar da existencia mundana abalroar alguma vez nos escolhos do vicio, esse não naufragará, nem perderá

meu reino se o arrependimento sanctificar sua alma. E quantas vezes não vistes o nosso fallecido consocio sarar as feridas do desgraçado, consolar os afflictos com sua generosidade, reprehender o vicio com sua eloquente palavra. O bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo goza da felicidade eterna. Sirva essa persuasão para abrandar as dores que torturão o coração de seu pai, de sua mãi e irmãos, para consolar seus collegas que sempre forão zelosos apreciadores de seu subido merito, que com elle trocarão suas amizades e dedicações, — sirva emfim para a tranquillidade do *Ensaio Philosophico Paulistano* que inconsolavelmente chora sua perda.

Goza no Céo, alma candida, do cantico doce e harmonioso desprendido das harpas sonorosas dos Anjos, respira a aura do justo, e brilha como lucida estrella no firmamento dos escolhidos: o teu Creador conhece tuas virtudes e te prepara louros merecidos — elle ouviu teu arrependimento ungido de palavras evangelicas:

Se no passado errei, se te esquecia,
Se a blasphemia correu nos labios frios,
Perdão, Senhor meu Deus! que a febre insana
A minha alma perdeu nos desvarios.

ANTONIO FERREIRA VIANNA

E tua alma ainda juvenil subiu ao seio de Deus nas azas negras da morte, como o orvalho da terra se alevanta ao céo n'um raio do sol.

ALVARES DE AZEVEDO, *Nec. a Baptista Pereira.*

Senhores:

Ha dores tão pungentes e tão intimas que o coração se parte no delirio do desespero, tão agudas que elle lá se vae a derreter em lagrimas na cruz do ataúde onde o filho do *nada* se prosterna para beijar uma campa!

Ha momentos na vida, em que o homem, gasto de amarguras, tomba esmorecido no horto do soffrimento, olha a Providencia como uma sombra vaga que rarêa nas trevas e em seus labios de athêo — christão de outr'ora — desenha-se a blasphemia da incredulidade n'um sorriso d'escarneo: — é quando a Providencia fere cega, como a fatalidade!

Ha cisuras na alma tão fundas que os balsamos não fechão e nem a poeira do olvido coada polo tempo póde seccar: — é o passamento do genio!

Não d'aquelle que viveu da embriaguez dos triumphos, que teve um leito de louros por tumba, as hosannas e gemidos de um povo por hymnos de morte.

Não d'esse, porque cumpriu sua missão e passou. Não de Cesar symbolisando um povo, de Gœthe se moldando no Fausto, de Raphael revivendo n'um quadro! Mas do genio em botão que as ventanias de gelo penderão da hastea, porque é uma lyra sem cordas, uma flôr sem aroma, um firmamento sem luz! Do genio que encosta a cabeça macilenta em travesseiro de pó, joven de vinte annos! De vinte annos! — quando as illusões entre sorrisos desbotão da fronte e vão-se evaporando aos poucos, como os echos de uma lyra dedilhada no ermo! Devinte annos! — quando a seiva da vida é pura e ardente como sonhos de infante e reçuma do coração em harmonia e perfumes de embriaguez e vertigens! De vinte annos! — quando o fogo da inspiração lhe desce n'um raio de primavera e vae derramar seus reverberos em cordas de ouro.

É então que o genio se pranteia.

É então que os goivos resequidos pedem lagrimas intimas, que a cruz pede saudades! E, pois, lagrimas e saudades vamos nós — os vivos de hoje, entornar sobre a lousa de um irmão, que nos cobrirá tambem a nós — os mortos de manhã. Seu nome? A dôr o cinzelou nos corações; e quantas vezes e entre soluços não terá elle atravessado vossos labios, imprecando a negra sina que desbotou a mais embalsamada flôr de nossa grinalda academica!

Era um genio! Não vergado pela caducidade sobre o

pó do passado que lhe borrifa o sudario, mas altaneiro e gentil como a palmeira d'Abyssinia, viçoso e frondente como um cedro novo do Libano, recostado aos velhos troncos d'essas atalaias dos seculos; um genio embalado pelas nossas brisas, rico de inspirações como esta natureza virgem que lhe tecera um berço, fulgente como o seu céo de chrysolithos.

Não foi mister ir assentar-se nos marmores desabados do Parthenon ao lado das estatuas de Phidias, como o poeta dos *Martyres*, a pedir inspirações aos capiteis derrocados da cidade de Solon; não foi, como o cantor de *Jocelyn*, remoçar o alaúde ao murmurio das ondas de Bosphoro que vão oscular Stamboul em suas muralhas eternas. Não! Na terra abençoada de seus pais, sua alma sabia palpitar á sombra dos coqueiros no estalar dos leques, no ciciar das brisas, nos nevoeiros de um luar sombrio, no ultimo raio do sol a broxulear nas vagas, qual pallida lampada no sacrario do templo. Erão as notas de sua harpa — tristes ás vezes como as lagrimas do Tasso nas pedras da masmorra ou como as recordações de Chénier na vespera do supplicio; outras vezes — altivas e sombrias como os vapores de Byron, cujos cantos, no dizer do poeta, semelhão o adeus do cysne na hora do passamento. Childe Harold foi-lhe o poeta do coração.

Um dia, correndo as cortinas de seu leito, elle se alevantou cantando a aurora que lhe sorria fagueira como um labio de noiva, mas seu canto era lugubre

como o pio do mocho que presagia o morrer, — tão triste como o gemido extremo de extremo soluçar. O sol foi-se encravar em chão de negro; e a morte baixando em nuvens pretas quebrou sua lyra no angulo dos mausoléos, destemperou suas cordas com o fetido bafo que exhalou das tumbas e sua voz descahiu... e morreu... Que importa! Seu canto, perpassado de melodiosa angustia, eterno echoará nas fibras d'alma, como a prece do peregrino nas abobadas sombrias das catacumbas de Roma!

E uma lapida que o Brazil deve aquecer de pranto! Não foi um nome que se apagou, uma gota de menos no oceano da vida, um corpo frio n'um leito de cal: foi um busto que o Brasil perdeu para a galeria das grandes intelligencias, — um astro de menos no céo de seu porvir, — uma cabeça que lhe sonharia um monumento e uma penna que o gravaria em marmore, — foi um cysne implume que se alou nas azas d'um anjo, deixando os louros da terra para perfumar-se dos risos de Deus!

E que saudades tão tristes nos deixou!...

E o peito de um pai que rala angustias, que segredava um futuro tão de encantos e luzimento n'essa fronte engrinaldada pelo talento, abrilhantada pelo genio, aformoseada pela esperança de amanhã?...

E a desolada mãi, que crava beijos de fogo em labios frios, que estreita um cadaver em angustiado transe, pedindo vida a uma palpebra chumbada, fallando em

balde e sempre a um corpo exanime... enregelado... e quedo?...

Pobres! — Não ha conforto aqui na terra que serene esse volcão de suspiros, que seque a fonte de lagrimas e gemidos que uma agonia veio cavar fundo em vosso amor! Chorai!... chorai um sol que se apagou, — um lyrio murcho, — um presente sem vida, — uma vida sem futuro! Chorai!... pregados á cruz da vossa afflicção e desespero, como Magdalena abraçada no Golgotha, e olhai para Deus até que elle vos diga : — basta!

FELIX XAVIER DA CUNHA.

Escuta, é cedo ainda, porque fóges?
Não tem o dia a aurora, a noite estrellas,
Os campos flores e a folhagem brisas
A murmurarem tépidas?

E as ondas que mansas se espreguição
A' noite, quando o sol descamba pallido,
Não tem arcanos que seduzem a alma,
Não tem primores?

Não tens os peitos dos fieis amigos,
P'ra nelles derramar as magoas tuas?
Não tens a irman c'o riso seductor
E a mãi tão cára

Que a fronte te acalore esmorecida?
Escuta, é cedo ainda, por que fóges?

Soldado da tua idéa
Caminhaste, fronte altiva,
Não pungiu-te a de'sperança
Por que tinhas a fé viva;
E quando alguem te apontava
O futuro que enganava
Os teus almejos de poéta,
Mostravas, co'a fronte erguida,
A carreira percorrida
No horizonte pela sétta

Pendida a face pr'a o seio
Meditaste teu viver,
E quando chegou a hora
Que te forçou a morrer,
Lavaste a mão de guerreiro
No sangue do almo cordeiro
Do rebanho do Senhor:
Alma rigida, sem ira,
Abraçaste tua lyra
No ultimo abraço de amor.

E ella a pobre coitada
Vacillou, estremeceu,
E suas cordas vibrarão
Como um cantico do céo;
Por entre o pranto sumida,
Era uma queixa sentida,
Era uma infinda vontade
Que real não poude ser,
Era um continuo dizer
As magoas de uma saudade.

E além murmurava o canto extremo
Do cysne que nas trevas se atufou;
E na órla do horizonte... desmaiada
Uma vóz s'extinguiu... tremeu... chorou.

Morreste, viajor, na impia cidade
De tuas sandalias sacudiste a poeira,
E lá no teu dormir gelado e fundo
Teu anjo vela á tua cabeceira.

E sobre a terra, a mó de poov em furia
Busca, no embate sanguinoso, a gloria;
E tu — tens lá no céo remanso ameno,
Num coração de mãi tua memoria.

Morreste, em tua rapida passagem
Fundo marcaste o sello de teus feitos;
Era brilhante o teu futuro de homem,
Sorria a fama, te aguadavão preitos.

E pois desconfiado esvoaçaste,
Fendeste os mundos, te abrigaste aos céos,
Eu que tardio demorei-me ainda
D'aqui te envio o derradeiro adeus.

A. C. Ribeiro d'Andrada Machado e Silva.

Em manso adejo desflorando a terra
Passou um dia o cysne peregrino,
E harmoniosos quebros gorgeando
Desappareceu nas nuvens!

B. J. da Silva Guimaraes.

Vôa, não pares, ó genio, que a tua vida é breve! E qual rapido raio de luz, que passa no horizonte em noite de procella, no céo além se esvai! Vôa, sim, sobre tuas azas d'ouro, a demandar em regiões ethereas o que na árida terra teus avidos olhos de balde buscão — Felicidade, palavra vaga e mysteriosa com que a esperança enganadora envolta em traição nos embala em illusões,

desde o primeiro arfar de vida até que horrido phantasma, ennegrecido pela mão do Senhor, venha dizer-lhe : Poeta, porque corres? depõe a lyra, tua gloria é esta! Ella, a campa avara com seus horriveis, insondaveis mysterios. E curvado, submisso, qual escravo ao mando do senhor, tremulo recebe com a dextra a taça de amargo veneno com que a mão da morte vai denegrir seus roseos labios!

É então que elle vê a harpa harmoniosa, a cujas notas myriadas de povos se curvavão respeitosos diante d'ella, quebrada na terra para não mais cantar, porque o poeta é peregrino, sua patria é o céo!... É lá que elle vae cantar como Byron sua peregrinação na terra, esse genio da antiga Albion, que, em sua imaginação esbraseada, cansado de soffrer as vicissitudes da sorte, povoa novos mundos, canta novos prazeres em meiga soidão, patria da morte, para servir-lhe de asylo em horas de tristeza. E, n'essas horas em que a mente obumbrada ao peso do infortunio comsigo exprime em linguagem silenciosa a dôr, o poeta ainda é feliz, porque a Musa, companheira inseparavel, lhe segue sorrindo até a campa, a campa horrivel, mas que a seus olhos é um somno de longo dormir, para acordar na Eternidade ao brilho d'essa luz pura e doce que se espalha ao redor dos homens justos — Felicidade Eterna.

E tu, por quem hoje cobrimos de lucto o templo da sciencia, tu, que como Byron sabias comprehender o perfume e a sublimidade da poesia, aceita as home-

nagens, que te rendem nossos irmãos de lettras reunidos n'este recinto, no qual a corôa dos virentes louros do triumpho das sciencias deveria coroar tua fronte tão joven e de tão profundos conhecimentos na sciencia e na litteratura. Morreste sim! mas, como Gilbert tomando no ultimo momento a lyra, presentiste roçar sobre tua fronte as azas da morte e disseste: — Se eu morresse amanhã!.. Mas debalde! o céo não quiz!...

Eu te saudo, ó genio brazileiro, no teu occaso adormecido.

ANTONIO CARLOS CARNEIRO VIRIATO CATÃO.

Só a virtude impera além do tumulo e perdura pelos seculos, sem dobrar seu vigor ás futilidades do mundo.

Quando o homem, Senhores, vem carpir no sombrio silencio dos tumulos a perda de um amigo sincero e leal, de um amigo devotado e extremoso, cumpre por sem duvida um dever profundamente humano e religioso; quando, porém, a patria vem prantear a morte prematura do filho predilecto, que formava uma de suas glorias, uma de suas mais bellas esperanças, então, Senhores, o sentimento é mais que profundo, é um colosso sublime que se arvora nas

fluctuações da sensibilidade, como um pedestal indelevel que deve immortalizar seu nome prestigioso.

E com effeito, Senhores, esse joven tão amavel, em cujos labios ainda se deslizava o sorriso da infancia e para quem o futuro se ostentava immenso e grandioso, infatigavel no esmero de suas fadigas e portentoso em suas concepções, ainda nos primeiros arroubos de seu enthusiasmo já havia penetrado esse involucro tenebroso da sciencia, e escalado a muralha de bronze que offusca o esplendor dos grandes pensamentos nas trevas da ignorancia.

Dotado de aspirações tão vastas, imaginai-o, Senhores, transpondo as raias das Sciencias Juridicas e Sociaes, e, guindado lá por sobre os encantos da litteratura, entoar seus hymnos ao poeta inspirado, a esse Byron de imaginação divina, que era o objecto querido de seus sonhos. Ah! Senhores, nós o vimos tambem no extase d'esse sentimentalismo seductor que faz do homen um heróe, um semi-Deus, electrisado pela uncção da poesia. Elle sorria-se aos canticos celestes dos seus amores, mas tambem, reclinada a fronte sobre a palmeira do deserto, modulava a lyra do poeta enternecido e chorava as miserias humanas.

Quando n'este sanctuario augusto da sciencia, no meio de uma scena igualmente luctuosa, vinhamos outr'ora render as ultimas homenagens ao nome glorioso do nosso amigo e collega Duarte, elle chorava sobre seu tumulo, e escrevia as consolações do poeta.

Mal soubera então, Senhores, que n'este momento solemne nossas lagrimas correrião copiosas sobre sua lembrança, e que o Corpo Academico e a Patria tão cedo sentirião esse vacuo immenso nos annaes dos amigos jovens e esperançosos. Sim, Senhores, ninguem o pensava, porque ao homem não é dado perscrutar os mysterios do Creador. Elle o quiz e sua vontade é uma lei imperiosa, cujo poder o homem contempla absorto na fé da Religião, sem comprehendel-o na existencia do seu nada.

Deixemos, pois, tranquillo dormir o somno dos mortos esse amigo, cuja perda nós deploramos; e permetti, Senhores, que ao joven companheiro nas lidas de quatro annos ainda uma vez rendamos nossas saudosas saudações.

JOAO PIRES DA SILVA JUNIOR.

O dia de amanhã não vos pertence:
Amanhã... amanhã... porvir... futuro...
Problema d'esperança — ou tudo ou nada.
. . . . . .
E, no meio de tantas ironias,
De sonhos, d'illusões, d'engano e nada
Cuida-se o homem rei... vaidade humana!

DR. D. J. G. DE MAGALHAES.

Quantas vezes no céo puro e sereno
Uma nuvem se quer não vendo ao longe,

De repente notamos ponto negro
Manchando o azul celeste,
E depressa e veloz a dilatar-se
Pela dos astros região sublime?
Quantas vezes nos ares assomando
Procella carrancuda
Fugir não faz o dia espavorido,
E apaga a luz que o mundo esclarecia?
Quantas vezes contente o nosso espirito
Não se expande adorando a natureza,
Mas logo em trevas, por idéa triste
De chofre acommettido,
Bem dentro de si mesmo se concentra
Nossos peitos de crepe revestindo?
Inda ha pouco orgulhoso este recinto
Trajava festas, ostentava galas,
E era o pavimento salpicado
De prazenteiras, de viçosas flores;
Mas hoje sobre o chão seccas, chorosas,
Atiradas se vê só flores tristes!
Que d'ossos n'um torrão tão só vicejão!...
Inda ha pouco a entoar alegres hymnos
O horóscopo cantava.
Nos animados, nos contentes rostos
Scintillava o prazer; e lá fagueiro
O futuro luzindo apresentava
Corôa radiante,
Que devia talvez cingir a fronte

D'este mesmo recinto, que enluctado
Pelas azas do anjo do sepulchro
Prantea o passamento
Do joven vate, do chorado socio
Que altivo defrontou c'o a féra morte,
E que altivo cahio
Beijando as plantas, descarnadas, osseas,
Negras, empoeiradas,
Quando da gloria a estrada perlustrava :
Sumiu-se, sim, sumiu-se qual estrella,
Que ufana no horizonte se mostrando
Não vê a denegrida, immovel nuvem
Que pretende roubar-lhe a luz divina
Encerrando-a no vasto, opaco seio.
Apagou-se, morreu, morreu pr'a sempre
A luz que resplendendo
Em o vasto horizonte da sciencia
Já c'os raios seus brincando sempre
Nas faces do futuro
Roubar-lhe as negras côres,
Transformando seu rosto carrancudo
Em placido semblante!
Estalando quebrou, cahiu por terra
Mais este poderoso, egregio fuste!
Pobre moço!... tão moço.... e já na campa!
Quantos thesouros não soterra a lousa!
Sumiu-se sua voz; jaz enterrado,
Envolto nos lençoes de frio leito,

Onde dorme c'o rei triste mendigo,
O moço de talento em cuja cithara
Tão grandes esperanças s'enroscavão!
O futuro tão bello que fulgindo
No horizonte da vida
Espera o genio pr'a c'roar-lhe a fronte
Tambem cahiu na lousa! Que mais resta?
Uma idéa tão só, triste, pungente,
De vagar passeando ante a memoria,
Os nossos corações estortegando.
Sim, tudo que é terreno desparece!
De tantas perfeições, que recamavão
Essa vida que nós hoje choramos,
Só a virtude ficou, illesa, augusta,
Pr'a junto ao throno do Senhor dos mundos
O passado advogar do joven probo,
Que o caminho seguio por Deus marcado!
Só a virtude ficou illesa, augusta
P'r'a escancarar-lhe as portas
Da gloria, do salão da Eternidade.
Tyrannos, que regaes de sangue a terra,
Adiante de vós lá vai a morte
Aguardar-vos sentada no fastigio
Das grandezas ephemeras do mundo!
Impassiveis magnates, deslumbrados
Pelo ouro que cobre esses vestidos,
Vêde : — a morte cruel, inexoravel,
Não se deixa vender! tentaes debalde

Cegar-lhe os olhos c'o luzir do ouro!
Essa riqueza vã ella repelle,
Esses aureos galões á terra entrega!
A virtude somente é nosso escópo :
Tudo mais é terreno, ao pó se junta.
Aonde está o talento que choramos,
O nosso amigo que comnosco junto
Nos ajudava no lidar insano?
Separou-se de si, deixando á terra
Seu corpo que é da terra,
E fez voar a Deus su'alma egregia,
P'r'a com elle viver, viver c'os anjos.
Lá na egregia mansão recebe o pranto,
Ouve o gemido da saudade nossa.
Nós te choramos por perder o mundo
Uma alma ingenua, poderosa e forte,
No crisol da virtude depurada.
Adeus, esp'rito feliz, por nós depreca
Ao arbitro do mundo, ao Ser dos Seres.

José Diogo de Menezes Fróes.

Que fatalidade! meu pai.
A. DE AZEVEDO, *ao morrer.*

Uma por uma vão cahindo todas as esperanças da vida, como aquellas gotas frias e monotonas que de espaço a espaço cahião do tecto humido da prisão de Esmeralda. O astro que se levanta bello e radiante, como são os brilhantes do céo, some-se em breve envolto no manto negro da tempestade ; a flôr que se desprende ás auras matutinas murcha-se á calma do meio dia, ou quebra-se ao vento frio da tarde. E porque, senhores? É que a vida será uma chimera, a esperança um sonho, o futuro uma decepção? Digão-n'o as nuvens que passão, as estrellas que empallidecem. Nos cantos magoados de Ossian chora o guerreiro de Inasfail; morto de saudades, pensativo no ermo, tendo apenas por companheira a columna derrocada da terra classica da Grecia, definha o louco enthusiasta cantor de D. Juan.

O pensamento do futuro é vario como o pensamento do homem : o calculo da vida é incerto e traidor como o espelho das ondas. E o que é a vida? folha secca que o vento leva, ave perdida na amplidão dos mares? Não, é uma hora da eternidade, é um tempo do infinito, mais ou menos calculado no pensamento de Deus.

Não o viste. esse moço de quem tendes tantas

saudades? — Elle scismava na sua hora extrema, mas scismava com a lucidez do moribundo e já um pouco alumiado por um raio do céo, mas ainda soluçando á vida o seu ultimo adeus, murchos os labios ao sopro gelado da morte; e languidos os olhos á nevoa eterna do sepulchro, como que intermediario entre a divindade e o homem, inspirado propheta de um mundo desconhecido, dizia ao triste que ainda lhe sustentava a fronte e que via a cada instante voarem as suas esperanças — que fatalidade! meu pai.

Pobre moço! que pensavas em um futuro tão lindo, que sonhavas com tantas corôas! porque tão tarde te desenganaste? Era um genio, senhores: n'aquella fronte pallida e bella, como a fronte de Gilbert, lia-se a imaginação de Chatterton e Werther, com a placidez de Werner e de Uhland. Era um homem de futuro: ao menos d'esses poucos que, pregando ao hombro a sua divisa de cruzado, sacrificando prazeres mesquinhos a essa realidade que se lhe antolhava como a sua estrella d'alva, lobrigava um porvir esperançoso no horizonte embora acobertado de nevoeiros. Era o marinheiro que, ás lufadas do furacão, por entre o céo da tormenta, lá divisava a salvação no ponto brilhante que luzia como o anjo da sua guarda.

E entretanto — morreu! era que a sua missão já tinha sido cumprida. Ave do céo, pairou apenas sobre a terra, como a andorinha do inverno que apenas busca uma brigo: mal se poude equilibrar: adejou e adejou

muito e tanto que sumiu-se! E qual foi sua missão? passar, passar apenas pelo mundo, como as flores murchas que o vento atira á corrente.

Agora dorme elle um somno longo e socegado: com a sua viagem findou o seu dia; sacudiu o seu manto da chuva humida da vida, teve pousada no céo e dorme aquecido pelo manto da Virgem á sombra eterna das palmeiras do paraiso.

Entretanto, senhores, deixou-nos um legado: é a sua memoria que irá voando como as brancas pennas do condor que o vento da tempestade arranca do alto das serranias. Não o desperteis do seu somno: se o quizerdes ver, fazei como Haydéa — a grega, fechai os olhos que vêl-o-heis no coração.

MANOEL ANTONIO DUARTE DE AZEVEDO.

O sol nasceu apenas: peregrino,
Porque teu passo afrouxas fatigado?
Não é doce a manhã? — e a paz respira
Na terra.... e ar.... e céo gaio socegado!

Luz que cercou-te a fronte ao nascer d'alva
Não te aponta o porvir, o mundo, a historia?
A viração que passa murmurante
Não é teu canto nobre de victoria?

Na margem do caminho porque estacas,
E amortecido teu olhar parece?
Porque do labio á flor um ai te morre,
Como a vaga nas praias adormece?

É teu ai derradeiro que ha-de eterno
N'um coração de mãe viver guardado,
Como a innocencia vive em peito infante
E o puro incenso em peito recatado!

Nasceu-te d'alma! — é canto de soluços,
Raio que finda á sombra de uma cruz,
Perfume da saudade evaporado,
Da estrella que se apaga ultima luz!

O sol nasceu apenas: peregrino,
Porque parou teu passo fatigado?
Não é doce a manhã? — e a paz respira
Na terra.... e ar.... e céo tão socegado!

Inda em botão, no alvor da juventude
Vês claro aqui e alem escuridade:
Foi o anjo da morte que mostrou-te
Entre murchos laureis.... a eternidade!

É o destino, mancebo! A gloria mata,
Os sonhos d'alma são uns beijos loucos!
Mas quando a sêde inda nos sécca a vida,
Quem no somno ficou? — talvez bem poucos!

E que as gottas de orvalho embebe a terra;
E que os frocos de espuma espalha o vento;
E que entre a dor e a esp'rança o homem vive
E o pranto lhe precede o nascimento!

Mas tua dor foi celeste! — No furtuo
O teu olhar prophetico perdeste;
Rezaste a Deus, poeta! e assim tranquillo
No marco do caminho — ahi morreste!

Inda a manhã reluz, a tarde é longe,
— E tu não voltas, ó meu caro amigo!
Oh! quando á noite creio ouvir-te o passo,
Vai-se sumindo ao longe... embalde o sigo!

José Bonifacio de Andrada e Silva.

Un tombeau est un monument placé sur les limites des deux mondes.

Bernardin de Saint-Pierre.

Senhores:

Quando, não ha muito tempo, ouviamos ufanos levantar-se neste recinto a voz eloquente e harmoniosa de um de nossos mais illustres consocios, e altivos ap-

plaudiamos os vôos da imaginação enthusiastica de um joven cheio de esperanças e de futuro, de certo ninguem ousaria presagiar que hoje nos haviamos de reunir aqui para chorar a perda d'essa flôr, que com seus perfumes vivificava a nossa associação.

Mas quem ordenaria que tão cedo a morte viesse com seu sopro funereo bafejar aquella fronte, em que brilhavão a intelligencia e o enthusiasmo de um filho do solo americano?

A Providencia! a Providencia, que não quiz que por mais tempo habitasse entre nós quem merecia mais elevada morada. Ella quiz que soffressemos um golpe tão duro, nós que nunca prestamos o devido culto a tão excelso talento e a tão sublimes qualidades.

Se por uma disposição natural para a virtude, os tumulos dos grandes homens nos inspirão uma veneração profunda e tocante, nascida da pratica do bem e dos beneficios esparsos durante o seu rapido trajecto neste mundo de illusões e de torpezas, por outro lado, quando se abre um tumulo a um joven que cheio de ardor e já coberto de triumphos que annunciavão o genio, estreava uma vida que toda se devia passar no meio de glorias e de ovações, um sentimento de melancolia e de desanimo se apodera de nós e como que nos arrasta á descrença.

Senhores: — O bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo era um joven cheio de talento e de esperanças, e destinado por suas brilhantes qualidades a oc-

cupar uma posição eminente no mundo social. Nascido em S. Paulo, logar tão notavel pelos filhos illustres que tem dado á patria, e descendente dessa raça heroica e leal que ahi vemos ennobrecendo as paginas da nossa historia, não desmentia a bem fundada gloria de sua provincia.

Elle era dotado de alma apaixonada; e quando enlevado pelos encantos da natureza e pelas modulações da poesia vibrava sua harpa afinada pela mão de Deus, d'ella desprendião-se sons harmoniosos e repassados d'esse sentimento terno e doce que o creador faz germinar no coração dos seus privilegiados. Cheios de elegancia e de belleza os seus escriptos não respiravão senão patriotismo e enthusiasmo pelo que é grande e sublime.

Faltando-lhe apenas alguns mezes para concluir a sua carreira escolastica, dispunha-se a gozar os frutos de tantos annos de trabalho. O horizonte de sua vida se alargava limpido e radiante de gloria, e a patria orgulhosa e ovante o esperava como um filho que a honrava e ennobrecia.

Mas de um momento para outro se dissiparão todas as illusões: o futuro até então bello e encantador tornou-se negro e medonho. Uma molestia fatal domina-lhe todo o corpo e o arrasta pouco e pouco á borda do sepulchro, onde em breve é precipitado pela mão inexoravel da morte.

Toda a familia se reune em torno de seu leito de

morte, de todos o desanimo se havia apoderado: elle só impavido e resignado, com a consciencia tranquilla, encarando a morte como a recompensa do justo, abraçado com a effigie do Martyr da redempção, e, dando um exemplo sublime de uma morte grandiosa, disse o ultimo adeus á sua triste mãi, que debulhada em pranto sentia-se morrer com tão infausto golpe.

E o que resta hoje d'esse genio que audaz se levantava até os céos, onde ia beber suas inspirações divinas?

Um tumulo na terra, e a saudade em nossos corações!

PAULINO JOSÉ SOARES DE SOUSA JUNIOR.

É ainda uma aurora sem dia que perdeu-se na noite de uma tempestade de inverno.

ALVARES DE AZEVEDO.

Porque morreu? A aurora entre sorrisos,
E o sol do amanhecer que resurgia,
E o céo sem nuvens limpido e sereno
Deram-lhe ha pouco a saudação do dia!

Inda tão cedo! flôr aberta apenas
Bem pouco olhou o céu, pendeu á terra,
Nas furias de um tufão cahiu pr'a sempre
E a fria lage de uma campa o encerra.

Era o porvir o sonho de sua alma;
Scismava n'elle, á noite, adormecido,
Ao nascer da manhã, á tarde, sempre,
Dos vapores da gloria embevecido.

Tinha as azas do Genio — e foi tão rapido
O seu vôo no mundo... eil-o mirrou-se!
Nem uma esp'rança! sua lousa é muda
E o branco cysne em seu cantar finou-se.

Erguêra-se do leito a fronte pallida
E o coração sem forças pr'a viver;
Mandou um triste adeus á natureza,
Cantou inda uma vez e foi morrer.

Deixou no mundo o coração sem vida
A quem na vida o coração lhe deu :
Alou-se ao céu e ao senhor nas nuvens
Sua alma pura, humilde offereceu.

Porque morreu? ! E a tarde inda o espera
Para entoar-lhe o canto da saudade;
Ai! não mais voltará — Deus quiz ouvi-lo :
Deu-lhe um poema no céu — a eternidade!

DA COSTA CARVALHO.

Não me chorem, irmãos! se meu cadaver
Manchou-se em podridão e sanie impura,
Minha alma se acordou : com azas brancas
Foi ao seio de Deus dormir mais pura !

ALVARES DE AZEVEDO.

Senhores:

Em um dia de luto, em que a mocidade academica possuida da mais acerba dôr pela perda de um irmão de lettras, procurava um lenitivo á sua justa magôa, satisfazendo aos suffragios prescriptos pela nossa religião; no momento em que a ceremonia se havia ultimado, deixando ouvir apenas os ultimos echos dos hymnos sagrados e o soluçar dos amigos e dos irmãos, — então, uma fronte varonil, que ainda na primavera da vida já deixava distinguir os caracteristicos do talento e da virtude, rompeu a multidão e, approximando-se do funerario leito para dizer um ultimo adeus aos preciosos restos que ahi repousavão, fez ouvir uma vóz eloquente modulada pelos accentos da sabedoria, que assim fallou: « Não é preciso que eu venha escrever sobre este tumulo um nome que vos acorde reminiscencias do passado, que eu vos diga que essa fronte fria é a de um nosso irmão de lettras, que aquelle peito pulsou fervente no enthusiasmo santo do poeta, e

aquella cabeça sublime sonhava no porvir os louros da gloria, que não as flores murchas e cheias de cinza da capella do finado. »

. . . . . .

E sabeis, senhores, quem era esse joven que assim nos fallava, carpindo a fatalidade que sobre nós havia pairado? Conheceis essa vóz eloquente, tão cheia de attractivos quão digna de admiração?... Ai de nós! Quão doloroso é dizermos com elle: — não é preciso que eu venha perante esta lugubre solemnidade enunciar seu nome, que nos recorda um tempo mais feliz, em que elle era estreitado em nossos braços, não é preciso que eu vos diga que essa fronte varonil, essa vóz eloquente, era a do nosso consocio o bacharel — Manoel Antonio Alvares de Azevedo, cuja cabeça sublime sonhava no porvir os louros da gloria, que não as flores murchas e cheias de cinza da capella do finado. Mas ah! Que disse eu!... Uma pergunta vos suscitei... eu a vejo assomar em vossos labios!... Onde pois está elle, quereis dizer, que não veio como outr'ora auxiliar os nossos trabalhos? Porque não compareceu á hora da peleja?... Oh! não profirais essa phrase, por isso que então força será dizer-vos :

Porque na fronte os louros do poeta
E da louca ambição febris venturas?
Como a onda na praia o sonho estala
E mirrão-se os laureis nas sepulturas!

ALVARES DE AZEVEDO.

Sim, senhores! Eis a triste realidade que o Ensaio Philosophico hoje prantea, commemorando o inesperado passamento d'esse irmão querido, que agora jaz na funeraria campa, gozando o descanso eterno!... Porém, senhores, que triste antithese se offerece a nossa contemplação!... Ainda ha pouco cheio de vida e de talentos, conquistando os louros academicos, grangeando a estima de todos aquelles que tinhão a dita de conhecel-o, fazia a ventura de sua familia e dos seus amigos; e hoje? Reduzido ao nada!... E' certamente um quadro repugnante para aquelles que, como nós, partilharão suas fadigas, presenciando com admiração os gigantescos passos com que progredia na brilhante vereda que havia encetado!... Quão precaria é a condição do homem! Vida... talentos... *essa gloria que presentia em seu futuro... essa aurora de porvir e de manhã*... tudo em um só momento se extinguio!...

Sim, realisou-se a fatal lei do exterminio. Mas a sua memoria não desapparecerá á entrada do tumulo, nem os laços da vida dissolvidos pela fatalidade extinguirão jámais a lembrança da amizade e o respeito devido ao merito: a dôr não apagará os vestigios de suas nobres acções, emquanto a historia do Ensaio Philosophico Paulistano offerecer á nossa apreciação os serviços que lhe forão prestados.

Mas, senhores, para que perturbar o silencio do tumulo? para que revolver tão preciosas cinzas?

para que essas infructiferas lagrimas? para que emfim clamar contra essa fatalidade? si ella, ai de nós! é a vontade do Todo Poderoso? E emquanto o athêo procura debalde sondar os arcanos de Deus e seu espirito confuso se emmaranha no dedalo do mysterio, — o christão deve respeitar essa vontade sagrada, curvando-se humilhado ao alto poder que a promulgou. Deixemos, pois, em repouso esses restos preciosos, entreguemos á morte os seus despojos e exultemos de possuir aquillo que ella jamais nos poderá roubar — a memoria do bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo, que sempre será grata aos ouvidos dos seus contemporaneos.

E tu, sombra querida, lá do empyreo em que te achas acolhe o adeus saudoso que hoje te dirigimos; recebe mais esta lagrima derramada sobre a lousa, que para sempre te occultou a nossa vista : — ella não é a offerenda da vil lisonja, é a dadiva leal e sincera de um amigo, que sempre chorará tua perda e bem dirá tua memoria.

E vós, Soberano Senhor, derramai sobre a sua alma a abundancia de vossas misericordias, aceitai os sacrificios que por ella vos offerecemos, e, fazendo com que repouse no seio das delicias da vossa celeste morada, dignai-vos attender a sua prece tão cheia de uncção, que assim vos diz :

Se no passado errei, se te esquecia,
Se a blasphemia correo nos labios frios,

Perdão, Senhor meu Deus! que a febre insana
A minha alma perdeo nos desvarios!
Despi como o Propheta o manto escuro,
Lavei na campa da existencia o erro!
Eis-me puro, Senhor! banhada a fronte
Nas aguas sanctas e lustraes do enterro!

JERONYMO JOSÉ TEIXEIRA JUNIOR.

On ne doit pleurer ceux qui dorment dans le sommeil de paix, comme si on n'avait point d'espérance.

BOSSUET.

As terriveis impressões porque passou minha alma, a dôr intensa que me lançou no abismo da agonia e mergulhou-me no pégo das decepções, vós o sabeis, amigo, lá mesmo do mundo da verdade para onde vôou vossa alma. Eu não venho, n'esta occasião solemne, senão dar aos sentimentos a expansão que exigem, para que não morrão suffocados no estreito circulo de meu peito. Como amigo e companheiro de lettras, não posso deixar de acompanhar a justa dôr que a illustre associação manifesta hoje pela morte do mui digno socio o bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo.

Quando o homem, identificando-se com um futuro luminoso que aguarda a intelligencia, mesmo lá na extrema de sua peregrinação terrestre, com o proscenio ás portas da eternidade que lhe serão escan-

caradas, descortina o lisongeiro quadro dos preclaros feitos de talentos em bem da patria, da humanidade, e em gloria do ser, o espirito humano se aniquila e de si mesmo duvida se, fazendo ouvir seus direitos, a inexoravel morte corta o fio de tão preciosa existencia. O espirito mais calmo, das puras regiões da verdade, seria arrastado ao scepticismo e, em sua descrença, com agigantados passos profanaria o recinto augusto da Divindade se por ventura a fé, reflexo de Deus no espirito do homem, não estendesse suas salvadoras mãos, reedificando as santas crenças que baqueavão. Ella serena as tempestades sobranceiras, e nos revela a necessidade do facto como realisação dos planos da Providencia.

Morreu! Fatalidade! Onde essa fronte virente, séde de tão ferteis concepções, esses labios d'onde se exhalavão as flores da imaginação de Lamartine ou Petrarca, de Ossian ou de Byron! Tudo está subterrado na lousa; mas sua fama será immorredoura e seu nome com lettras de ouro será gravado no Pantheon dos povos.

Sim, o ser cuja morte hoje pranteamos foi uma d'essas intelligencias, um d'esses espiritos raros que apparecem no mundo de quando em vez e que cedo e rapido vão ao Empyreo, um d'esses corações depurados pelo crisol da virtude que se não dignão demorar na terra em contacto com seus vicios e miserias : qual raio de luz no meio das trevas, assim são

elles no meio da corrupção. Deus bem cedo os chama, e a humanidade eternamente os chora.

Eia, uma lagrima sobre a campa, e reste nos a consolação da consciencia da dôr e da saudade, e a conservação dos monumentos que legou a posteridade, onde o espirito do crente, do philosopho e do poeta se acha estampado com indeleveis caracteres.

JOSE MARIA CORRÉA DE SA E BENEVIDES.

Que te fizemos nós que te assim tão cedo
Teus amigos deixaste?
Tu não vês que choramos?
Choramos e por ti.

MAGALHÃES.

Senhores:

A vida humana, tão cheia de vicissitudes, tão inconstante, volve sobre um eixo de tal sorte fraco que, muitas vezes, basta um sopro para derribal-a; a vida humana, ás vezes tão cheia de encantos, é um dom tão precario que, quando d'ella nos julgamos mais possuidos, um acontecimento inopinado nol-a rouba, para precipitar-nos nos insondaveis abysmos do nada; *é a vida humana finalmente* um peregrinar de tal modo perplexo que nunca lhe podemos assignalar o tempo de duração, nem os caminhos que

ella tem de percorrer antes que chegue ao periodo de seu aniquilamento completo.

É por isso que ora vemos o soberbo magnate, no momento em que mais delicias se lhe preparão, cahir para nunca mais erguer-se; é por isso que as vezes presenciamos arrancar-se dos braços da mãi desvellada o filho que lhe servia de arrimo; é por isso tambem que vemos, ante um sopro, esvairem-se as mais bellas esperanças e um porvir inteiro de glorias, quando se rouba o joven de talento do seio de uma familia desolada, e da patria que se deleitava ao contemplar o filho predilecto.

E seu desapparecimento é mais lamentavel, quando se realisa no instante em que elle se achava prestes a ver sua fronte coroada de louros pelo ultimo triumpho, e quando o mundo lhe abria os braços. Oh! então mais intensa deve ser a dôr de quantos o conhecião! Trabalhar incessantemente no desenvolvimento de sua intelligencia, e morrer sem ter colhido o fructo de seu trabalho! Passar insomnias e vigilas, e receber em paga o frio marmore de um tumulo! Praticar a virtude e ser interrompido por um golpe inesperado! Amar extremosamente sua familia e sua patria, e prival-a tão cedo de tão grande affecto! Oh! tudo é doloroso! E no emtanto o nosso infeliz consocio — Manoel Antonio Alvares de Azevedo passou insomnias e vigilias para esclarecer sua alma da luz eterna da verdade, e não pôde colher os fructos; pra-

ticou a virtude, e foi impedido de continuar a pratical-a; amou extremosamente sua familia e sua patria, e nem se quer pôde continuar a amal-a! Desappareceu ao sopro gelido da morte, e com elle se foi um amigo dedicado, um filho respeitoso, um cidadão capaz e instruido, deixando em nossos corações um vacuo eterno, privando sua familia de um arrimo infatigavel, e sua patria de um astro brilhante que devia luzir em seu firmamento.

Eil-o a prever que era chegada a hora suprema, e de seu punho sahem os sentidos versos: — *Se eu morresse amanhã.*

Eil-o padecendo augustias e torturas, e nunca proferio uma blasphemia; eil-o prestes a expirar, e sempre um respeito profundo aos decretos do Altissimo, sempre uma uncção admiravel!

Bem viu Deus que a terra não era digna d'aquella alma ardente, d'aquelle espirito abundante de poesia!... e foi por isso que o arrebatou de nós! Não quiz que sua alma sublime se emmaranhasse nas torpezas do mundo! Fez que este o conhecesse para choral-o; mas não quiz que elle conhecesse o mundo para não ver o mal que lhe corroe as visceras.

Privou-o das illusões traiçoeiras e levou-o a habitar o reino da luz, a gozar a verdadeira tranquillidade, a legitima ventura na eternidade! Era alma feita para o ceo que o mundo não devia possuir! Viveu, viveu quanto era bastante para que hoje o prante-

emos; morreu, morreu, como morrem os anjos, para que festejemos sua ascenção ao céo!

Viveu, como tinhão vivido Descartes, Bacon, Malebranche e Locke, dedicando-se ao estudo do espirito humano; viveu, como Blair e como la Harpe, estudando a litteratura; viveu, como Byron, como Sá de Miranda e como Pereira, cultivando a poesia, essa poesia emanada do Altissimo, e concedida a seres privilegiados! Morreu, como sóem morrer os que na terra antevêm o céo, como Agostinho, como Francisco Xavier, como o rei Luiz, como João de Castro, tranquillos de consciencia e com o pensamento em Deus!

Sua morte deve ser pranteada pela patria, que n'elle via um dos elementos que devia constituir sua futura gloria; mas não devem pranteal-o seus amigos e parentes, tão certos que, um dia, hão-de ir gozar a seu lado as immorredouras recompensas destinadas aos justos.

Cessai pois de chorar, parentes, amigos desvelados, por que elle se acha no seio do Eterno em porto de salvamento!

E vós, Soberano Senhor, cessai o flagello com que nos perseguís, talvez por nossas culpas; abrandai a ira, que, durante successivos annos, tem roubado os nossos melhores irmãos de lettras, muitos dos quaes tem exhalado o ultimo suspiro, tem visto passar a hora derradeira ausentes d'aquelles cujos carinhos lhes poderião adoçar o calix de amargura!

Ah! Senhor, ainda nos achamos no começo de nossas fadigas annuaes, e já temos perdido dous de nossos irmãos!

Minorai os males que pesão sobre nós, para que não tenhamos de, supplicantes, repetir-vos continuamente as palavras cheias de sentimento e de uncção do nosso chorado consocio, quando, com a consciencia de seu proximo fim, volvendo os olhos para os que mais o estimavão e para seu pai inconsolavel, exclamou : Meu pai, que fatalidade!

MANOEL FRANCISCO CORREIA.

Amizade, illusão que os annos somem.
Amor, um nome só bem como o nada,
A dôr no coração, delicias n'alma,
Nos labios o prazer, nos olhos pranto,
Tudo é vão, tudo é vão, excepto a morte.

G. DIAS.

Consenti que entre flores de eloquencia
Um funéreo cypreste se levante
De dôr curvado, os ramos lutuosos,
A funebre raiz em chão de morte.
Eis-nos hoje do dó trajando as vestes,
O adusto coração em dôr immerso,
Olhos demissos de pezar e pranto,
Roxa saudade nos enluta a face.

Não é que a patria que soluça e geme
Visse em seu sangue imigos ferros tintos,
Não é que de grilhões a tyrannia
Nos arroche de novo os livres pulsos;
São suspiros de dôr e de saudade,
São lagrimas da infancia brasileira,
Que geme hoje do immaturo golpe
« Que tão azinha nos roubára um genio. »

Vate — morreu no viço de seus annos.
Mal chegou a trilhar da vida a senda;
Morreu quando a existencia lhe sorria
E um risonho porvir se lhe antolhava.
Um risonho porvir? sim!... de chimeras,
De esperança — que n'ella esvae-se a vida,
Como sonho fagueiro que se extingue
Fatal realidade após deixando!
Mesmo no leito da cruenta morte,
De dores lacerado o corpo exangue,
As palavras de um genio se revelão :
— Fatalidade, meu pai!... fatalidade!..

Era o carpir do cysne peregrino
Que as brancas azas sacudio da poeira,
Depois de haver trinado seus queixumes
« Repassados de amor e de saudade. »
Era um genio que havia entrado apenas
Pelos mares do mundo procellosos,

E não poude suster da vida o embate...
Era bella violeta, entre perfumes,
A meneiar a fronte melindrosa
Em seu tenue pedunc'lo, ao brando sopro
Dos favonios que a vida lhe embalavão!
Mas ergueu-se o bulcão, toldou-se os ares,
Desbotou-se a corolla tão mimosa,
E a florzinha... pendeu... murchou... cahio...
O que lhe resta agora?... a sepultura!
— Murcha coroa de esfolhadas flores,
Uma vida a gozar lá n'outra esphéra...
E a nós como legado — uma saudade!

Que ao mundo dos mysterios
Sorrindo se inclinou,
E nos chorões da campa
A lyra pendurou.

P. J. M. Rodrigues Costa.

III

ARTIGOS E POESIAS

SOBRE A MORTE

DO POETA ALVARES DE AZEVEDO

PUBLICAÇÃO DE VARIOS JORNAES E REVISTAS LITTERARIAS

Onde o poeta ardente, esperançoso,
Que ao limiar da vida ainda sentado
Hymnos soltava de harmonia cheios,
Desvendando futuros?

Onde essa alma tão grande e generosa,
Essa fronte de genio erguida ao alto,
Que a cento e cento borbulhava ousada
Idéas gigantescas?

Onde pára tambem esse destino,
Essas vindouras glorias deslumbrantes
Que a mente esclarecida debuxava
Nas vestes do porvir?

Tudo, tudo no abysmo foi sumir-se!
Com o sopro da tarde a flor murchou-se,
Que petalas abria rescendentes
De celeste perfume!

Quando teu nome em caracteres d'oiro
No horizonte da patria burilavas
Onde foste, mundano peregrino,
Onde a sorte arrojou-te?

Caminheiro a lutar foi sempre ufano
Pelos infindos campos da existencia,
Ora dorme no crepe mortuario
Dos vivos desterrado!

Tu subiste ás alturas sublimadas
Onde fulgura Deus e fallão anjos,
Os mares da sciencia roteando
Com olhos aquilinos.

Mas da morte a secure ceifadeira
Veio os vôos cortar, arreceiosa
Que zombando mais um de seus estragos
Immorredor ficasse!

Caminheiro a lutar foi sempre ufano
Pelos infindos campos da existencia,
Ora dorme no crepe mortuario
Dos vivos desterrado!

Dorme, dorme, ó poeta, no jazigo!
Muito lutaste na afanosa lide,
Descança agora em paz, soou na campa
A hora do silencio!

Dorme, dorme, ó poeta, o somno eterno,
O véo da vida para ti correu-se;
Novas scenas p'ra ti vão desdobrar-se
Dos justos na mansão.

Dorme! — tuas noites perturbar não quero,
Deixa que espalhe apenas sobre a lousa
Estas flôres mirradas que bem mostrão
Minha dôr e saudade.

M. Ribeiro de Almeida.

Sonho ou deliro? A luz me falta ou vivo?
Descrí dos céos, do mundo, da ventura,

Ai! pobre coração! soluça, soffre,
— O sentimento no soffrer se apura...

Ser de virtude! porque em meus ouvidos
Inda não côas lavas de poeta?
Porque mais me não dizes do futuro
Que tu sonhavas infinita meta?

Porque aos braços do amigo já não corres
A contar-lhe extremados sentimentos?
Porque o canto não ergues, desvendando
Ao mundo os teus divinos pensamentos?...

Tudo é silencio! — Cala-se a bafagem
Que os cabellos de joven te beijava,
E queria apartar da fronte excelsa
A nuvem que os ardores assombrava...

Mas inda ouço-te a voz de sala em sala
Entre o luto que cobre e extingue a luz:
— É o echo brando d'essa voz sentida
Que um Anjo aos lares célicos conduz!...

Ouço inda os passos que dizião vida,
E ora perdem-se em lethal mudez!...

Gemem as vagas na arenosa praia,
— Fallão de ti, gemendo, inda uma vez!...

E eu te vi... Quanta gloria n'essa fronte!
— Inda crêr parecias no porvir...
N'esses olhos que fogo! — Inda abrazou-me
Os seios d'alma em lobrego sentir!...

Junto do teu meu coração batera,
Minha mão estreitára a tua mão :
Fil-o ainda — e a mão nem mais moveu-se,
Nem bateu uma vez o coração...

Então chorei... o meu ardente pranto
Cahiu-te sobre o peito e te acordou...
— Ouvi-te segredar no meu ouvido,
Senti pulsar o peito que esfriou...

Moveste os cilios negros, resignado
E meigo olhar lançaste sobre mim;
Fallaste de teus pais... a voz baixinha
Perdeu-se na minha alma e em céos sem fim...
. . . . . .

Foi um momento só! — Delirio ou sonho?
— Sonho! insania da vida! atra visão!
Vi a campa cerrar toda a esperança :
Fatalidade! é bronzea tua mão!...

De lagrimas reguei a fria terra;
Muda os prantos comtigo sepultou...
Ó duvida! ó engano! crenças! vida!
Morrer! morrer! — A mente tresvariou!

Creatura celeste! uma vez inda
Recebe d'alma o extremo intimo adeus!
E deixa-me sonhar, e nos meus sonhos
Vem, Poeta! trazer-me o ardor dos céos!

D. Jacy Monteiro.

Deus quiz ouvil-o,
Deu-lhe um poema no céo — a Eternidade.
F. da Costa Carvalho.

Morreu! foi como um sonho venturoso
Que horrivel pesadelo espedaçou!
Foi um riso nos labios começando
Que em pranto de repente se trocou!

Foi dourada esperança, que descrida
Para sempre da mente se sumio!

Uma flôr que perfumes exhalando
Pendeu tão bella e a se murchar cahio!

Foi um canto que ouviu-se arrebatando,
Um som que harpa afinada desprendeo!
Foi um écho que hosanna repetira
Um poeta tão joven que morreo!...

Voou ave do céo! seu vôo eterno
Para o espaço de Deus se retirou,
Pairando as azas em gorgeio edenico
A terra que lhe ouvira — arrebatou...

Era uma estrella scintillante e pura
No céo da poesia, que brilhava,
Era Byron ou mais em sua idade,
— Era um genio que o mundo admirava.

E um futuro que a mente enlouquecia
A querer divisal-o... era do céo;
Bem na terra prophetas não podião
Rasgar a venda, descortinar-lhe o véo.

E essa estrella tão formosa
Em seu céo pallideceo!
E esse poeta — esse genio
Aos vinte annos morreo!

E hoje o que nos resta em troco delle,
Do talento que tanto carecíamos?!...
Nada mais que o luto da sciencia,
A perda d'esse amparo nos estudos,
Cordas quebradas de uma lyra d'ouro.
E tu, minha alma, que padeces tanto,
Falla tambem do pranto d'amizade,
Liga á dôr que soffreu a intelligencia
A dôr do coração tão dolorida.
Que nos resta na terra em troco d'elle?!...
Nada mais do que o nome tão lembrado
A saudade pugente que nos rala,
Nos corta as fibras e nos sangra o peito,
E na mente uma sombra, desenhando
A imagem do que foi esse cadaver
Deitado lá na cal da sepultura.
Oh! mas o que vale o que soffremos,
E os soluços de um pai sorvendo á goles
O fel da dôr a corroer-lhe o peito....
Diante de uma mãi enlouquecida
De joelhos chorando ao pé da lousa
Da pedra tumular que encobre o filho?
Onde encontra-se amor assim immenso,

Amor de mãi estremecido e santo?!...
Esse amor que o mysterio ella só sabe,
Que Deus, nem mesmo Deus, não póde tel-o!...
Que saudades tamanhas, que torturas
Lhe recorda essa benção derradeira,
O beijo maternal do adeus eterno!
E louca a pobre mãi exclama ainda
« Meu filho » e não o tem mais neste mundo!
Já não tem « minha mãi » quem lhe responda;
Sómente ao longe emmudecido e triste
S'escuta um écho a repetir — meu filho.

LEONEL MARTINIANO DE ALENCAR.

S. Paulo, 24 de Maio de 1852.

A morte, não é um somno eterno, pelo contrario, é o começo da immortalidade!

ROBESPIERRE.

Era um genio! no craneo escandecido
A lava das paixões dentro bramia!
Era um'aguia que os páramos fendia
Em busca do impossivel! Era um descrido!...

Era o genio do mal! Satan na fronte
O estigma de Byron lhe estampou!

E su'alma no abysmo resvalou
Abrindo no Brazil novo horizonte!

Tinha sangue de mais! Era-lhe a vida
Horrivel pesadelo! Amava a gloria!
E pôdéra dos tempos na memoria
Seu nome gravar de « Genio suicida! »

Em meio aos histriões, a liberdade
Tinha em su'alma um culto fervoroso!
No porvir antevia o sol formoso
O Sant'elmo de luz da mocidade!

Era a luz do progresso! O povo escravo
Remordia os grilhões do despotismo!
O quatro do passado, o torvo abysmo
Chamava-o lidador, poeta e bravo!

Dorme, cantor! A mocidade chora
Sobre a lousa que guarda os restos teus!
Tua morte precoce ella deplora
Porque o genio, poeta, é quasi Deus!

PEREIRA ROÇAS.

Um amigo nosso dirigiu-nos a seguinte carta, que nos apressamos a publicar, sobre a prematura morte

do senhor Manoel Antonio Alvares de Azevedo. A sentida imitação dos versos do joven poeta, com que termina a carta do nosso amigo, deve merecer a attenção dos leitores.

« Apreciador do merito, talentos e qualidades do erudito mancebo cuja, preciosa existencia acaba de finar-se, não fui o ultimo a pagar-lhe o tributo de minhas saudosas lagrimas : foi sob a impressão do geral sentimento e da pungente magoa que enluta o coração de seus verdadeiros amigos que devorei com os olhos rasos d'agua a tocante noticia que de tão triste successo deu hoje o *Correio Mercantil*, e os melindrosos versos (por si sós bastante para fundar uma reputação poetica) que com tanta propriedade denominou o canto do cysne. Do fundo d'alma e como um accento de dôr, escapou-me nesse instante a seguinte imitação, á qual lhe peço dê publicidade, como prova de consideração por sua familia e para melhor realçar o inexprimivel merecimento do original :

« Se me fosse, mancebo, dado ao menos
A tua doce mãi, a triste irmã
Os prantos mitigar, eu morreria
Sem pezar amanhã.

« Essa gloria brilhante, esse futuro
Que te sorria na feliz manhã,
Convertêra em laureis, em dulias c' rôas,
E morrêra amanhã.

« O sol, o céo azul, essa que n'alva
Natureza tu vias tão louçã,

Não me roubára nem um ai do peito
E morrêra ámanhã.

« Mas esta dôr que a vida me devora,
A pungente saudade, amargo afã
Não sentira cruel, poupára ao menos
Se morresse ámanhã!

L. S.

« Rio de Janeiro, 27 de Abril de 1852. »

Os *Ensaios Litterarios*, continuando na liça do jornalismo, vão sentir um vácuo immenso na morte prematura do senhor Manuel Antonio Alvares de Azevedo, um dos seus mais distinctos e zelosos collaboradores, que não poupou esforços e cuidados para fadar-lhes um destino cheio de vida e de esperanças.

Ainda nos primeiros arroubos de sua quadra infantil, quando sua intelligencia parecia apenas um botão que lutava com as forças do tempo no seu desabrochar, fructos doces e sazonados pendião copiosos de seus talentos e fecundavão as paginas dos *Ensaios Litterarios*.

O gosto depurado pelas letras ateou-lhe n'alma o fogo poetico da imaginação e promettia ao mundo litterario uma grinalda immarcescivel no horizonte de seu futuro esperançoso.

Suas producções, que ahi correm impressas, servirão para attestar o elasterio dos seus talentos e erudição, e avivar no volver dos tempos o nome glorioso d'esse joven, que fez honra á corporação academica e á mocidade brasileira.

Os *Ensaios Litterarios* muito lhe devem: e, pois, neste momento solemne, quando de novo vêm reassumir o peso oneroso de sua alta missão, não podião deixar de imprimir em uma de suas paginas uma lembrança dolorosa do seu nome, que na côrte e n'esta capital já havia recebido as ultimas homenagens de litteratos abalizados e da mocidade academica. É um dever que cumprimos traçando esta lembrança em signal de respeito e gratidão aos serviços de sua intelligencia: e fazemos votos ao Creador pelo descanso de sua alma na mansão dos justos.

(Artigo da revista *Ensaios litterarios do Atheneo Paulistano.* — S. Paulo, agosto de 1852.)

Não sei que maldição do inferno pesa sobre a cabeça do poeta! Não sei que mão de ferro estortega o leito de purpura que é reservado ao genio, e o atira na encherga da miseria ou desventura!

Esse sentimento melancolico e divino, que é como a

lampada mysteriosa que se alimenta na inspiração e no genio... essa imaginação ardente e caprichosa que faz brotar phantasmas do seio das flôres e nuvens d'oiro do regaço negro da tempestade... bem depressa gelão-se no scepticismo da existencia, e como que cançados de soffrer procurão na descrença a tregoa de seus males e infortunios!

E esse genio, que era como o fogo do céo pennejando fagulhas de diamantes, se perde nos dithyrambos da vida — como a phalena nos matagáes incultos; e essa imaginação, que era como o vôo da aguia por sobre os paramos do sol, se descora — como a luz de uma aurora de Italia ennuveada pelos vapores cerrados do inverno!

Que de lyras, tão ricas de inspirações e musicas, não se tem quebrado antes de tempo aos lategos da fatalidade?! Que de astros brilhantes não se tem offuscado, quando para elles Deus apontava em que céo devião brilhar.

Tasso humedeceu de lagrimas as pedras negras de sua masmorra! Camões chorou no fundo do hospital a ingratidão de sua patria! Chatterton no suicidio abnegou um futuro de miserias, um viver de privações e lagrimas! Malfilâtre e Gilbert morrerão na miseria, engolindo suspiros e dôres!

Chénier, o cantor da heroina de 92, o poeta da liberdade, afogou-se nas lavas do Vesuvio revolucionario que ameaçou engolir a Europa inteira. A guilho-

tina rebentou-lhe as cordas da lyra, ceifando ao lampo do clarão da vida um apostolo das instituições liberaes! Como os bardos da Thebaida, elle não foi pendurar sua lyra nos salgueiros do valle; foi sua patria ingrata, ingrata é sempre, que envenenou-lhe as fontes da vida e o embarcou nas lages frias do tumulo!

Lamartine, o bardo santo, em cujo cerebro ardente a mão invisivel da Omnipotencia encarnou a fibra delicada da religião e crença, tambem descansou a lyra, como que adormecida nas decepções da vida, tambem perdeu o vôo da aguia altiva e pairou em outras regiões mais frias a que chamão — historia.

Lá vae caminho de desterro o proscripto de Jersey! A cabeça ungida nas aguas lustráes da liberdade, foragido na terra do exilio, chora a patria escravisada, e do fundo de seu leito de dôres apenas manda-lhe um suspiro de saudade!

E o poeta vae perdendo suas inspirações e harmonias na poenta viagem do desterro; e sua imaginação, que ora balouçava-se no pincaro das nuvens, ora embrenhava-se na crypta dos abysmos — como que vae empallidecendo aos tibios raios de sol da Inglaterra!

Quão grande não é o numero d'esses desventurados genios que passão na terra — como o canto matutino da avesinha, extasião-nos de melodias e doçuras, e desmaião n'aurora da vida — como o lirio branco crestado pelas geadas do inverno!? Quão grande não é o numero d'essas flôres do paraiso, que mandadas ao

mundo para perfumar-nos com seus attractivos seduc̃ções, emmurchecem, cantando — como o rouxinol a ultima saudade, e nos legão uma tristeza doce e suave, porque é filha do coração e da dôr!?

Um exemplo vivo vem confirmar esta minha triste asserção:

— Ha bem pouco tempo que nas extensões do céo brasileiro um cysne desdobrou suas longas azas. Seu canto se fez ouvir, ora doce e intimo como uma recordação de ventura, ora terno e merencorio como as brisas que gemem nos cedros do sepulchro, ora suave e meigo como o gorgeio do rouxinol por noites de primavera!

O Brazil o saudou. Era mais um talento raro, que esmaltava a nossa litteratura com seu esplendido fulgor! sublime como Lamartine, quando de sua alma desprendia-se o canto mellifluo da crença e do amor, da religião e do céo! grandioso como Byron, quando a ironia resaltava de seus labios e a descrença lhe orvalhava o fel da vida! doce como Chénier, quando antes de debruçar-se no leito da morte su'alma alou-se ate aos céos esparzindo em sua passagem os perfumes do coração nos immortaes versos — *Se eu morresse amanhã*. Era o presagio do genio, que sentia a morte *na dôr do coração*!... do cysne, que se reclinava no berço da correnteza soltando o seu canto de morte!

E o cysne afogou-se nas ondas do sepulchro. Sua lyra perfumada das flôres da juventude estalou suas cordas

de sonhos, tão ferteis de vida e esperanças, tão ricas de inspirações e harmonias!

Hoje o Brasil prantea o eclipse d'esse astro que já rebrilhava no céo da gloria, e cinzelava o seu busto de mancebo, cingido dos louros da sciencia, no pantheon da litteratura patria!!

M. A. A. de Azevedo é um dos poucos nomes no Brasil que o velho deve repetir com amor, e o mancebo com enthusiasmo... um d'esses nomes que ficará esculpido nos bronzes da historia, entre esgalhos de saudades e o reflexo risante das glorias!

Poeta de sentimento que ao dedilhar as cordas de sua lyra d'oiro só tinha vozes do coração a derramar monodias de morte!

Em todas as suas estrophes ressumbra sempre a imagem pallida do tumulo a sorrir-lhe nas rosas verdes da mocidade! Em todas as perolas que formão sua grinalda de poeta ha sempre um écho de morte que vem annuviar as paisagens côr de rosa de seus sonhos de mancebo!!

Como é doce e suspirosa essa poesia intitulada — *Lembrança de morrer!* Toda ella é um hymno triste e dulçoroso, como as lagrimas do amante de Leonor gotejadas nas paredes humidas do carcere!

Só levo uma saudade — é d'essas sombras
Que eu sentia velar nas noites minhas.....
E de ti, ó minha mãi, pobre coitada
Que por minha tristeza te definhas!

De meu pai... de meus unicos amigos,
Poucos, bem poucos !... e que não zombavão
Quando, em noites de febre endoudecido,
Minhas pallidas crenças duvidavão.

Oh ! parece que a mão do anjo da saudade escrêvera estas estrophes n'uma hora de recolhimento e solidão, esvoçando por sobre os goivos emmurchecidos da campa !

Não repetirei os topicos mais arrojados do genio, porque difficil fôra distinguir a estrella mais brilhante da noite, ou a concha mais rosada das praias do mar !

Não me seria dado dizer : isto é melhor que aquillo; pois que para mim cada uma de suas producções é como o pedestal de um titulo de gloria, onde se póde alevantar a auréola brilhante de sua reputação litteraria !

Choremos, pois, mais uma fronte despida de vida que se envergou ao vento do sepulchro. Ella era como o sol que doirava o alto verdejante das serranias e que a nuvem da tormenta escureceu com sua sombra. Era a estrella d'alva, coberta do orvalho da noite, desmaiando antes de ostentar todas suas galas e luzimento !...

. . . . . .

E onde a lapida que guarda em seus marmores frios o sudario sacrosanto do genio ?

Em nossos labios — o seu nome; em nossos corações — a saudade.

Lindorf Ernesto Ferreira França.

VI

DISCURSO BIOGRAPHICO

DO BACHAREL

M. A. ALVARES DE AZEVEDO

RECITADO

Na quarta sessão solemne de Gymnasio Brasileiro pelo socio effectivo e primeiro secretario

DOMINGO JACY MONTEIRO

I

O Brazil é fecundo em genios : nem é a primeira vez que o dizemos, nem a dizêl-o somos o primeiro. Tambem por outro modo não podia acontecer. Ao fulgor das alampadas celestes das nossas noites, ao abrazear do sol dos nossos dias, ao cicio das aragens de nossas tardes devia seguir o canto das myriadas dos

nossos passaros e o brilho das suas mil côres, devia seguir o brotar das flôres que são maravilhas do mundo e que não escolhem manhãs para abrir porque todas as manhãs são bellas, nem esperão por primavera porque todas as estações são boas... e a tudo isto devia seguir-se a expansão dos talentos, como uma acção de graças ao Creador, o apparecimento dos genios, como predicados de tal patria... Aquella imaginação ardente e superior da Arabia da tradição, aquella eloquencia magestosa e arrebatadora da Grecia a vetusta e de Roma a barbara, aquelle *amor da sabedoria* e aquelle arrojo da Germania e de Albion, aquelle espirito attico e fino da nação dos lizes, aquelle brio dos lusos do Indo e Ganges e do Cabo-das-tormentas, aquelle cavalheirismo da patria dos Cids, tudo se devia reunir na terra a que a natureza doára quanto ha bello e grande e sublime!

Quereis nomes? Não; não os precisaes: longo seria, arduo, até impossivel para nós o fazêl-o, que para tental-o fôra mister para cada umuma historia... Dizem-os alguns livros, ou apenas, quando muito, algumas folhas ou revistas, que são expostas ao pó dos cantos ou ao desdem de mercadores ignorantes como pasto aos vermes...

E entretanto assim não devêra ser; porque os nomes gloriosos de uma nação devem ser emmoldurados em ouro, como preciosidades da grande familia — a patria, que não envolvidos no pó do olvido, que não atirados

ao tremedal da indifferença e da ignorancia, como as telas que passárão da moda, como as flôres que ao calor do baile servirão de aprazimento e recebêrão osculos e que, ao transpôr as portas da mansão alegre, forão beijar a lama das ruas e desapparecer ao pisar dos urcos... Seria pois aqui uma repetição mais fria, menos meritoria que as outras e demais van talvez...

Mas silencio ! que estas maculas o povo — quando chegar a ser o que esperamos, o povo brasileiro laval-as-ha como o ferido as chagas... quando porventura não gangrenão...

Se porém o vento da devastação varre com seu sopro infesto as cumiadas das montanhas ou as faces dos valles, onde as arvores se ostentão arreiadas de milhares de flôres, leva-as aos centos, nem só aquellas que já derão seus perfumes, como ainda as que desabotoão... Por isso, nem só havemos que commemorar os grandes nomes que derão suas flôres á patria, como lamental-a por aquelles que as não derão ou apenas as começárão a dar. Se pois temos para mentionar Cayrú, Pizarro, Silva Lisboa e outros, temos tambem Bernardino Rideiro, Penna, Dutra e com tantos outros — Alvares de Azevedo emfim!...

Cumprindo, portanto, a missão que nos impuzemos quando, ao sonhar grandezas e progressos para a patria, nos reunimos com firme vontade á phalange de alguns estudiosos, cumprimos ainda uma vez a da

amizade... — missões nobres ambas e que se não extinguem para corações que sentem...

II

As duas horas da tarde do dia 12 de septembro de 1831, na cidade de S. Paulo, ao passarem, sahindo da lição, estudantes do curso juridico, ouvirão-se vagidos de recem-nascido, partidos de uma sala que servia de bibliotheca... Aquelle em quem pulava o coração de pai, inquirindo ácerca do novo fructo do seu amor, obteve de alguem a resposta : « É um estudante! »

Fôra sina ou acaso?

Dous annos depois, pouco mais ou menos, voltou o menino para o Rio de Janeiro com seus paes, o Dr. Ignacio Manuel Alvares de Azevedo e D. Maria Luiza Silveira da Motta Azevedo.

Foi-lhe até cinco annos brilhante a robustez, o viço da saude, a par das graças, das alegrias, da vivacidade que nos olhos scintillava, e da expansão que na fronte lhe exarava o futuro. Então,pela vez primeira sua vida perigou. Ao lado de um irmãozinho finado, de quem desejava as vestes e a quem queria acompanhar na folgança dos anjos por certo — a que julgava que ia elle, começavão a apparecer-lhe os phenomenos de uma febre das mais graves, que depois se decla-

rou com toda a violencia! Não forão, porém, baldados os esforços dos medicos e os desejos de seus pais... Restou-lhe entretanto alguma cousa d'essa enfermidade : foi certa fraqueza, certo adoentamento do corpo, que persistiu até á sua morte. Foi talvez por isso e tambem pelos mestres que, dos seis annos em que começou as primeiras letras até aos nove poucos progressos fez.

Foi então, em janeiro de 1840, que entrou para o collegio, que já não existe, do Sr. Stoll. Tres mezes ainda não erão passados e já este homem, tão severo como conhecedor do caracter e talento de seus discipulos, que estudava acuradamente, escrevia ao pai do seu novo discipulo o seguinte : « *Votre petit Manuel m'enchante toujours davantage ; c'est bien l'enfant de la plus belle espérance de mon collége, excepté pour la gymnastique, où il est le dernier...* » Ve-se por aqui ainda provado o que dicemos sobre aquella fraqueza que lhe restou sempre da fatal molestia aos cinco annos, fraqueza que o impediu sempre de rentrar com seus companheiros nos brincos que exigião esforço. Em outubro desse mesmo anno dizia elle : « *Votre fils est toujours le meilleur de mes élèves pour l'esprit, l'intelligence, l'aimable gaieté, et surtout pour le cœur... Plus j'analyse cet enfant, plus j'ai lieu de vous féliciter d'avoir un tel fils. Dieu lui prête vie et santé, et vous verrez qu'il deviendra quelque chose de bon, et de très-bon.* » — E em novembro : « *Vraiment il n'a pas*

perdu son temps cette année et s'il continue ainsi, cela deviendra un brésilien qui pourra se mesurer avec les premières capacités européennes. » — Em abril de 1841, assim se exprimia esse professor : » *Notre petit héros fait toujours ma gloire et mon bonheur : il réunit, ce qui est bien rare, la plus grande innocence de mœurs a la plus vaste capacité intellectuelle que j'ai rencontrée en Amérique dans un enfant de son âge... Rien n'est plus charmant pour moi que de le voir, après avoir surpassé tous les grands dans les leçons, s'occuper dans ses jeux à planter des fleurs sans racine, pour faire un petit jardin d'une heure de durée, ou bien à bâtir une petite maison que le vent emporte.* » — Em maio deste mesmo anno referia o seguinte : « *J'ai reçu la visite de Mr. Guimarães* (1) *qui, étonné des progrès de votre petit Manuel, veut me confier ses deux fils. Vraiment, Maneco est mon recruteur. Plus de quarante personnes viennent me féliciter d'avoir fait des merveilles avec lui. « J'ai entendu un de vos élèves, me dit-on, mais c'est vraiment admirable comme il parle français, anglais, déclame, sait l'histoire et la géographie* »

Eis como já então se exprimia esse professor, que não era prodigo de elogios e sabia avaliar pela observação até onde iria o talento de seus discipulos.

Passados cêrca de quatro annos, estando o Sr. Stoll

1. O Sr Dr Francisco José Pinheiro Guimarães.

proximo a deixar o seu estabelecimento, e demais tornando-se precaria a saude de Azevedo, sahiu elle do collegio, e mezes depois (em agosto de 1844) partiu para S. Paulo com seu tio o Dr. José Ignacio Silveira da Motta, pelo receio que seus pais concebêrão de sua vida, e até por conselho de alguns medicos. N'essa cidade passou melhor e fez exames de francez, inglez e latim, voltando no fim d'esse anno para o Rio de Janeiro, não tendo feito exame de historia e geographia por não ter idade para seguir o curso juridico, a que se destinava.

Até junho de 1845 estudou com o barão de Planitz o que lhe faltava para entrar para o quinto anno do Collegio de Pedro II, em que se matriculou como interno, depois de haver feito os exames exigidos.

N'este collegio soffreu bastante a principio. Quer porque a altivez propria estranhasse certas usanças, quer porque seu gosto pelo desenho, junto a um genio mais ou menos travesso, como succede em tal idade, o levasse a pôr em caricatura empregados do estabelecimento, apesar de ser reconhecido como dos primeiros estudantes do seu anno teve por varias vezes de ver a escuridão do carcere do collegio. Todavia, afinal, vendo que lhe não quebrantavão o genio e até tirando d'este bons augurios do seu futuro, e vendo ao mesmo tempo que sua saude já precaria mais se resentia por aquelle facto, desculpárão-lhe esses pequenos desmandos pelo talento que o caracterisava Seus compa-

nheiros o estimavão e abonavão-lhe especialmente a imaginação, o conhecimento da historia e da philosophia.

Em 1847 tomou o gráo de bacharel em letras, e em 1848 partiu para o curso juridico de S. Paulo, que frequentou até ao fim de 1851, em que completou o seu quarto anno de estudos, bem, como sempre. Só lhe faltava um anno para fechar a sua carreira...

III

Temos resumidamente visto a sua carreira escolastica; vejamos o seu progresso litterario durante ella até á sua morte.

Tinha elle dez annos: estava no collegio do Sr. Stoll. Este ralhára fortemente por um facto acontecido entre um criado, uma criada e um outro empregado do estabelecimento, cada um de ração differente. Dias depois veio um criado queixar-se-lhe de que Azevedo o ridicularisava em companhia de outros collegas. O Sr. Stoll, que não perdoava o desrespeito, vae com intenção de reprehender severamente o menino. Passava-se a scena em uma das camaras de estudo: erão horas vagas. Stoll chega á porta; mas, para não ser precipitado, olha pela chave e escuta. O que viu e ouviu por tal fórma lhe mudou os sentimentos com que ia que em vez de reprehensão, quando abriu a porta, foi um

apertado abraço que lhe deu! — Tão bem reproduzidos viu pelo seu *pequeno genio*, como em suas cartas o chamava, o seu modo, os seus gestos, a sua falla de sotaque estrangeiro no facto citado!... Era um entremez que o menino ideiára e para cuja representação convidàra seus companheiros.

O seu gosto pela poesia e pelos poetas já era muito pronunciado: recreiava-se na leitura dos Lusiadas de Camões e da Henriqueida de Voltaire. Já então gostava tambem summamente do desenho. Foi ao enviar a seu pai, no dia dos annos d'este, um dos desenhos por elle feitos no collegio que fez os primeiros versos, em referencia ao dia dasua lembrança, e em francez, versos porventura informes, mas que ninguem diria serem producto de uma criança de dez annos.

Quando em 1844 foi pela primeira vez para S. Paulo não se esqueceu da poesia, e no *Album* de sua querida irmã escreveu, despedindo-se, quatro versos, tambem em francez, reflexo talvez de uma poesia do mesmo genero de Mlle Flaugergues.

No collegio de Pedro II ainda não deixou de dar emprego a sua imaginação, escrevendo algumas composições e traducções e compulsando os bons autores das diversas linguas que cultivava.

A môr parte porém dos seus primeiros escriptos e papeis perdeu-se entre as rosas desfolhadas de sua infancia... Tudo isso era ainda nada: apenas singelos arrojos de criança que denunciavão precocemente os

feitos do futuro homem, como essas faiscas envoltas em fumo e cinzas que o volcão atira ás auras da planicie, antes de arremessar aos furacões das alturas as flammas que tornão noites em dias...

O seu principal ponto de partida de progresso, o seu abrangimento da litteratura, a sua volta em derredor de todo esse mundo de intelligencias superiores foi do fim do primeiro anno do seu curso juridico para diante. Foi então que começárão n'elle a desenvolver-se em todo o viço, em todas as galas, ás flôres do talento. O aturado estudo, o compulsar continuo dos bons livros — e bons os tinha e podia elle ter; que lhe negaria seu pai, a elle, o céo de suas esperanças? — o puzerão a par da grande litteratura.

E desde então até á época de sua morte o progresso foi rapido, admiravel! Discorria, e não perfunctoriamente, sobre a litteratura portugueza, franceza, ingleza, italiana e alleman. Erão-lhe conhecidos os principaes escriptores d'essas linguas.

Não se pense porém que a litteratura lhe absorvia todo o tempo: emquanto se entranhava nella, não se esquecia da sua carreira, e no fim do quarto anno já conhecia, tão bem como a qualquer dos modernos poetas, o direito mercantil a que especiamente se dedicava, e o direito romano.

As provas ahi ficárão: — pouca cousa, bem pouca, é o que deixou para o que aquella cabeça sonhava e meditava! Mas esse pouco diz muito, não aos seus amigos,

que o sabião e demais para muito choral-o, mas a patria, que ainda não sabia o filho que alli criava !...

A força, a profundeza de seus estudos ficou exarada em razões por elle feitas, em autos por elle respondidos, em pareceres por elle dados, não a bisonhos, mas a advogados peritos e que ouvião com todo o apreço. A extensão de seus conhecimentos litterarios e a grandeza de seus pensamentos e de sua imaginação ficou traçada em discursos que deixou, em poesias que compôz.

Os seus escriptos mostrão á primeira vista um fundo conhecimento da lingua portugueza : ha n'elles certo geito de phrase que lhe era peculiar. Na prosa ha, ás vezes, mais ou menos affectação de quinhentismo; na poesia ha ora aquella doçura de Millevoye, acompanhada de certa volupia, ora aquelle pensar chão e austero que encerra o epigramma e a duvida, mais vezes aquelle sentimento melancolico que se acha em André Chénier, de que muito gostava. Ha entretanto um devaneio quasi continuo, certas imagens, certas expressões que sempre lhe transluzem nos escriptos e sobretudo uma ideia de morte, de morte em mancebo, de morte sem attingir a meta do seu futuro!...

Pouco publicou elle : — apenas um discurso recitado na festa academica de S. Paulo, como representante de seus collegos de segundo anno; um ensaio critico a respeito do poema *Jacques Rolla* de A. de Musset; poucas poesias, duas das quaes na *Guanabara*, sem assignatura;

e algumas allocuções necrologicas por occasião da morte de companheiros de estudos. No seu quarto anno academico tencionou publicar com dous collegas e amigos, os Srs. Bernardo da Silva Guimarães e Aureliano José Lessa, uma collecção de poesias com o titulo — AS TRES LYRAS ; não se tendo porem podido verificar esta publicação, resolveu elle, a conselho de alguns amigos, publicar sómente as suas com o titulo — LYRA DOS VINTE ANNOS, resolução que tambem não foi levada a effeito.

IV

M. A. A. de Azevedo era bom amigo, caridoso, affavel, as vezes porventura um tanto altivo : sua conversação era sempre agradavel, e até a sua voz, fina e pouco cheia, parecia dar-lhe certa macieza. Ainda até além do seu primo anno academico era alegre e risonho; depois porem seu riso não tinha tanta expressão de contente.

A sua vida intima, em S. Paulo, compartiu-a a principio com alguns amigos seus com quem morava, e com alguns outros que o procuravam, ou a quem elle procurava. Com elles, por noites escuras e invernosas, ao redor de uma mesa, allumiados por um candieiro, envoltos no fumo dos charutos ou dos cachimbos, passava o tempo em palestras litterarias, em disputas

escolasticas, em fantasias extravagantes, em improvisos longos, ou escrevendo quanto a imaginação lhe dictava impressionada pela occasião. Outras vezes, por noites alvas de luar, ião todos apreciar e embevecer a mente nas bellezas fantasticas da natureza n'essas horas mortas... Outras vezes era elle só quem figurava diante da sua mesa, lucubrando horas esquecidas, e d'essas lucubrações brotando no outro dia folhas marchetadas de sombrias scismas, de matizes do pensamento e da imaginação, como dos orvalhos da noite resaltão faiscas aos primeiros raios do sol, ou esparzem seus aromas as flôres cujos seios a aura da noite e o fulgor persistente dos astros foi abrindo mysteriosamente. Depois ao peso d'essas noites veladas fechavão-se-lhe as palpebras e os olhos cansados se tornavão a abrir pela hora do trabalho quotidiano...

Por ultimo deixou até os seus mais intimos amigos e foi viver só. O que então pensava e sentia só elle e Deus o sabião — só Deus o pudéra ter escrito no seu livro eterno... O facto é que elle escrevia e muito, e seus prazeres consistião em concentrar-se comsigo — sózinho — em sua casa... Mas tambem, como o mergulhador do Oriente que desapparece nas profundezas oceanicas e torna depois á flôr das aguas com as perolas que colheu, assim elle de mais em mais se engolfava nos estudos de direito e das litteraturas estrangeiras, d'onde colhia perolas que mais se esparzião nas suas curtas conversas ou no seu longo escrever...

Assim se tinha ido operando nelle uma mudança que reflectia em todos os seus habitos. Já, quando nas férias do segundo anno veio de S. Paulo para o Rio de Janeiro, Alvares de Azevedo ia-se tornando tristonho, de idéias melancolicas. Era que talvez penetrára elle mais nas fantasias do Faust, nos sentimentos apaixonados de Werther, ou que talvez requeimavão-lhe o cerebro os pensamentos bebidos porventura no desprezo da vida, no scismar sceptico de Byron acerca de suas amarguras e das injustiças do mundo ?... Aquella sombra triste e merencoria n'aquelle desejo de soledade era o resultado d'esse devaneiar que se esquece do presente para procurar os futuros envoltos em nuvens sem sol, d'esse philosophar taciturno e mésto que preza mais as noites do que os dias, mais a lua do que sol, mais o murmurio triste do riacho occulto que se despenha n'um sorvedouro, do que os canticos festivos dos passarinhos da aurora, ou era o resultado d'esse afinco ao estudo, d'esse desejo de entranhar-se nos ramos emmaranhados da vasta litteratura, ou emfim o resultado de alguma dôr occulta, de algum pensamento intimo, de algum presentimento?...

A verdade é que elle escreveu muitas cartas e de diversos logares a um amigo, em uma das quaes dizia : « Se eu morrer moço ainda, sejão as minhas cartas a historia da minha vida, a autopsia dos meus soffrimentos... » N'estas palavras parecia presentir seu fim temporão, como tendo confiança

em que seu nome seria levado á posteridade por seus escriptos...

Desde então tudo quanto escreveu teve esse caracter mais ou menos epigrammatico, mais ou menos extravagante de quem descrê do mundo e ri-se d'elle, ou esse caracter, ora delirante, ora triste, de quem se entrega ás illusões para esquecer-se, de quem só espera — talvez — o futuro para sua memoria, e vê no presente a imagem do acabamento...

> Eu deixo a vida, como deixa o tédio
> Do deserto o poento caminheiro...

diz elle em uma de suas poesias que tem por titulo — LEMBRANÇA DE MORRER. E n'outra em que pranteava a morte de uma formosa moça finada no Rio de Janeiro:

> Bem cedo ao menos eu serei comtigo :
> — Na dôr do coração a morte leio...

Em uma poesia feita em S. Paulo, em 1851, no dia de seus annos, poesia a que intitulou — SAUDADES, pôz uma epigraphe tirada de Byron, que diz: « De que vale esforçar-me, se eu hei de morrer moço? » e na poesia — TARDE DE VERÃO diz:

> ... Mancebo morrerei...
> Adeus, amores, adeus!

E sempre esta ideia apparecia em todos ou quasi to-

dos os seus escriptos, de envolta tambem com o pensamento de seus pais, que tanto o amavão. Isto era talvez nada; mas havia o quer que fosse de sinistro nos seus pensamentos, principalmente nos dos ultimos tempos da sua existencia. Qual a causa d'essa dôr, d'essas tristezas?

V

Depois do exame do seu quarto anno voltou, como de costume, para o Rio de Janeiro.

Algum tanto influia talvez n'elle o clima d'esta cidade, porque de S. Paulo sempre vinha mais corado e menos desfeito do que ia do Rio; entretanto,n'este ultimo anno veio porventura peior...

Aqui não parou : mostrou quanto havia aprofundado os estudos de direito; leu muito; escreveu muito; era-lhe ás vezes uma especie de frenesi, uma ancia indizivel de deixar exarados em caracteres indeleveis os seus pensamentos; tinha pressa, e medo talvez de que elles perecessem...

Juntos passámos o mez de dezembro em uma fazenda de provincia, e então mais uma vez pude aprecia-lo : que mocidade e que futuro!... E entretanto (cousa singular!) parece que elle procurava os abalos e as distracções, para fugir a uma ideia maldita que parecia ter-se-lhe gravado na mente : era o anno da sua

morte. Um dia, após um passeio ao campo e quando conversavamos, elle, nós e uma pessoa muito sua amiga, a respeito de estudos e progresso, vimol-o, como que de chofre assaltado por aquella idéia, pronunciar estas palavras : « Tenho vontade de não ir este anno para S. Paulo, porque está-se-me figurando que morro... ». E explicou-nos, ao dissuadirmol-o de semelhante pensamento, o successo repetido e estranho de haver fallecido consecutivamente por tres ou quatro annos um estudante de cada quinto anno; que estavão escriptos, cremos que até n'uma parede da casa em que elle morava, os nomes dos estudantes quinto-annistas com a éra concernente á sua morte, achando-se em branco na éra de 1852 o logar do nome que o havia de occupar, com a declaração de quinto annista. « E, accrescentava elle, parece-me que o meu nome é que se ha de escrever no lugar branco... »

E esta mesma ideia lacerante ainda a repetiu aqui na cidade em nossa presença e na d'essa mesma pessoa... Logo depois parecia querer afugentar esse pensamento, e então dizia : « Não ! isto nada vale; irei para Pernambuco. » Mas então parecia passar-lhe pela fronte uma nuvem, como um desanimo, que elle procurava extinguir com o sorriso esperançoso das ultimas palavras : entretanto este sorriso esperançoso tinha alguma cousa de fantastico, de chimerico, em que não cria, como o sorriso d'aquelle que refugiando-se em uma gruta vê na escuridão de um bara-

tro, cuja abertura lhe está fronteira, luzirem olhos de féra, e lhe parece certo que vae ser tragado, mas sorrise com a esperança e sorriso que logo lhe parecem simplices pretextos do espirito que se não verificarão!...

E repetia muita vez esse pensamento...

VI

É triste, bem triste! a posição d'aquelle que tem de arrancar á urna de seu peito a lembrança saudosa de quem amou e tem de rasgar o véo de seus prantos e deixal-o penetrar da luz publica, como se quebrasse o sigillo de um mysterio em noite de tormenta, e o sol da madrugada viesse despertal-o do seu embebimento, mostrando-o a vistas estranhas, a risos muitas vezes de mofa.

Ainda não ha muito... Tão depressa passou a manhã d'esses dias e chegou-lhes a noite profunda e cinerea!. Foi ainda hontem , e porque já não o é mais hoje?... Porque? Deus o sabe! — Deus, para quem não ha presente, passado, nem futuro! Mas para o homem? — misero que se debate entre areias, ora aquecidas pelas dôres, ora molhadas pelos prantos, e que apenas tem por allivio o sol que ás vezes rutila sobre sua cabeça, uma flôr que ás vezes matiza-lhe as tardes, ou uma gota de orvalho que ás vezes refrigera-lhe as noites! para o homem que sente os affectos que o céo lhe deu,

que os sente fundo, e que são para elle outros tantos raios de vida e de soffrimento? Para o homem existe o passado como uma longa rua de silvas e de maravilhas, que vê no declive da montanha que a custo galgou, mas que não póde descer; para o homem existe o presente em que pisa e para o qual não olha, que é apenas como um ponto onde existe uma flôr ou um espinho, uma pomba ou uma serpe; e o futuro? esse está na cumiada da montanha, cercado de nevoas, sem luz, sem fôrmas, perdendo-se no espaço...

Só ha pois o que passou e que não póde tornar — painel em que se retração scenas do céo ou scenas do inferno, unico para o qual podemos olhar, depondo sobre elle algumas saudades, ou procurando extinguil-o ou tapal-o com denso véo...

Quanta vez, n'esse lugar em que estivemos, ao voltarmos do rio em tarde estiva, ao passearmos pelo campo, ao vermos perder-se na penumbra do crepusculo, como uma nuvem no céo, a alva capella do morro, ao vermos por detrás das montanhas o sol deitar-se, entre cortinas e franjas purpuradas e luminosas, no leito cujo friso de ouro se mostrava nos horizontes, para depois tambem extinguir-se, ao vermos o recolher de uma immensa e longa manada, ao olharmos para a lua candida e sem véos a espelhar-se no riacho, ou escondidos no sombreado mysterioso da casa que nos furtava sua luz, quanta vez nos não entregámos a essas cogitações pelo passado e

a esses sonhos pelo futuro, que não podiamos ver! Quantas outras não lançamos ás aragens os improvisos do momento e da situação, inspirados pela natureza ou pelas circunstancias e por isso mesmo ora arrebatados, ora tristes e melancolicos, ora extravagantes e caprichosos! Quantas outras nos enthusiasmamos pelo porvir da patria e discutimos suas forças e seus fins com a eloquencia simples de corações brasileiros, moços e cheios de esperanças! Quantas outras nos não embalamos na letra das tradições, no mysterio das lendas da patria, e metamorphoseamos os montes longinquos em moradas de caciques e as arvores em bosques de brazis?

As estrellas que nos alumiavão n'essas noites divinas que digão nossos enlevos; as arvores a que nos abrigamos que pintem nossos enthusiasmos de mancebos; as nuvens, que a briza conduzia, que escrevão essas palavras que com ellas voarão e das quaes só ficárão recordações intimas!...

Cada arvore, cada sombra, cada caminho, cada flôr marca uma reminiscencia; mas essa reminiscencia só se póde exprimir com lagrimas ou com o arquejar do peito em repetidos soluços, que não com a palavra...

VII

Mas seria com effeito só esse pensamento fatal que o

dominava, ou era porventura uma dôr que o corroia e na qual sentia certa a morte, mas que talvez não quizesse communicar, talvez se resignasse a soffrer tacitamente até quando Deus lh'o permittisse, por causa de sua mãi que era toda extremosa para elle e a quem elle adorava como a Deus?...

O certo é que por este tempo despertou-se n'elle o quer que fosse de infantil para com ella, tanto mais de notar quanto só em sua meninice o fizera... Fôra isto um apego, um conchego assiduo a sua mãi, a expressão profunda, indizivel do amor que por ella sentia, expressão que cessára de patentear-lhe assim desde o approximar da puberdade.

Pouco sahia e este pouco não era de ordinario para passeiar e sim para ir escrever, ao escriptorio de seu amante pai que lh'os entregava confiado, autos aos quaes respondia como advogado perito e abalisado... Todo o tempo porém que lhe restava d'este trabalho, empregava-o junto de sua mãi : deitado a seus pés, sentado junto a ella, abraçando-a e beijando-lhe as mãos, chovendo-lhe sempre as palavras de amor para ella, como o maná do Senhor para o povo de Israel... As noites e alguma parte do tempo que não podia assim passar gastava escrevendo muito. E as febris insomnias d'essas horas banhava-as com risos loucos na tarde seguinte...

E quantas lagrimas não derramou ella por isso mesmo! Quanta doce exprobração lhe não fez, ao achal-

o pallido e merencorio, inclinado á sua secretaria, entregue a seus pensamentos, triste como o Faust ás apparições de Mephistopheles, como o Hamleto ás visões da sombra de seu pai, transportando-os ás folhas que diante de si tinha!... Mas elle erguia-se: um sorriso como de esquecimento lhe pairava no semblante, abraçava sua mãi e parecia pedir-lhe perdão do que fazia insensivelmente... Quando ella estranhava-lhe suas tristezas, respondia-lhe elle que nada sentia, que tudo provinha do seu temperamento melancolico...

N'essas occasiões sua mãi lembrava-se de que elle fôra sempre folgazão e acudião-lhe á mente dous sonhos que a respeito d'elle tivera — horriveis pesadellos! n'um dos quaes o vira louco e n'outro moribundo em sua propria cama...

Um dia sua mãi foi achal-o em seu quarto a escrever, convidou-o a sahir d'ahi, a ir conversar: voltou-se elle e dice-lhe que ouvisse a poesia que acabava de escrever e que queria mandar publicar e com voz maviosa leu:

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã,
Minha mãe de saudades morreria,
Se eu morresse amanhã!

Não vos diremos as outras estrophes: quasi todos as sabem... e demais o pranto nos escurece a vista e humecta a penna... São dôres tão demasiado fortes,

que não podem ser escriptas completamente, cansão a mente, espedação o coração, afogão o pensamento em mares de desanimo... O tremor de nossas mãos, o soluçar de nosso peito nos diz ha muito que cessemos...

Mas não : em que nos pèze, cumpriremos nossa missão...

VIII

Nós comprehendemos,e vós todos que sentis o pranto do coração subir aos olhos podeis comprehender qual seria a dôr d'essa pobre mãi e suas lagrimas! Começou a exprobrar-lhe o contristal-a e o ter na sua idade só pensamentos de morte, quando os devia ter de prazer e amor e de illusões do futuro... Logo Azevedo pareceu sentir confranger-se-lhe o coração e ter pezar; depois riu-se e respondeu-lhe que seu futuro e seu unico amor era o de sua mãi! Que choro amargo verteu esse triste coração materno... Ella afastou-se por não poder mais conter seus soluços!...

Não parece que elle sentia a morte ir-se-lhe apoderando do corpo, como a bóa se enrosca á ovelha, e que não queria morrer longe de sua mãi em S. Paulo?...

Foi isto poucos dias antes de cahir enfermo... para não levantar-se senão para a tumba!...

Poder-se-ha dizer que o moral — esta ideia terrivel do seu acabamento — influíra para a sua morte; mas

não : se este influio foi talvez para resignar-se, para occultar o soffrimento que ás vezes — por acaso insensivelmente — lhe rompia aos labios aquellas palavras. Não! parece que elle o sabia, que elle o sentia como um toxico que o mirrava internamente e a que não poderia escapar! Tambem, desde o dia em que o medico reconheceu a séde e o genero da enfermidade, declarou-a mortal...

No dia 10 de março, do anno que corre para o seu termino, queixou-se M. A. A. de Azevedo pela primeira vez. Tudo lhe foi feito, e por alguns dias conservou-se no seu quarto, mostrando ledo o semblante quando qualquer se chegava a elle, e até gracejando e dando motivos especiosos da sua molestia. Sua mãi, que o não deixava, dice-lhe um dia que seu quarto era muito quente e effereceu-lhe a sua cama. Parece que a fronte do mancebo carregou-se; sorriu-se depois e recusou firmemente. — Talvez se lembrasse do sonho a seu respeito que sua mãi lhe contára (fôra no começo do anno) e do qual — cousa singular! — ella se esquecèra completamente até á sua ultima hora; mas uma esperança de vida bateu ainda n'aquelle coração de 20 annos!...

Dias depois, porém, foi elle proprio quem instou para ir para a cama de sua mãi... E desde então não quiz arredar-se mais d'ahi; apenas tres dias antes do seu fallecimento conseguirão a custo tiral-o d'ahi por momentos, tendo elle dicto antes que desejava ficar n'essa

cama *até o fim*, e tendo por mais de uma vez manifestado desejos de vêr certos objectos, respondendo, quando lhe perguntavão a razão, que era para poder vel-os *antes de se ir embora*...

Emfim, ao cabo de 46 dias de horrorosas dores, de padecimentos inexprimiveis, de uma resignação santa e firme, depois de ter soffrido uma grave operação no ventre e seus doridos curativos, pedindo sempre a presença da sua mãi, que passava dias e noites ao pé de sua cama, suffocando junto d'ella as expressões de seus soffrimentos, que substituia por olhares de cordeiro a embevecer-se nos d'aquella, que procurava ter sempre o riso nos labios com a angustia no coração, apertando-lhe a mão que quasi continuamente tinha entre as suas, e depois de ter tido uma melhora admiravel, que fez conceber suaves esperanças e durou tres dias, durante os quaes até chegou a levantar-se (6 dias antes do termo fatal), rendeu a alma ao seu Creador ás 5 horas da tarde de 25 de abril...

N'este dia pediu uma missa e a confissão : a missa, não obstante ser o desejo de um moribundo que ainda uma vez queria elevar-se a Deus nas palavras do Evangelho, foi-lhe negada... por ser domingo. Confessou-se e ungiu-se... Quando sentiu que sua alma queria desprender-se do involucro das paixões, quando sentiu a mão da morte constringir-lhe as pulsações do coração, pediu a sua mãi que se retirasse, ergueu-se um pouco, reclinou-se ao peito de seu irmão, e tomando a mão de

seu pai, levando-a aos labios e deitando-lhe um olhar embebido e ardente, murmurou : « Que fatalidade, meu pai!... » Depois algumas palavras inintelligiveis morrerão-lhe nos labios : — parecião ser o complexo dos nomes de seus pais e de Deus, que se tinhão reunido para elevarem-se com sua alma em um arranco de saudade ! — erão como as palavras do Christo na hora da agonia ! — era talvez que a alma já via um mundo novo e soltava uma palavra de admiração !...

Foi no momento mesmo talvez em que elle se desligava inteiramente da terra que despertou-se na mente de sua mãi a lembrança do seu sonho — fôra como uma inscripção que no livro da vida obscurecera o pó de um seculo que n'aquelle momento fôra varrido pelo furacão e alumiado pelo raio !... Quiz correr, clamar... e cahiu sem conhecimento e delirando, querendo como que agarrar-se ainda á cruz de seu filho e bradar no desespero : — *Videte si est dolor sicut dolor meus!*

. . . . . .

IX

Memorar cada passo que se deu com aquelle que se pranteia, ter de passar em revista todas as phases de sua existencia, encher o espirito d'essas recordações alegres e tristes, mas todas saudosas e cobrindo-se de

crepe no momento em que se quer transmittil-as á patria, é um impossivel, porque o sentimento embarga a voz e ennevôa o pensamento... Fazer apenas um esboço já é immenso sacrificio : mas aquelle que se partiu de nós ainda é merecedor dos sacrificios do amigo que peregrina pela terra, e a patria tambem é exigente d'esses sacrificios...

Eil-o pois! Se cabem glorias para a patria de taes filhos, glorias terá a nossa ; se valem memorias para aquella associação que tem por norte a gloria da patria, valer-lhe-ha a memoria d'aquelle que com o mesmo fito estudou e progrediu...

Chatterton, Gilbert, André Chénier, Malfilâtre, Millevoye tambem morrêrão jovens! Mancebos de palavras de fogo, uns queimárão-se talvez demais n'aquelles lumes que alguma cousa têm do sol e muito de Deus, outros forão abrazados pelo volcão das revoluções! E esses nomes marcão paginas de gloria e de engrandecimento para sua patria... E talvez não houvesse tanto sentimento nas ultimas palavras de Chénier ao seu amigo Roucher : « *Pourtant j'avais quelque chose là* ! » batendo na fronte ; talvez não houvesse tanta somma da esperança perdida, porque já mostravão dias de gloria e de prazer que no delirio da febre e por entre as nuvens dos olhos transparecião, n'aquellas ultimas palavras de Beethoven ao seu amigo: « Não é verdade, Humel, que eu era um genio? » talvez não houvesse tanta uncção n'essas palavras, como

n'aquellas ultimas em que Alvares de Azevedo parecia esquecer-se de si para só lembrar-se dos seus : « Que fatalidade, meu pai!... »

Perdôae, Srs. se molhei a penna no sangue do sentimento, se vos escureci a vista com o crepe mortuario : é hoje dia de festa, e dia solemne. Pois bem! permetti que sob o laranjal perfumado e de fructos de ouro se entresache um tristonho cypreste, uma casuarina gemente, que entre as flôres do ramo de nossa festa se entremeie uma saudade ; — e a festa solemne das lettras mais solemnidade ganhará porque terá uma folha de *cesalpina* para o brasileiro de tanta esperança que não póde contar em seu gremio, mas que seria uma gloria da patria : e a patria agradecida tomará cada uma das lagrimas de sentimento d'esta associação e fará d'ella uma pedra preciosa da corôa de sua existencia; e a emulação ganhará vôos entre vós outros, para que no dia em que soar a tuba da eternidade tenhaes tambem uma flôr, uma lagrima d'estas, uma memoria; e do alto do Capitolio das lettras patrias, bem que banhado na ingratidão herdada, possaes, ainda que como o Tasso na postrema hora, dizer com o poeta portuguez :

— Posteridade! és minha!

12 de outubro de 1852.

OBRAS

DE

M. A. ALVARES DE AZEVEDO

POESIAS DIVERSAS

POESIAS DIVERSAS

GLORIA MORIBUNDA

Une fille de joie attendait sur la borne
TH. GAUTIER.

I

É uma visão medonha uma caveira?
Não tremas de pavôr, ergue-a do lodo.
Foi a cabeça ardente de um poeta,
Outr'ora á sombra dos cabellos loiros.
Quando o reflexo do viver fogoso
Alli dentro animava o pensamento,

Esta fronte era bella. Aqui nas faces
Formosa pallidez cobria o rosto;
N'essas orbitas ocas, denegridas,
Como era puro seu olhar sombrio!

Agora tudo é cinza. Resta apenas
A caveira que a alma em si guardava,
Como a concha no mar encerra a perola,
Como a caçoula a myrrha incandescente.

Tu outr'ora talvez désses-lhe um beijo,
Porque repugnas levantal o agora?
Olha-o co'migo! Que espaçosa fronte!
Quanta vida alli dentro fermentava,
Como a seiva nos ramos do arvoredo!
E a séde em fogo das idéas vivas
Onde está? onde foi? Essa alma errante
Que um dia no viver passou cantando,
Como canta na treva um vagabundo,
Perdeu-se acaso no sombrio vento,
Como nocturna lampada apagou-se?
E a centelha da vida, o electrismo
Que as fibras tremulantes agitava
Morreu para animar futuras vidas?

Sorris? eu sou um louco. As utopias,

Os sonhos da sciencia nada valem.
A vida é um escarneo sem sentido,
Comedia infame que ensanguenta o lodo.
Ha talvez um segredo que ella esconde :
Mas esse a morte o sabe e o não revela.
Os tumulos são mudos como o vácuo.
Desde a primeira dôr sobre um cadaver,
Quando a primeira mãe entre soluços
Do filho morto os membros apertava
Ao offegante seio, o peito humano
Cahiu tremendo interrogando o tumulo...
E a terra sepulchral não respondia.

Levanta-me do chão essa caveira!
Vou cantar-te uma pagina da vida
De uma alma que penou, e já descansa.

Todo este prologo é excelente, A. de A. é excelente sempre nos prologos.

II

— Por quem esperas tremula a deshoras,
Mulher da noite, na deserta rua?
A miseria venceu os teus orgulhos,

E vens na treva contractar teu leito?
Vem pois. És bella. Tens no rosto frio
A imagem das Madonas descoradas.
Vagabunda de amor, és bella e pallida;
Será doce em teu seio de morena
Um momento sentir os meus suspiros
Estuantes nos labios doloridos.
Se inda podes amar, ergue-te ainda,
Une teu peito ao meu, pallida sombra!

III

Era uma fronte olympica e sombria,
Nua ao vento da noite que agitava
As loiras ondas do cabello solto;
Cabeça de poeta e libertino
Que fogo incerto de embriaguez corava
Na fronte a pallidez, no olhar acceso
O lume errante de uma febre insana,..

VI

— Mancebo, quem és tu?

— Que importa o nome?
Um poeta de santas harmonias
Que a Musa obscena do bordel profana.
Na apparição balsamica dos anjos
Porventura enlevei a mocidade.
Das virgens no cheiroso travesseiro
Porventura dormi... Meu Deus! que sonhos!
Em seios que a innocencia adormecia
Repousei minha fronte embevecida.
Amei, mulher! amei!

Que sêde intensa!
Seccou-se-me a torrente do deserto
Que as folhas de frescura borrifava.
Tudo! tudo passou... Amei... Embora!
Quero agora dormir nos teus joelhos.
N'essa esponja da vida inda uma gota

Talvez reste a meus labios anhelantes,
Que me dê um assomo de ventura
E um leito onde morrer amando ainda.

E que vida, mulher! que dôr profunda,
Faminta como um verme aqui no peito!
Murcha desfalleceu a flôr da vida
E cedo morrerá... E vós, meus anjos,
Ó Virgem Santa, que eu amei, na lyra
A quem votei meu canto deliroso;
Amantes que eu sonhei, que eu amaria
Com todo o fogo juvenil que ainda
Me abraza o coração, porque fugistes,
Brancas sombras, do céo das esperanças?

Oh! riamos da vida! tudo mente!
Os meus versos gotejem de ironias!
Esse mundo sem fé merece prantos?
Á orgia! na saturnal entre a loucura
Derrama o vinho somno e esquecimento.
Vinde, bellezas que a volupia inflamma!
Bebamos juntos... Cantarei de novo:
A minha alma nas azas do improviso,
Como as aves do céo, vôe cantando...
Todos cahirão ebrios?.. só eu resto?
Embora! em minha mão a lyra pulsa,

Meu peito bate, a inspiração agora
Canticos immortaes ao labio inspira!
Voai ao céo — não morrereis, meus cantos!

V

A gloria! a gloria! meu amor foi ella,
Foi meu Deus, o meu sangue... até meu genio...
E agora!... Além os sonhos desta vida!
Quando eu morrer, meus versos incendiem!
Apague-se meu nome; e ao cadaver
Nem lagrima, nem cruz o mundo vote.
Sou um impio (disserão-n'o!) pois deixem-me
Descansar no sepulchro!

Porque choras,
Descorada mulher? Sabes acaso
Quem é o triste, o malfadado obscuro
Que delira e desvaira aqui na treva
E tuas mãos aperta convulsivo?
Eu não te-posso amar. Meu peito morto
É como a rocha que o oceano bate

E branqueia de escuma : alli não póde
Medrar a flôr cheirosa dos enlevos...
Teu amor... Eu descri até dos sonhos...
Demais, dentro em tua alma eu vejo trevas,
Uma estrella de Deus não a illumina.
Quem pudéra nas ondas do passado,
Ditoso pescador, erguer no lodo
O ramo de coral de teus amores?

VI

Amei! amei! no sonho, nas vigilias
Esse nome gemi que eu adorava!
Votei amor a tudo quanto é bello!
Escuta... A rua é quêda. A noite escura
É negra como um tumulo. Durmamos
No leito dos amores do perdido.
Vês? nem lua no céo!... tudo é medonho!
Nem estrella de luz!.. Silencio! Embora...
Escuta, anjo da noite! no meu peito
Não ouves palpitar o som da vida?
Deixa encostar meus labios incendidos

No teu seio que bate. Vem, meu anjo!
A alma da formosura é sempre virgem!
Minha virgem, irmã, meu Deus! comtigo
Oh! deixa-me viver! Eu sinto bella
A tua alma acordando reflectir-se
N'essos olhos tão negros d'hespanhola.
Quero amar e viver, sonhar... em fogo
Meus frouxos dias exhaurir n'um beijo,
Derramar a teus pés os meus amores,
Minhas santas canções a ti erguêl-as,
A ti, e só a ti! —

VII

— Que tens? desmaias?
Que tens, mancebo?

— Nada. É cedo ainda.
Não é ella inda não. Chamei por ella...
Foi em vão... delirei...

— Por quem?

— A morte.

— Morrer! pobre de ti, ó meu poeta!

— Se a morte é soffrimento, eu soffro tanto...
Que a mudança do mal será consolo;
Se a morte é somno, meu cansado corpo
No descanso eternal deixai que durma.

— Eu tambem soffro... mas a morte assusta.
Eu misera mulher nas amarguras
Descorei e perdi a formosura...
No amor impuro profanei minh'alma.....
E n'esta vida não amei comtudo!
Não sou a virgem melindrosa e casta
Que nos sonhos da infancia os anjos beijão,
E entre as rosas da noite adormecêra
Tão pura como a noite e como as flôres;
Mas na minh'alma dorme amor ainda.
Levanta-me, poeta, dos abysmos
Até ao puro sol do amor dos anjos!
Ó minha vida, minha vida pura,
Porque forão tão breves da innocencia
Das crenças virginaes os bellos dias?
Chamei por Deus em vão. Sobre meu leito
Em vez do anjo do céo senti gelada
Sombra desconhecida vir sentar-se,
Em beijos frios roxear meus labios,

Em abraços de morte unir-me ao seio.
Douda! chamei por Deus e a meu reclamo
Veio o torvo Satan... Oh! não maldigas
A misera que os seios innocentes
Entregou sem pudor a mãos impuras :
Erão taças de Deus... eu bem sabia!
Mas todo o pesadelo do passado
Foi uma horrenda sina... tudo aquillo
Escrevêra Satan...

VIII

— Fatalidade!
É pois a voz unanime dos mundos,
Das longas gerações que se agonizão,
Que sobe aos pés do Eterno como incenso?
Serás tu como os bonzos te fingirão?
Sublime Creador, porque engeitaste
A pobre creação? porque a fizeste
Da argilla mais impura e negro lodo
E a lançaste nas trevas errabunda
Co'a pallidez na fronte como anathema,

Qual lança a borboleta as azas d'oiro
No pantano e no sangue?

Tudo é sina!
O crime é um destino! o genio, a gloria
São palavras mentidas! a virtude
E' a mascara vil que o vicio cobre!
O egoismo! — eis a voz da humanidade.
Foste sublime, Creador dos mundos!

IX

Tudo morre, meu Deus! No mundo exhausto
Bastardas gerações vagão descridas,
E a arte se vendeu, essa arte santa
Que orava de joelhos e vertia
O seu raio de luz e amor no povo,
E o genio soluçando e moribundo
Olvidou-se da vida e do futuro
E blasphema lutando na agonia.
Agonia de morte! Só em torno
Do leito do morrer as almas gemem.

E o phantasma da morte gela tudo!
Porque um ardente amor não mais suspira
Notas do coração pelo silencio
Da noite enamorada? A chamma pura
Porque das almas se apagou nas cinzas?
E a lyra do poeta, se murmura
As illusões de um mundo visionario,
Porque estala tão cedo? Vagabundo
Adormeci das arvores na sombra
E nos campos em flôr errei sonhando,
Coroando-me dos lyrios da alvorada.
Arvore prateada da esperança,
Sombra das illusões, ó vida bella
E sempre bella, e no morrer ainda,
Porque pousei a fronte sobre a relva
Á sombra vossa, delirante um dia?

Oh! que morro tambem! na noite d'alma
Sinto-o no peito que um ardor consome,
No meu genio que apaga-se na crapula,
Que foge ao mundo, e o sepulchro teme...
Exilei-me dos homens blasphemando...
Concentrei-me no fundo desespero
E exhausto de esperança e zombarias,
Como um corpo no tumulo lancei-me,
Suicida da fé, no vicio impuro.

X

E o mundo? não me entende. Para as turbas
Eu sou um doudo que se aponta ao dedo.
A gloria é essa. P'ra viver um dia
Troquei o manto de cantor divino
Pelas roupas do insano. Os sons profundos
Ninguem os applaudia sobre a terra.
Para um pouco de pão ganhar da turba,
Como teu corpo no bordel profanas,
— Fiz mais ainda! — prostitui meu genio.
O' ditoso Filinto! elle sim pôde
Na miseria guardar seu genio puro;
Nunca infame beijou a mão dos grandes:
Morreu como Camões, morreu sem nodoa!
Mas eu! A voz do vicio arrebatou-me,
Fascinou-me da infamia o reverbero...
Maldições sobre mim! Abre-te, ó campa!
Alli obscuro dormirei na treva...

XI

Ó santa inspiração! fada nocturna,
Porque a fronte não beijas do poeta?
Porque não lhe descansas nos cabellos
A corôa dos sonhos, e rebentão-lhe
Entre as lividas mãos uma per uma
As cordas do alaúde no vibral-as?
Ó santa inspiração! porque nas sombras
Não escuta o poeta, á meia-noite,
Os sons perdidos da harmonia santa
Que o pobre coração de amor lhe enchião?

Eu fui á noite da taverna á meza
Bater meu copo á taça do bandido,
Na louca saturnal beber com elle,
Ouvir-lhe os cantos de sangrenta vida
E as lendas de punhal e morticinio.
De vinho e febre pallido deitei-me
Sobre o leito venal de uma perdida...
Comprimi-a no meu exhausto peito,

Fallei-lhe em meu amor, contei-lhe sonhos,
Do meu passado a flôr, as glorias murchas
E os longos beijos da primeira amante...

Amor! amor! meu sonho de mancebo!
Minha sêde! meu canto de saudade!
Amor! Meu coração, labios e vida
A ti, sol do viver, erguem-se ainda,
E a ti, sol do viver, erguem-se embalde!

Ouvi, ouvi no leito da miseria
A pallida mulher junto a meu peito
Contar-me seus amores que passárão,
Fallar-me de purezas, d'esperanças...
E soluçava a triste, e ardentes, longas,
As lagrimas em fio deslizando
Eu vi cahindo sobre o seio della...
Oh! suas emoções, humidos beijos,
Dos seios o tremor, aquelles prantos,
E os offegantes ais... erão mentira!...

XII

Ah! vem, alma sombria que pranteias.
Por quem choras? Por mim? Em vez de prantos
Deixa-me suspirar a teus joelhos.
Tu sim és pura. Os anjos da innocencia
Poderião amar sobre teu seio.
Aperta minha mão! Senta-te um pouco,
Bem unida a minha alma, em meus joelhos;
Assim parece que um abraço aperta
Nossas almas que soffrem. Revivamos!
O passado é um sonho : o mundo é largo,
Fugiremos á patria. Iremos longe
Habitar n'um deserto. No meu peito
Eu tenho amores para encher de encantos
Uma alma de mulher... Porque sorriste?
Sou um louco. Maldita a folha negra
Em que Deus escreveu a minha sina...
Maldita minha mãe, que entre os joelhos
Não soubeste apertar, quando eu nascia,
O meu corpo infantil! Maldita!...

XIII

Escuta:
Sinto uma voz no peito que suspira...
É a alma do poeta que desperta
E canta como as aves acordando.
Oh! cantemos! até que a morte fria
Gele nos labios meus o ultimo canto!
Um cantico de amor, ó minha lyra!
Analia! Armia! apparições formosas!
Eu amei sobre a terra as vossas sombras,
O ideal que vos anima e que eu buscava...
Vive apenas no céo! vou entre os anjos,
Entre os braços da morte amar com elles!

XIV

O poeta a tremer cahiu no lodo:
A perdida tomou-lhe a fronte branca,

Pôl-a ao collo — era livida — inda o fogo
Lá dentro vacillava agonizando,
Como fluctua a claridão da lampada
Apagando-se ao vento

E quando a aurora
Nos céos de nacar acordava o dia,
E nas nuvens azues o sol purpureo
Se embalava no effluvio de ventura
Das flores que se abrião, dos perfumes
Da briza morna que tremia as folhas,
Macilenta a mulher no chão da rua
Sentada, a fronte curva, sobre os seios
Embalava cantando aquelle morto.

Na manta o encobriu. Medrosa, a furto,
A infeliz o beijou — o pobre amante
Que uma só noite pernoitou com ella
Para aos pés lhe morrer e sem ao menos
Nas faces d'ella estremecer um beijo.

Alguem que alli passou, vendo-a tão pallida
Sentada sobre a lage e tão ardente,
Chegou ao pé e ergueu ao malfadado
A manta.

Como subito acordando
Disse a moça a tremer :

— Deixa-o agora...
Elle penou de febre toda a noite,
Deitou-se descansando sobre o leito...
Oh ! deixa-o dormir.

— Mulher, no peito
Sabes quem te dormiu?

—« Que importa o nome? »
Assim fallava-me...

Ai de ti, miserrima!
Um poeta morreu. Fronte divina,
Alma cheia de sol, fronte sublime
Que de um anjo devêra no regaço
Amorosa viver... Morreu Bocage!

NO ALBUM DA EXma. Sra. D. O....

Era uma flôr a embalsamar-me a vida,
Era um astro a doirar meu firmamento,
Era um ser ideado em sonhos d'oiro
— Angelico o sorrir ao meu tormento;

E essa flôr, e esse anjo, e essa estrella
De limpido fulgôr tão peregrina
Ereis vós tão sómente que eu sonhára
Qual anjo, melancolica e divina;

E sentimento foi que não tem nome,
Que não é não amor, nem amizade,

Affecto que se sente e não se exprime,
Mas olente do odôr da castidade;

E esse meu sentir nasceu bem santo,
Como vós repassado de pureza,
E bem candido vive, bem suave,
Como da lua a morbida tristeza!

PEDRO IVO

Perdoai-lhe, Senhor! elle era um bravo!
Fazia as faces descorar do escravo,
Quando ao sol da batalha a fronte erguia
E o corcel gottejante de suor
Entre sangue e cadaveres corria!
— O genio das pelejas parecia...
Perdoai-lhe, Senhor!

Onde mais vivo, em peito mais valente,
N'um coração mais livre o sangue ardente
Ao fervor desta America bulhava!
— Era um leão sangrento que rugia,

Da guerra nos clarins se embriagava
E vossa gente pallida recuava
Quando elle apparecia!

Era filho do povo! o sangue ardente
As faces lhe assomava incandescente,
Quando scimava do Brazil na sina...
Hontem — era o estrangeiro que zombava,
Amanhã — era a lamina assassina,
No cadafalso a vil carnificina
Que em sangue jubilava!

Era medonho o rubro pesadelo!
Mas nas frontes venaes do genio o sello
Gravaria o anathema da historia!
Dos filhos da nação a rubra espada
No sangue impuro da facção ingloria
Lavaria dos livres na victoria
A mancha profanada!

A fronte envolta em folhas de loureiro
Não a escondemos, não!... Era um guerreiro!
Despio por uma idéa a sua espada!
Alma cheia de fogo e mocidade,
Que ante a furia dos reis não se acobarda,

Sonhava nesta geração bastarda
Glorias... e liberdade!

Tinha sêde de vida e de futuro:
Da liberdade ao sol curvou-se puro
E beijou-lhe a bandeira sublimada!
Amou-a como a Deus e mais que a vida!
-- Perdão para essa fronte laureada!
Não lanceis á matilha ensanguentada
A aguia nunca vencida!

Perdoai-lhe, Senhor! Quando na historia
Vêdes os reis se corôar de gloria,
Não é quando no sangue os thronos lavão
E envoltos no seu manto prostituto
Olvidão-se das glorias que sonhavão!
Para esses — maldição! que o leito cavão
Em lodaçal corrupto!

Nem sangue de Ratcliffs o fogo apaga
Que as frontes populares embriaga,
Nem do heróe a cabeça decepada
Immunda, envolta em pó, no chão da praça,
Contrahida, amarella, ensanguentada,
Assusta a multidão que ardente brada
E thronos despedaça!

O cadaver sem bençãos, insepulto,
Lançado aos corvos do hervaçal inculto,
A fronte varonil do fuzilado
Ao somno imperial co'os labios frios
Podem passar no escarneo desbotado,
Ensanguentar-te a seda ao cortinado
E rir-te aos calefrios!

Não escuteis essa facção impia
Que vos repete a sua rebeldia...
Como o verme no chão da tumba escura
Convulsa-se da treva no mysterio,
Como o vento do inferno em agua impura
Com a bocca maldita vos murmura :
« Morra! salvai o imperio! »

Sim, o imperio salvai, mas não com sangue!
Vêde — a patria debruça o peito exangue
Onde essa turba corvejou, cevou-se!
Nas glorias do passado elles cuspírão!
Vêde — a patria ao bretão ajoelhou-se,
Beijou-lhe os pés, no lodo mergulhou-se!
Elles a prostituírão!

Malditos! do presente na ruina

Como torpe, despida Messalina
Aos apertos infames do estrangeiro,
Traficão d'essa mãi que os embalou!
— Almas descridas do sonhar primeiro
Venderião o beijo derradeiro
Da virgem que os amou!

Perdoai-lhe, Senhor! nunca vencido,
Se em ferros o lançárão foi trahido!
Como o Arabe além no seu deserto,
Como o cervo no páramo das relvas,
Ninguem os trilhos lhe seguira ao perto
No murmurio das selvas.

Perdão! por vosso pai! que era valente,
Que se batia ao sol co'a face ardente,
Rei — e bravo tambem e cavalleiro!
Que da espada na guerra a luz sabia
E ao troar dos canhões intumecia
O peito de guerreiro?

Perdão, por vossa mãi! por vossa gloria!
Pelo vosso porvir e nossa historia!
Não mancheis vossos louros do futuro!
Nem lisongeiro incenso a nodoa exime!

— Lava-se o polluir de um leito impuro,
Lava-se a pallidez do vicio escuro,
Mas não lava-se um crime!

Rio de Janeiro — novembro de 1850.

A MINHA MÃI

És tu, alma divina, essa Madona
Que nos embala na manhã da vida,
Que ao amor indolente se abandona
E beija uma criança adormecida.

No leito solitario és tu quem vela
Tremulo o coração que a dôr anceia,
Nos ais do soffrimento inda mais bella
Pranteando sobre uma alma que pranteia.

E se pallida sonhas na ventura
O affecto virginal, da gloria o brilho,

Dos sonhos no luar, a mente pura
Só delira ambições pelo teu filho!

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,
Quando a lua no mar se vai doirando :
— Pensamento de mãi é como o incenso
Que os anjos do Senhor beijão passando.

Creatura de Deus, ó mãi saudosa,
No silencio da noite e no retiro
A ti vôa minh'alma esperançosa
E do pallido peito o meu suspiro!

Oh! vêr meus sonhos se mirar ainda
De teus sonhos nos magicos espelhos...
Viver por ti de uma esperança infinda
E sagrar meu porvir nos teus joelhos...

E sentir que essa briza que murmura
As saudades da mãi bebeu passando...
E adormecer de novo na ventura
Aos sonhos d'oiro o coração voltando...

Ah! se eu não posso respirar no vento,
Que adormece no valle das campinas,

A saudade de mãi no desalento,
E o perfume das lagrimas divinas...

Ide, ao menos, de amor meus pobres cantos,
No dia festival em que ella chora,
Com ella suspirar nos doces prantos,
Dizer-lhe que tambem eu soffro agora!

Se a estrella d'alva, a perola do dia,
Que vê o pranto que meu rosto inunda,
Meus ais na solidão lhe não confia
E não lhe conta minha dôr profunda...

Que a flôr do peito desbotou na vida
E o orvalho da febre requeimou-a;
Que nos labios da mãi na despedida
O perfume do céo abandonou-a!...

Mas não irei turvar as alegrias
E o jubilo da noite susurrante,
Só porque a magoa desnuou meus dias,
E zombou de meus sonhos delirantes.

Tu bem sabes, meu Deus! eu só quizera
Um momento sequer lhe encher de flôres,

Contar-lhe que não finda a primavera,
A doirada estação dos meus amores. ..

Desfolhando da pallida corôa
Do amor do filho a perfumada flôr
Na mão que o embalou, que o abençôa,
Uma saudosa lagrima depôr...

Suffocando a saudade que delira
E que as noites sombrias me consome,
O nome della perfumar na lyra,
De amor e sonhos coroar seu nome!

SONETO

Passei hontem a noite junto d'ella:
Do camarote a divisão se erguia
Apenas entre nós — e eu vivia
No doce alento d'essa virgem bella...

Tanto amor, tanto fogo se revela
N'aquelles olhos negros! só a via!
Musica mais do céo, mais harmonia
Aspirando n'essa alma de donzella!

Como era doce aquelle seio arfando!
Nos labios que sorriso feiticeiro!
— D'aquellas horas lembro-me chorando!

Mas o que é triste e dóe ao mundo inteiro
É sentir todo o seio palpitando...
Cheio de amores! e dormir solteiro!

THEREZA

Je l'ayme tant que je n'ose l'aymer.
CLEMENT MAROT.

Quando junto de mim Thereza dorme,
Escuto o seio d'ella docemente ...
Exhalão-se d'alli notas aereas,
Não sei que de amoroso e de innocente...

Coração virginal um alaúde
Que dorme no silencio e no retiro...
Basta o roçar das mãos do terno amante,
Para exhalar suavissimo suspiro!

Nas almas em botão, n'esse crepusculo
Que da infante e da flôr abre a corolla,

Murmurão leve os tremulos sentidos,
Como ao sopro do vento uma viola.

Diz — amor! — essa voz da lyra intern..
E suspiro de flôr que o vento agita,
Vagos desejos, ancia de ternura,
Uma briza de aurora que palpita.

Como dorme innocente esta criança!
Qual flôr que abriu de noite o niveo seio
E se entrega da aragem aos amores,
Nos meus braços dormita sem receio.

O que eu adoro em ti é no teu rosto
O angelico perfume da pureza,
São teus quinze annos n'uma fronte santa
O que eu adoro em ti, minha Thereza!

São os loiros anneis de teus cabellos,
O esmero da cintura pequenina,
Da face a rosa viva e de teus olhos
A saphira que a alma te illumina!

É tua fórma aerea e duvidosa
— Pudor d'infante e virginal enleio,

Corpo suave que nas roupas brancas
Revela apenas que desponta o seio.

Eu sei, mimosa, que tu és um anjo
E vives de sonhar, como as Ondinas,
E és triste como a rola, e quando dormes
Do peito exhalas musicas divinas!

Ah! perdôa este beijo! eu te amo tanto!
Eu vivo de tua alma na fragrancia!...
Deixa abrir-te n'um beijo as flores d'alma,
Deixa-me respirar na tua infancia!

Não acordes tão cedo! emquanto dormes
Eu posso dar-te beijos em segredo...
Mas, quando nos teus olhos raia a vida,
Não ouso te fitar... eu tenho medo! (1)

Emquanto dormes, eu te sonho amante,
Irmã de seraphins, doce donzella:
Sou teu noivo... respiro em teus cabellos
E teu seio venturas me revela...

Deliro... junto a mim eu creio ouvir-te
O seio a suspirar, teu ai mais brando....

(1) É engraçado este medo... poético dos nossos romanticos. Tambem Casemiro o teve.

Pouso os labios nos teus; no teu alento
Volta minha pureza suspirando!

Teu amor como o sol apura e nutre...
Exhala fresquidão e doce briza,
É uma gota do céo que aroma os labios
E o peito regenera e suavisa.

Quanta innocencia dorme alli com ella!
Anjo d'esta criança, me perdôa!
Estende em minha amante as azas brancas,
A infancia no meu beijo abandonou-a!

A MEU AMIGO J. F. MOREIRA

NO DIA DO ENTERRO DE SEU IRMÃO

A vida é uma comedia sem sentido, (1)
Uma historia de sangue e de poeira,
Um deserto sem luz...
A escara de uma lava em craneo ardido...
E depois sobre o lodo... uma caveira,
Uns ossos e uma cruz!

Parece que uma atroz fatalidade
A mente insana no porvir alenta
E zomba da illudida!
O frio vendaval da eternidade

(1) No "Gloria moribunda" já está pg 229 deste: «A vida é um escarneo sem sentido.»

Apaga sobre a fronte macilenta
A lampada da vida.

Não digas, coração, que a alma descansa
Quando as ideias no prazer enfurda
O escarneo zombeteiro...
Que loucura!... amanhã o peito cansa...
Resta um enterro... e uma reza surda...
E depois... o coveiro!

Fermente a seiba juvenil no peito,
Vele o talento n'uma fronte santa
Que o genio empallidece...
Embalde! á noite, ao pé de cada leito
O phantasma terrivel se levanta...
E seu bafo entorpece!

E comtudo essa morte é um segredo
Que gela as mãos do trovador na lyra
E escarnece da crença;
Um pesadelo, uma visão de medo...
Verdade que parece uma mentira
E inocúla a descrença!

E quem sabe? — é a duvida medonha!
Quem os véos arregaça do infinito

E os tumulos destampa?
Quem, quando dorme ou vela, ou quando sonha,
Ouviu revelações no horrendo grito
A rebentar da campa?

E quem sabe? é a duvida terrivel,
É a larva que aos labios nos aperta,
Entre-abrindo o sudario!
A realidade é um pesadelo incrivel!
Semelha um sonho a lapida deserta
E o leito mortuario!

E quando acordarão os que dormitão?
Quando estas cinzas se erguerão tremendo,
Em nuvens se expandindo?
Perguntai-o aos cyprestes que se agitão,
Ao vento pela treva se escondendo,
Nas ruinas bramindo!

E comtudo parece um desvario,
Blasphemia atroz o cantico atrevido
Que rugem os atheos;
Sem a sombra de Deus é tão vasio
O mundo — cemiterio envilecido!...
Oh! creiamos em Deus!

Creiamos, sim, ao menos para a vida
Não mergulhar-se n'uma noite escura...
E não enlouquecer...
— Utopia ou verdade, a alma perdida
Precisa de uma idéa eterna e pura
— Deus e Céo... para crer!

Consola-te! nós somos condemnados
A' noite de amargura: o vento norte
Nossos pharóes apaga...
Iremos todos, pobres naufragados,
Frios rolar no littoral da morte
Repellidos da vaga!

S. Paulo, 2 de novembro 1851.

SONETO

Perdôa-me, visão dos meus amores,
Se a ti ergui meus olhos suspirando!...
Se eu pensava n'um beijo desmaiando
Gozar comtigo uma estação de flores;

De minhas faces os mortaes pallores,
Minha febre nocturna delirando,
Meus ais, meus tristes ais vão revelando
Que peno e morro de amorosas dores...

Morro, morro por ti! na minha aurora
A dôr do coração, a dôr mais forte,
A dôr de um desengano me devora...

Sem que ultima esperança me conforte
Eu — que outr'ora vivia! — eu sinto agora
Morte no coração, nos olhos morte!

A MINHA ESTEIRA

Aqui do valle respirando á sombra,
Passo contando a mocidade inteira...
Escuto no arvoredo os passarinhos
E durmo venturoso em minha esteira.

Respiro o vento e vivo de perfumes
No murmurio das folhas da mangueira...
— Nas noites de luar aqui descanso
E a lua enche de amor a minha esteira.

Aqui mais bella junto a mim se deita
Cantando a minha amante feiticeira;

Sou feliz como as ternas andorinhas
E meu leito de amor é minha esteira!

Nem o arabe Califa, adormecendo
Nos braços voluptuosos da estrangeira,
Foi no amor da Sultana mais ditoso
Que o poeta que sonha em sua esteira!

Aqui do valle respirando a sombra
Passo cantando a mocidade inteira;
Vivo de amores... morrerei sonhando
Estendido ao luar na minha esteira!

SE EU MORESSE AMANHÃ!

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãi de saudades morreria,
Se eu morresse amanhã!

Quanta gloria presinto em meu futuro
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdêra chorando essas corôas,
Se eu morresse amanhã!

Que sol! que céo azul! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!

Não me batêra tanto amor no peito,
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dôr da vida que devora
A ancia de gloria, o dolorido afan...
A dôr no peito emmudecêra ao menos,
Seu e morresse amanhã!

SONETO

Oh! paginas da vida que eu amava,
Rompei-vos! nunca mais! tão desgraçado!...
Ardei lembranças doces do passado!
Quero rir-me de tudo que eu amava!

E que doudo que eu fui! como eu pensava
Em mãi, amor de irmã! em socegado
Adormecer na vida acalentado
Pelos labios que eu timido beijava!

Embora — é meu destino. Em treva densa
Dentro do peito a existencia finda...
Presinto a morte na fatal doença!...

A mim a solidão da noite infinda!
Possa dormir o trovador sêm crença...
Perdoa, minha mãi, eu te amo ainda!

O POEMA DO FRADE

DON JUAN.

Ce que je crois ?

SGANARELLE

Oui.

DON JUAN

Je crois que deux et deux sont quatre,
Sganarelle, et que quatre et quatre sont huit.

MOLIÈRE, *Don Juan*, acte III, sc. I.

CANTO PRIMEIRO

Man being reasonable must get drunk
The best of life is intoxication.. ..
BYRON, *Don Juan.*

I

Eia! acorde-se a gloria aos meus lamentos
Com as faces de sangue salpicadas!
Tremão nos cantos meus da lide aos ventos
As gotejantes lucidas espadas!
Revolvão-se raivando macilentos
Os cavalleiros das nações passadas!

Brilhem as multidões ao sol ardente
Com as nuvens douradas do poente!

II

N'essas lividas mãos rompa-se a lyra!
Além canções cheirosas como o nardo
Que nos festins da noite o vinho inspira!
Não vêdes que da guerra aos sonhos ardo?
Não vêdes que meu cerebro delira
E arqueja em fôgo o coração do bardo,
E como um rei trocara o meu laurel,
Meu reino — por um ferro e um corsel (1)?

III

Como das grutas de Fingal na bruma
Do norte a ventania se derrama,
Como róda o tufão no mar que espuma,
Como a cratéra do volcão se inflamma,
Como a nuvem de fôgo no ar se apruma,
Assim no peito meu o estro em chamma
Agita-me, afoguêa o peito langue
E, como as aguias, só anhela sangue!

1 SHAKSPEARE, *Henry IV* : « My kingdom for a horse! »

IV

Mas em que mar cavado eu me perdia!
De errante pescadôr leve canôa
Que rajada nas agoas te impellia
Por entre essa tormenta que rebôa?
Minha alma é um balão : na calmaria
Boia placido no ar, gentil se escôa,
Embala-se voando mollemente,
Mas teme a trovoada que o rebente!

V

Olá soffrêa-te, corsel selvagem!
Por que banhas-te em sangue entre a peleja
E nos espinhos roças da folhagem?
Não vês o tressuar que te poreja
No abafado calôr d'essa bafagem?
Não sentes que a peituga te lateja?
E a onda louca da sanguenta raiva
As tuas crinas candidas enlaiva?

VI

Além! além! e tu, lyra mimosa,
Que do lago nas selvas esquecida

Eu votei a uma fada vaporosa
Que nas folhas estende-se dormida,
Vém, minha lyra, canta-me saudosa
Alguma nenia pallida, sentida,
Algum sonho que as fôlhas balouçando
Te gemessem nas cordas expirando!

VII

Ou em quanto meu calice transborda
Coralino licôr, e um puro havana
Sonhos da vida no vapôr me acorda,
Venha o rosto gentil da Sevilhana,
Ou d' harpa aerêa tenteando a corda...
Ao luar a lasciva Italiana
Co' as roupas de velludo desatadas
E a madeixa em torrentes perfumadas.

VIII

Quero a orgia que á noite desvaria,
Quando fresco o luar no céo fluctúa
E a vaga se pratêa de ardentia!
Perfumes, flôres, a vertigem sua
Vertendo no festim que me inebria!
Lasciva a dansa voluptuosa e nua

Nas rosas que desfolho trepidando!
Pagens louros as taças coroando!...

IX

E as roupas onde o seio transparece,
As formas crystallinas desenhando,
Collos onde o suor limpido desce
Nos seios como perolas rolando,
E as tremulas madeixas ondeando,
E a valsa que se agita e que resvala
E entre perfumes lubricos se embala...

X

Trovas cheias de amor, que afogão beijos,
E o afan a ondular os niveos seios,
O collar que na alvura se palleja,
E o olhar que enlanguesce nos enleios,
Vestes soltas ao fôgo dos desejos
E respirando os labios devaneios,
Amantes e o Xerez em taças bellas
E a embriaguez mais louca em meio d'ellas!...

XI

E após ebrio de amor no frouxo leito,

Entre os aromas de esfolhadas flôres,
Quero dormir co' a loura peito a peito,
No labio o labio d'ella, as vivas côres
Quero as ver desmaiar n'um ai desfeito,
Amal-a ao luar, viver de amores!
Ó noite! da illusão que a vida esquece
Que mais doce tremôr nos enlanguesce?

XII

Amo nas tardes de verão, correndo,
A' viração dos laranjaes em flôr,
Na praia solitaria a sós gemendo,
A pensativa languida, o pallôr
Entre as mãos melindrosas escondendo,
Amo no baile a incendida côr
Da donzella na dansa estremecida,
Como uma borboleta á luz da vida!

XIII

Mas eu amo inda mais sentir no seio
A alma cheia de febre e de esperanças,
E a timida donzella de receio
Pender a fronte nas cheirosas tranças;
Amo inda mais no labio ardente e cheio

De amor que passa e aroma-lhe as lembranças!
— E quando o olhar afoga-se em desejo,
Implorar illusões, pedir um beijo!

XIV

Escutai-me, leitôr, a minha historia
É phantasia sim, porem amei-a....
Sonhei-a em sua pallidez marmorea,
Como a nympha que volve-se na areia
Co' os lindos seios nús... Não sonho gloria:
Escrevi por que a alma tinha cheia
— N'uma insomnia que o spleen entristecia —
De vibrações convulsas de ironia!

XV

Mas não vos pedirei perdão comtudo
Se d'esta canção negra não gostais (1) ...
Não penseis que me enterre em longo estudo
Por vossa alma fartar de outra harmonia:
Se varío no verso e idéas mudo
É que assim me desliza a phantasia...

1 O autor escrevera tambem:
Si não gostais d'esta canção sombria.
(*N. do Editor.*)

Mas a critica, não... eu rio d'ella...
Prefiro a inspiração de noite bella.

XVI

A critica é uma bella desgraçada
Que nada cria, nem jamais criara,
Tem entranhas de areia regelada,
É a esposa de Abrão, a pobre Sara
Que nunca foi por Anjo fecundada,
Qual a mãi que por ella assassinára
Por sua inveja e vil desesperança
Dos mais santos amores a criança.

XVII

O meu imaginar é um navio
Que entre as brisas da noite se perfuma,
Que á placida monção do morno estio
Resvala pelo mar á flôr da escuma!
E da noite no fresco e no arrepio
Das vagas a gemer uma per uma
Sobre a quilha que languida se escôa
Os marinheiros vão dormir na prôa.

XVIII

E dorme o capitão: e dorme e sonha

Aos fumos do charuto recendente
E do rhum nos vapores vem risonha
Nas scismas lhe dansar alegremente,
Esquecer-lhe a viagem enfadonha
A Andalusa gentil de labio ardente,
E embala-se em monotono descante
Sonhando os seios da morena amante!

XIX

O marujo a dormir no chão immundo
Sonha o riso da nedia taverneira,
Da terra a folga, o vinho rubicundo
E nas mezas da tasca a bebedeira!
Ai! roitados de nós! todo esse mundo
Não vale do sonhar a huri faceira!
— Dil-o o nauta no mar, o rei no throno:
Da vida tudo o mais não val o somno!

XX

E que durmão! se a languida ventura
No regaço cheiroso os adormece!
E que durmão! se é muito fresca e pura
A noite de sonhar que a vida esquece!
E se quando se dorme nodoa impura

Nem os lyrios do amor amarellece,
E a estrella não mergulha-se na treva...
Assim meu pensamento — um sonho o leva!

XXI

Quando a lagrima sinto que tressúa
N'uma palpebra rôxa e desbotada,
Então minha alma tem na lyra sua
Uma corda por ella perfumada!
E quando eu amo ao clarão da lua
N'um olhar de morena desmaiada
E o labio em sede férvida me inflamma,
O meu peito canções de amor derrama!

XXII

Quando gelou-se moribundo o peito,
Que um amor insensato consumia,
No deserto lodaçal, em frio leito
Houve por elle o ai de uma harmonia:
N'um coração ás lagrimas affeito,
Um adeus á flôr que se perdia,
Um adeus á lembrança do passado,
Uma saudade em chão abandonado!

XXIII

Frouxo o verso talvez, pallida a rima
Por este meus delirios cambeteia,
Porem odeio o pó que deixa a lima
E o tedioso emendar que gela a veia!
Quanto a mim ... é o fogo quem anima
De uma estancia o calor: quando formei-a
Se a estatua não sahiu como pretendo,
Quebro-a, mas nunca seu metal emendo.

XXIV

Meu heroe é um moço preguiçoso
Que viveu e bebia porventura
Como vós, meu leitor; se era formoso
Ao certo não o sei. Em mesa impura
Esgotara com labio fervoroso
Como vós e como eu a taça escura...
Era pallido sim... mas não d'estudo:
No mais... era um devasso e dice tudo!

XXV

Dizer que era poeta — é cousa velha:
No seculo da luz assim é todo

O que heroe de novellas assemelha.
— Vemos agora a poesia á rôdo! —
Nem ha nos botequins face vermelha,
Amarello caixeiro, alma de lodo,
Nem Bocage d'esquina, vate immundo,
Que não se creia um Dante vagabundo!

XXVI

O meu não era assim: não se imprimia,
Nem versos no theatro declamava!
Só quando o fogo do licor corria
Da fronte no pallôr que avermelhava,
Com as convulsas mãos a taça enchia....
Então a inspiração lhe afervorava
E do vinho no effluvio e nos resabios
Vinha o fogo do genio á flor dos labios!

XXVII

Se era nobre ou plebeo, ou rico ou pobre
Não vos direi tambem: que importa o manto
Se é bello o cavalleiro que elle cobre?
E que importa o passado, um nome santo
De putridos avós? plebeo ou nobre
Somente a raiva lhe acordava o pranto.

Embuçada no orgulho a fronte erguia
E do povo e dos reis escarnecia!

XXVIII

Não se lançara nas plebéas lutas,
Nem nas phalanges do passado herdeiras,
No turbilhão das multidões hirsutas,
Não se enlaivou da patria nas sangueiras,
Nem da praça no pó das vis disputas!
Sonhava, sim, em tradições guerreiras,
Nos canticos de bardo sublimado...
E nas epicas sombras do passado.

XXIX

O presente julgava um mar de lama
Onde vis ambições se debatião,
— Ruina immunda que lambera a chamma
— Cadaver que aves fetidas roião!
Tudo sentio venal! e ingrata a fama!
Como torrentes trepidas corrião
As glorias, tradições, corôas soltas
De um mar de infamias ás marés revoltas!

XXX

Não quisera mirar a face bella
N'esse espelho de lodo ensanguentado!
A embriaguez preferia : em meio d'ella
Não virião cuspir-lhe o seu passado!
Como em nevoento mar perdida vela,
Nos vapores do vinho assombreado
Preferia das noites na demencia
Boiar — como um cadaver! na existencia!

XXXI

Uma vez o escutei : todos dormião
Junto á meza deserta e quasi escura :
Lembranças do passado lhe volvião;
Não podia dormir! Na festa impura
Fôra afogar escarneos que doião...
Não o pôde : dos labios na amargura
Ouvi-lhe um murmurar... Erão sentidas
Agonias das noites consumidas!

XXXII

Olvidei a canção : só lembro d'ella
Que d'alma a languidez a estremecia :

Como um anjo n'um sonho de donzella
Sobre o peito a guitarra lhe gemia!
E quando á frouxa lua, da janella,
Cheia a face de lagrimas erguia,
Como as brisas do amor lhe palpitavão
Os labios nos pallor que bafejavão...

XXXIII

Amar, beber, dormir, eis o que amava :
Perfumava de amor a vida inteira...
Como o cantor de Don Juan pensava
Que é da vida o melhor a bebedeira...
E a sua philosophia executava...
Como Alfredo Musset, a tenta asneira
Acrescento porem... — Juro o que digo!
Não se parece Jonathas co'migo.

XXXIV

Prometti um poema, e n esse dia,
Em que a tanto obriguei a minha ideia,
Não prometti por certo a biographia
Do sublime cantor d'esta Epopéa.
Consagro a outro fim minha harmonia...
Por favor contarei n'esta Odysséa

De Jonathas a gloria não sabida....
Mas não quero contar a minha vida.

XXXV

Basta! foi longo o prologo! confesso!
Mas é preciso á casa uma fachada,
A' fronte da mulher um adereço,
No muro um lampião á torta escada!
E agora d'esse canto me despeço
Com a face de lagrimas banhada,
Qual o moço Don Juan no enjôo rola
Chorando sobre a carta da Hespanhola (1).

1. Byron, *Don Juan*, canto II.

CANTO SEGUNDO

> And her head droop'd as when the lily lie
> O'ercharged with rain.
>
> BYRON, *Don Juan.*

I

Dorme ao collo do amor, pallido amante,
Repousa, sonhador, nos seios d'ella....
Qual em seio de mãi, febril infante!
No olhar, nos labios da infantil donzella
Inebria teu peito palpitante!
O murmurio do amor em forma bella

Tem doçuras que esmaião no desejo
Dos sonhos ao vapor, na onda de um beijo!

II

Que importa a perdição manchasse um dia
A alvura virginal das roupas santas,
E o mundo a esse corpo que tremia
Rompesse o véo que timido alevantas?
E, á noite, lhe pousasse a fronte fria
N'esse leito em que tremulo te encantas,
E ao bafejo venal murchasse flores,
Flores que abrião a infantis amores?

III

Que importa? se o amor teu rosto beija,
Se a beijas nua e sobre o peito d'ella
Teu peito juvenil ama e lateja!
Se tua langue pallidez revela
Que tua alma febril sonha e deseja
Desmaiar-lhe de amor, gemer com ella,
Ebrio de vida, a soluçar d'enleio,
Pallido sonhador morrer-lhe ao seio?

IV

Que importa o mundo além? teu mundo é esse
Onde na vida o coração te alegra!
Teu mundo é o seraphim que ás noites desce
E que lava no amor a mancha negra!
É a nevoa de luz onde não lê-se
Escripta á porta vil a infame regra
Que assignala o bordel á mão polluta
E diz nas letras fundas — prostituta!

V

A essa pobre mulher na fronte bella
Anathema escreveu a turba fria!
Banhe o remorso o travesseiro d'ella,
Corrão-lhe a mil da palpebra sombria
Prantos do coração! Não ha erguel-a
A eterna maldição! E quem diria
A solitaria dor, da noite ao manto,
Que lavra o seio á cortezan em pranto?

VI

Ah! Magdalenas miseras! ardentes
Quantos olhos azues se não inundão

Nos transes do prazer em prantos quentes
Quando os seios febris em ais abundão,
Que o amante nos osculos trementes
Crê sonhos que do amor no mar se afundão!
Que suspiros no beijo que delira
Que são lagrimas só! que são mentira!

VII

E quantas vezes na cheirosa seda
Da longa trança desatada, solta,
Onde o moço de gozos embebeda
A fronte á febre juvenil revolta...
Quando a vida, o frescor, a imagem leda
De esp'rança que morreu ao leito volta,
As lagrimas na dor ferventes correm...
Como em céo de verão estrellas morrem?

VIII

Ah! não chores! que valem perfumadas
Do Oriente as manhãs e céos e lúa
E a natureza a vir entre alvoradas
E a laurea do porvir que sangue sùa,
O val deserto, as noites estrelladas
Quando languida a vida em ais fluctua...

Quando um suspiro as lagrimas apaga
E o labio treme, e em beijos se embriaga?

IX

Amar uma perdida! que loucura!
Mas tão bella! que seio de Madona!
Nunca amara tão nivea creatura
Como aquella mulher que ali resomna!

. . . . . .

A lampada no leito, que murmura
Sobre a amante que núa se abandona,
Envolta nos seus lucidos cabellos,
Semelha um cherubim pallido ao vel-os!

. . . . . .

X

Era alta noite. Jonathas sahira:
Precisava frescor — enfebrecida
A fronte na descrença succumbira.
Maldizia no tedio a negra vida,
Até as illusões que elle sentira!
Curvava a testa morbida, abatida,
Sempre sedento, sempre libertino,
Blasphemando do amor e do destino!

XI

Elle viu — não foi sonho —: era sentada
A' sombra, no balcão de uma janella
Angelica mulher: luz embaçada
De um estrellado céo nas faces d'ella
Branqueava-lhe a face descorada
E os seios niveos que o setim revela...
Além imagens vans! a oitava finda:
Só posso vos dizer que ella era linda.

XII

Nem tão aerêa Jocelyn passando
Vira Laurence pallida, abatida...
Nem tão bella a sentira suspirando
Abafando a saudade emmurchecida!
Com a face na mão — muda, scismando...
Tão branca era a gentil desconhecida!
Nos cabellos a noite recendia!
Era tão bella assim... e ella dormia!

XIII

Esperavão alguem? A porta aberta
Bem essa idea despertar podia.

Entrou. Do lampeão a luz incerta
Entre as sombras alentos exhauria...
Elle subiu — a sala era deserta...
Passando p'la cabeça a mão, sentia
Não sei que atropellar de mil ideias,
Que frio ignoto a comprimir-lhe as veias.

XIV

E que scismas! que insano devaneio
Na mente exhausta repassar-lhe vinha!
Do vicio e do bordel tinha receio?
Volvia á fé que desbotado tinha?
Doia-lhe ao coração de um torpe enleio
— Como as azas no lodo a andorinha —
Do leito profanado ás sombras densas
Uma per uma ter manchado as crenças?

XV

Não! revoava-lhe um outro pensamento,
Mais duro e positivo e verdadeiro:
A ideia do devasso macilento
Lhe doía no cerebro altaneiro...
Pensava que amanhã o seu sustento
Findaria por mingoa de dinheiro...

Poucas moedas viu na bolsa finda...
Porem bastantes para amar ainda!

XVI

Amar! amar e sempre! eternamente!
Como da infancia os tremulos desejos!
Amar, por que a alma se alimente
Na seiba do prazer que manão beijos!
Amar! como aos crepusculos do Oriente
A sultana das noites aos bafejos!
Amar! por que das convulsões do peito
A hora mais divinal se esvae no leito!

XVII

Amar! por que esta vida se desfolha
Entre aromas no labio que desmaia!
E seu orvalho o coração nos molha
Como a escuma do mar a fria praia!
E treme-se ao prazer, qual treme a folha
Quando influxo vital o amor espraia!
Quando o extase ao espasmo preludía
E o peito arqueja e a bocca balbucía!

XVIII

Amaria esta noite : e quando exhausto
Acordasse amanhã, como um mendigo
Levára a vida, peregrino infausto,
Dos relentos da noite ao desabrigo...
— Ai! do ardente prazer, quando holocausto
Nas aras tremeleou o fogo amigo,
E só restão as cinzas da fogueira...
Que importa a cinza fria, a vil poeira?

XIX

Miserrimos de nós! nossa existencia
O *hoje* abrange só, vermes de um dia!
Hontem foi de um anhelo a impaciencia
Um desejo fogoso que incendia!
E que importa amanhã seja a inclemencia
Á intemperie do ar, á noite fria?
Peregrinos! no barco adormeçamos...
Que em mar desconhecido navegamos!

XX

O mancebo passou um reposteiro
De purpureo veludo, arregaçando...

Passou, bem como passa o caminheiro
Da floresta os folhedos afastando...
Entrou lento na sala o estrangeiro...
Tinha um riso nos labios deslisando...
Na sacada onde o vento se expandia
Candida e bella mulher ahi dormia!

XXI

Elle chegou-lhe ao pé : era tão pura,
Que de leve osculou-lhe a fronte núa!
Era uma estatua de marmorea alvura!
Melancolica e bella como a lúa!
E tão bella a madeixa a sombra escura
Derramando-lhe ao collo que fluctua!
Leve passou a mão no seu cabello
E ternamente murmurou — Consuelo!

XXII

Consuelo despertou (era o seu nome)
E tão doce volveu os olhos santos
Que elle sentiu que a febre que consome
Humano imaginar em sonhos tantos,
Que delira corôas e renome
Desmaia da mulher ante os encantos,

Quando entreabre-se o peito ao ar da vida
— Como ao sol do verão roman partida!

. . . . . .
. . . . . .

XXIII

Do mais eu nada sei. Senti somente
A noite duas almas suspirando :
Ouvi na brisa um halito fremente,
Qual de um seio em prazer se dilatando :
Ouvi a jura ephemera, demente
Passar como um suspiro desmaiando :
Vi a lua celeste e vagarosa
N'um leito derramar a luz saudosa!

XXIV

Depois o véo do leito estremecendo
Vi duas creaturas soerguidas,
Como dois anjos, pallidas gemendo!
Invocavão as virgens consumidas
Em desejos de amor, a Deus se erguendo :
As folhas que se beijão recendidas,

Que palpitão á luz, e em fogo lento
Murchão de gozo ao halito do vento!

XXV

Mystico beijo se escoôu sentido,
Como de pombos candidos que adejão
O susurro de vôo estremecido!
E sobre os peitos que febris latejão
Suffocava-se o tumido gemido,
Como donzellas que de amor se beijão!
Almas cheias de vida! parecião
Que as vidas n'uma vida confundião!

XXVI

D'aurora a doce luz, as brisas calmas
A lhes passar nos humidos cabellos
Era o sopro de Deus! As duas almas
De suave hymeneo nos doces élos
Tremião como no deserto as palmas,
Quando á noite nos cachos amarellos,
Entre os florões o vento perfumado
Do pollen lhes derrama o pó doirado!

. . . . . .

XXVII

Si quereis, meu leitor, saber agora
O que a isto seguiu-se... eu não o digo
Por que senão minha leitora córa ;
— E obro n'isto por certo qual amigo —
E tambem por que a musa me descóra
Quando n'estas visões a ideia sigo...
Demais findou-se de licôr meu copo
E a secco... poetar jamais eu tópo!

XXVIII

Importa-vos porem saber que a scena,
Que descrevi primeiro n'este canto,
Veio d'esta ao depois. — A Magdalena
Por quem ali eu desatei em pranto
Foi a presente creatura amena,
Que, certo, é digna que eu fizesse tanto!
E pois que o meus heroes Morphêo namora
Tambem cançado vou dormir agora!

CANTO TERCEIRO

O' gracioso primor da natureza,
Attractiva, donosa variedade!
Que tudo quanto tocas formosêas!

PHIL. ELYSIO.

I

De certo o Creador na tal semana,
Em que o mundo surgiu da escuridade
E sobre o mundo a luz e a raça humana,
Por lei estab'leceu a variedade,
Teve muita razão : com todo o siso
Attesto que mostrou muito juizo

II

Bofé ! que se uma atroz monotonia
De um elemento a vida compusera
O homem até morrer bocejaria,
E em morna estupidez se embrutecêra.
Quanto a mim, eu adoro a variedade
E amo até no verão a tempestade !

III

Por gostar das galhofas da comedia,
Da alegria folgaz de Molière,
Nem por isso me esqueço da tragedia
E desamo o sombrio Miserere !
Quando Hamleto findou sua agonia
Do Falstaff — *bon-vivant*, vinha a folia !

Acho bello o oceano, quando vôo
Pelo seu verde-mar n'um barco á vela ;
Porem odeio as afflicções do enjôo
E o vento do alto mar que me regela...
Amo a lua no mar e o mar sem lua,
Astarte vaporosa e Lolah núa.

V

Como varia o vento, o céo, o dia,
As estrellas e nuvens e mulheres,
Pela regra geral todos os seres,
Minha lyra tambem seus tons varia....
E sem fazer esforço ou maravilha
Troca as rimas de oitava p'la sextilha.

VI

E agora tem lugar duas palavras
Em que o author a nú põe este poema :
Quem o arado levou por essas lavras...
O marujo que n'esse bote rema...
Fallemos sem rodeio e com verdade :
Este livro escreveu um pobre frade.

VII

Um frade! no convento envelheci-me,
Do mundo ao lôdo fui viver bem longe,
Nem minha fronte rebucei no crime!
Mas, apesar das orações do monge,
Gosto assaz do prazer, gosto do vinho,
Na ceia faço inveja a um barbadinho.

VIII

Lancei-me ao desviver : gastei inteira
Na insania das paixões a minha vida.
Qual da escuma o fervor na cachoeira
Quebrei os sonhos meus n'alma descrida...
E do meio do mundo prostituto
Só amores guardei ao meu charuto!

IX

E que viva o fumar que preludia
As visões da cabeça perfumada!
E que viva o charuto regalia!
Viva a tremula nuvem azulada,
Onde s'embala a virgem vaporosa!
Viva a fumaça languida e cheirosa!

X

Cante o bardo febril e macilento
Hymnos de sangue ao poviléo corrupto,
Embriague-se na dor do passamento,
Cubra a fronte de pó e traje luto...
Que eu minha harpa votei ao esquecimento :
Só peço inspirações ao meu charuto!

XI

Oh ! meu Deus ! como é bello entre a fumaça
No delicioso véo que as anuvia
Ver as formas lascivas da donzella
Entre o véo transparente que esvoaça,
Nadando n'esse vaporoso dia
Bailando núa, voluptuosa e bella !

XII

E como é bello no perfume aerêo
Sentir morno suor do abatimento
Pelas languidas faces orvalhar?
Como é doce nas scismas do mysterio
Sentir como um alcyon á flôr do mar
As lembranças boiar no esquecimento!

XIII

E quando os labios o charuto finda
E a languida visão n'um beijo passa
E o perfume os cabellos nos repassa,
Como é bello no azul da nuvem linda
Entre vapores madornar... e ainda
A vida renascer n'outra fumaça !

XIV

E' bello ao fresco da relvosa espalda
Os serenos beber á flôr pendente,
Do Rheno o vinho em taças d'esmeralda
E sobre o campo adormecer contente!
E' bella a noite que a volupia escalda
E acorda aos seios um suspiro ardente!

XV

E' bello o escumar da catadupa,
A margem verde que a torrente occupa,
Beijar na sombra o collo palpitante
Que offega e bate á descorada amante...
E de um corsel á tremula garupa
Correr a mão ao pello gottejante!

XVI

Mas nem o Johannisberg, humidas flores...
A relva fôfa da campina verde...
E a noite que vem quente de amores...
E a torrente do val que alem se perde...
Nem o seio que nuta e que se inflamma...
Desmaia o tedio meu que o spleen derrama!

XVII

E o amor muita vez aos labios mente :
Tem cores de maçã que é dentro infecta
E cinza aos labios deixa-nos somente!
Além o seio, o coração corrupto
Que desmentem os sonhos do poeta!
Só tu não mentes não, ó meu charuto!

XVIII

Só tu és sempre bello como a lua
E sempre virginal e perfumado,
És o lyrio do céo nunca murchado!
Como a virgem de amor candida e núa,
Evapóras no aroma essa alma tua
E tens um labio nunca profanado!

XIX

Só tu não mentes, não! e tu somente
Na taça da illusão não deixas lía!
E quando a mesma realidade mente,
Quando a virgem, a fé, de noite e dia...
Veremos amanhã que hontem mentia :
Inda comtigo dormirei contente!

XX

Por que n'essa illusão que a amar convida
Revelas a morena adormecida
A quem banha pallor os doces traços,
Tremulo o seio, a palpebra abatida!
E sinto em teu vapor anjos da vida
Entre nuvens tremendo os roseos braços!

XXI

Meu charuto cahiu, eil-o se esfria:
Além nas ondas vi-o mergulhar,
Como o sol no crepusculo do dia,
Como um cadaver arrojado ao mar!
Miserrimo! só resta cinza fria!
No céo da vida estrella a desmaiar!

XXII

Tua vida apagou-se e eu perdi-te!
Vai, conta ás nymphas o meu mal tamanho!
Nos seios de Neptuno ou de Amphitrite
Derrama minha dôr, minha agonia,
Meu intimo soffrer, quando eu te via
Como Sapho morrer tomando um banho.

XXIII

E vós, bardos nutridos de amargura,
Que de prantos banhais a lyra santa,
Se ainda o peito não trazeis corrupto,
Vinde chorar a minha desventura,
Que no frio pavor de magoa tanta
Veio até apagar o meu charuto!

. . . . . .

XXIV

Eu não rio-me, não! a voz do peito
Nos versos meus inânida se exhala!
E quantas vezes, quando em ai desfeito,
Como uma fibra que no peito estala,
A mente de tristezas nos repassa...
Não desvanece tudo uma fumaça?

XXV

E quantas vezes, no scismar perdido,
No seio o cancro dóe de uma saudade,
E alento das internas agonias
Nas cordas de alaúde enternecido

Não anceia, não arfa de anciedade,
Que esvai-se em teu vapor de melodias?

XXVI

E então, qual geme a rola de mistura
Como arroio mollemente nas areias,
E qual se escôa pelas mornas veias
Os halitos vernaes da formosura,
— Como nas cordas de harmonia cheias
A medo uma infantil canção murmura...

XXVII

E nos labios derrama-se a lembrança,
Do passado o sorrir nos prantos d'hoje...
Cobre-me o coração a vaga mansa
De uma saudade que suspira e foge!
E lembro ás vezes o pallor da vida
Do gelido cadaver do suicida...

XXVIII

È o canto dos languidos amores
Perdido como o céo na escuridade...
Do intimo seio peregrinas flores
Abertas ao sereno da saudade...

Mas triste, como a dor em rosto insano,
Como a noite nos ermos do oceano!

XXIX

Ah! quando emfim a lampada apagar-se
Do leito sepulchral na pedra fria,
Quando a palmeira ao florescer murchar-se
E a ave d'ouro que do sol vivia
Cahir morta na relva recendida,
Gottejante das lagrimas da vida...

XXX

E tudo se acabar e a terra escura
Cobrir-te a face roxa, desbotada...
E tu fores da cal na sepultura
Suffocar-te nas tenebras do nada...
Agora sim virei — e solitario —
Na solidão chorar o teu fadario!

XXXI

Virei tecer de moribundas flores
A pallida coróa do finado,
Lembral-os, reviver os teus ardores
E as puras illusões do teu passado!

Quero chorar meu desgraçado amigo,
Na lousa tua inda sonhar comtigo!

XXXII

Ah! quando as noites, n'um viver perdido,
Ião-me longas anhelando amores
Do teu peito no sonho recendido,
Como cysne a boiar entre vapores
Vinha sorrir-te loura e perfumada
A angelica visão de tua amada!

XXXIII

Poeta! era feliz : a mão divina
Quando passa na fronte sublimada
Os seus languidos olhos illumina
E ante uma sombra de mulher amada
Revela os hymnos, que murmura o vento,
E susurra á donzella o sentimento!

XXXIV

E no oceano do amor, entre harmonias,
Da tarde a languidez embala os sonhos
E perfuma o pallor aos roseos dias
Entre as canções dos seraphins risonhos!

Ao poeta orvalhos das cecêns mais puras!
A elle ... a taça das mysticas venturas!

XXXV

Senhor! foi bello o sonho da esperança!
E quem sentiu-as... impressões tamanhas
E tantas lagrimas deu a uma lembrança?
Noites e luas, brisas das montanhas,
E vós, flores do val, pallidas flores,
Não lembrais a canção de seus amores?

XXXVI

Não ouvieis do labio as melodias
Que vibrava a paixão? não as ouvieis?
No murmurar das molles assonias
Amorosos effluvios não sorvieis?
Não arfaveis tambem, pallidas flores,
A tremula canção dos seus amores?

XXXVII

E que sonhos de amor que amou na vida!
Perguntai-o á estrella que divaga,
Ao vento na lagoa adormecida,
Ao cirio que no tumulo se apaga,

Perguntai-o da insomnia aos arrepios,
De Werther o suicida aos labios frios!

XXXVIII

Era só ella seu pensar: por ella
Do porvir esquecerão-lhe victorias,
E pelo amor da candida donzella
Rira d'escarneo ao laurel das glorias!
Como uma taça onde o fervor transborda
Tinha na harpa do genio uma só corda.

XXXIX

Era um seio de neve... o brilho langue
De uns olhos onde o azul se humedecia...
Da face no rubor tepido o sangue...
Onde o labio sonhava e se embebia
N'um extase de amor, ebrio desejo
De vida e alma lhe votar n'um beijo!

XL

E o anjo? não o amou? quando elle em fogo
Ardente a fronte pallida pendia
E como um ai de solitario afôgo
O peito suffocado lhe gemia,

Não bateu-lhe jamais, qual n'uma lyra,
Esse vento de amor que nos delira?

XLI

Era uma estatua! sim: um deus a erguera
N'um rir d'escarneo e dó, de lôdo cheia,
Nem sol de amor o peito lhe accendera,
O morto coração era de areia!
Como o céo nos crepusculos do dia,
No vapor da vaidade ella dormia!

XLII

Por que tanto sonhar? tão bellas flores
No esmero lhe sagrar dentro do peito?
Anathema! ella riu-se dos amores:
Que mulher! não sentiu em ai desfeito
Esse alento de bocca enfebrecida
De um beijo no calor perdendo a vida!

XLIII

Desgraçado! a insomnia do martyrio
O cerebro lavoso delirou-te!
E o vortice das aguas do delirio
Das insomnias da febre ao sol queimou-te!

Foste afogar as illusões da vida
Na taça do mysterio de suicida!

XLIV

« Quando a morte nos dentes nos rompera
« As taças do viver, quem descrimina
« Do sabio ou do insensato qual a sina?
« Se quem toda a bebeu qual Deus a enchera,
« Da morte aos sonhos immolando a vida [1]? »

XLV

Tens razão, Jocelyn! e ao Deus perfeito
Por ventura dirão esses perdidos
Que vão da morte se esconder no leito:
Por que as aspirações, os ais sentidos
E alma em fogo ao céo um sonho erguia
E o sonho a enlevou... se elle mentia?...

XLVI

Não te maldigão pois! Ignora o mundo
O que dóe esse verme da desgraça

1 *Jocelyn*, sixième époque.

E da irrasão maldita o corvo immundo
Que no escarneo do fel nos despedaça!
Não sabem, não! de Prometheo no leito
O sangue e dor que rolão-nos do peito!

XVLII

Mas eu sei : que senti o amor ardente
Convulsivo bater n'um peito exhausto!
Sei : que senti a lagrima tremente
Como na insana pallidez o Fausto[1]!
Quando o somno fugia ás noites minhas
Como ás nuvens do inverno as andorinhas.

XLVIII

Bebi-a ... essa tristeza, essa doença
Que nos arranca lagrimas sombrias,
Que nos revolve sós na vaga immensa
Do oceano das internas agonias!
Que empallidece a face e morte lenta
Nos estampa na fronte macilenta!

1 GŒTHE, *Faust.*

XLIX

Ah! virgem das canções, entre vapores
Es pura e bella sim, porem teus labios
Me fazem delirar como licores
Que afervorão nos tepidos resabios!
Quando em teu collo vou deitar-me agora
Teu palpitar as faces me descora!

L

E cedo morrerei : sinto-o, nas veias
O meu sangue se escôa vagaroso
Como um rio que secca nas areias,
Como donzella que desmaia em gozo!
Teus labios, fada minha, me queimarão
E as languidas arterias me esgotarão!

LI

Mas que importa nas sombras da existencia
Se mentiu-me o sonhar, quando eu sentia
Um dos pallidos anjos do innocencia
Pousar-me a face ao peito que gemia!...
Se n'um sonho de amor, em noite bella
Nos suspiros do mar amei com ella!

LII

Era uma lua pallida e sombria
Que seu leito nas ondas embalava !
Na mão de neve a face lhe pendia
E nos sonhos a virgem se enlevava!
E que estrellas no céo! e que ardentia!
Que perfume seu véo estremecia!

LIII

E que sonhos, meu Deus! e que ventura!
E que vento de amores palpitava
Na escuma do batel a vaga pura
E lascivos suspiros lhe arrulhava!...
E em torno mar e céo, a noite bella,
Nos meus braços a inânida donzella!

LIV

Ah! virgem das canções, aos brancos lyrios
Por que tão cedo me chover na infancia
O magico sereno dos delirios
Que adormece, embalsama na fragrancia?
E do amor entre os languidos conselhos
Minha fronte embalar nos teus joelhos?

LV

Por que tão cedo o vinho da harmonia
Nos beiços infantis correu-me aos sonhos,
Entornou-me essa nuvem que inebria,
Que gela o riso aos labios meus risonhos?
Tão quedo o somno meu, por que turval-o
E de illusões esplendidas povoal-o?

LVI

E tão cedo! porque encher meu leito
D'estas sombras suaves, delirantes?
E na harpa adormecida de meu peito
Suspirarem-me sons tão offegantes?
E por que não deixar o meu sentir
Da infancia d'oiro nos frouxeis dormir?

LVII

E assim eu morrerei: co' a sede ainda
Amargosa no labio resicado!...
Cançando os olhos na extensão infinda,
Perguntando se a crença do passado
Tambem verei no lodo revolvida!...
— E como tu suffocarei a vida!...

LVIII

E quem sabe? é a duvida do Hamleto
E o — ser e não ser — que toma o passo:
O mundo é lodaçal, é leito infecto,
E a turba é sempre a que se rio do Tasso!
Mas o que é o morrer? e a sepultura
Que mysterios contém na noite escura?

LIX

Ah! mysterios! não rias, scepticismo,
Do agoureiro terror que a morte fria
Do banho do cadaver no baptismo
Os regelados nervos arripia!
Somno de chumbo, thalamo de terra,
Que nodoa negra teu sudario encerra?

LX

E tu dormes, suicida?... E á noite infinda
Que sonhos roção-te o livor sombrio?
A magica visão te passa ainda
Com a urna d'esse amor que te mentio?
Inda sorves nas avidas lembranças
O perfume de amor das loiras tranças?

LXI

E o pai, não sonhas n'elle?... e as cans tão puras
D'aquella que embalou teu berço infausto,
E na magoa das suas desventuras
Nem te pôde beijar o corpo exhausto?
Miserrima ancian! que só vivia
Por ti — e por ti desce á noite fria!

LXII

E o filho? essa criança que palpita
Nos seios que um insano amor consome,
Que profanado amor gerou maldita,
Que virá amanhã pedir seu nome,
E que não saberá que sepultura
Guarda o pai e o segredo em terra impura!

LXIII

E a patria que entre as lagrimas d'escrava
Co' a face bella gelida, pendida,
Salpicada de lôdo em ti sonhava,
Como o sol da manhã de uma outra vida?
A patria! que a infamia prostituta
Tenta vender no lupanar polluta!

LXIV

E não erguem-te ahi os gritos d'ella?
Não vês que a forção, que seus labios tapão?
E, desgrenhada, rompem-lhe á donzella
Os vestidos que ás frias mãos se escapão?
Não ouves o tinir de vil dinheiro
E a lubrica risada do estrangeiro?

LXV

Dorme pois, desgraçado! no futuro
Alem ... no meu viver, quando minh'alma
Candida se despir do manto impuro...
E quando a noite que o soffrer acalma
Nas palpebras pesar-me o somno amigo
Do nada ao leito irei dormir comtigo!

LXVI

Onde vou? onde vou? Oh! quão diversos
Do meu trilho meus passos desvarião!
Onde correis, meus desgraçados versos?...
— A tempo os açaimei: onde corrião!?...
No phantastico pó que elles pisavão
Entre nuvens ardentes galopavão.

LXVII

Alem, minhas canções! alem as flores
Que essa nenia saudosa n'alma abria!
Quero scismar o canto dos amores
E do amor a confusa melodia!
Ouvi! quero sonhar! quero sentil-as...
Visões do céo nas illusões tranquillas!

LXVIII

Harmonias de amor:... é tarde! é tarde!
Vejo a morte n'um peito que se engoia...
Da saudade o chorar que os olhos arde...
E alem um corpo que nas aguas boia:
—Um cadaver... um rosto corrompido
Que até fôra da mãi desconhecido.

LXIX

O cadaver na praia se estendia
Engeitado p'lo mar: — as roupas humidas,
O cabello a correr de areia fria,
As faces rôxas, mãos geladas... tumidas,
Mais alvo ainda que Don Juan dormido,
De fome, sêde e frio embranquecido.

LXX

Porém não vinha oriental donzella,
Envolto o collo em perolas, correndo,
Nos hombros niveos a madeixa bella,
Que o mimoso Hespanhol na praia vendo...
E ao vel-o nú e pallido, ao relento,
Beijou a face ao bello macilento!

LXXI

Com o seio a bater em seda incerta
Não veio Haydéa, não, ao naufragado...
Ninguem passou : a praia era deserta,
E o mar adormecia socegado,
Só a maré que as ondas tremulava
A nenia á podridão lhe rouquejava!

LXXII

« Oh! quando os hymnos virginaes da lyra
E as delicias do amor que a noite ouvia
E as harpas do porvir que nos sorrira,
E a esperança e os anjos da harmonia,
E o esplendido sol se esvaecerem...
E as convulsões do peito arrefecerem...

LXXIII

« E o cadaver lançado em chão d'areia
Não ter o bello abraço derradeiro,
Nem amante a chorar, que a magoa anceia,
Nem o *adeus* do poento caminheiro!
E ninguem lhe escutar essa tristeza
Que do tumulo exhala a natureza (1) ... »

LXXIV

Deve n'alma doer, deve ser duro
Esse abandono ao pobre malfadado!...
E nem sentir no seu lençol impuro
A lagrima a cahir de um rosto amado!...
E sobre elle da noite á monodia
A amante confundir sua agonia!...

LXXV

E quem sabe? nos labios amarellos
Do morto não deslizão-se lembranças?
E o verme nos seus humidos cabellos
Não ri — mortas com elle — as esperanças?

(1) Ugo Foscolo, *Tumulos.*

E ao peito n'essa nevoa do dormir
Póde inteiro calar-se-lhe o sentir?

LXXVI

E quem sabe? é dormir... e tão somente?
— E o somno que as palpebras lhe chumba?
E elle não sente a lagrima demente
Que orvalha de saudade a fria tumba?
E se a alma foge á podridão impura,
Nunca lhe vem gemer na sepultura?

LXXVII

Nunca chora no pó que ella acordara,
Onde ella derramou a luz etherea,
O craneo que incendeu, que afervorara,
Que lavara do lodo na materia,
O corpo que a seu halito tremia
Que a essencia de Deus n'ella bebia?

LXXVIII

Alta noite porem, eu não sonhava....
Achegava-se a luz de uma lanterna,
E candida mulher se debruçava...
E nos labios a voz chorava terna

Em dorida canção, cortada e rouca
Dizia á treva o padecer da louca!

LXXIX

A louca!... ao vel-o ahi enlouquecera
Junto ao amante a misera Consuelo:
Das flores da restinga entretecera
A corôa da fronte no cabello.
Ria, ria porém com dor tamanha...
Como a onda do mar que os pés lhe banha

LXXX

Pôz ao collo o cadaver: repassou-lhe
Por sobre a fronte a mão que estremecia
E nos cançados braços embalou-lhe
A cabeça qu'inda hontem lhe fervia...
E cantava beijando os labios d'elle...
Coitada! adormeceu pensando n'elle!

LXXXI

Por que era morto ahi o libertino
Jonathas — o cantor da vida impura!?...
Não o posso explicar ao peregrino.
Creoi a morte porem caverna escura,

Mais fria que o deserto cemiterio,
Onde o corpo resvala no mysterio.

LXXXII

Sobre o tumulo pois os braços cruzo
E dobro tiritando os meus joelhos!
Não sacudo á mortalha o pó escuro
E nem leio da campa nos espelhos....
Da morte no fatal despenhadeiro
Desfolho apenas uma flor sem cheiro!

CANTO QUARTO

EMILIA

Dead! dead!

.....

OTHELLO.

She turned to folly and she was a whore.
Othello.

FALSTAFF.

'S blood! I am as melancoly as a gib cat or a lugged bear.

PRINCE HENRY.

Or an old lion, or a lover's lute.
First part of Henry IV.
I come no more to make you laugh...

.....
....Those that can pity here
May if they think it well let fall a tear,
The subject will deserve it.

SHAKSPEARE, *King Henry VIII, prol.*

I

Por que és tão bella, ó pallida Consuelo?
Por que és tão bella assim nas noites minhas
E as ondas do teu languido cabello

M'embriagão de perfume e as puras linhas
Das faces, do teu collo voluptuoso
O coração afogão-me de gozo?

II

Forão sonhos, mulher! porem na sombra
Eu te via febril e delirante,
Como dormida dos harens na alfombra
Dos amores do Oriente a bella amante!
E como em sonhos eu senti a vida
Na lousa de minh'alma resurgida!

III

Que amores insensatos! que delirios
Me accenderão as fontes consumidas!
Era no somno o perfumar dos lyrios,
Era o vinho das orgias desabridas,
Era a febre, o tremor, o beijo ardente...

IV

Como nas rochas bate o mar fremente!...
Mulher! e quem te não sonhára um dia
No morbido pallor das faces tuas,
Dos olhos n'esse fogo que inebria

As formas alvas, transparentes, nuas
E esse teu collo em palpitar desfeito,
Os véos macios a tremer do leito?

V

E quem te não sonhou! d'esses perdidos,
Que o genio a suspirar beijou em fogo,
— Poetas que de amor enfebrecidos
Se volvem das paixões no desafogo?
Em cujas noites se perfuma o vento
Das lagrimas do amor no sentimento?

VI

Mulher! e quem és tu? que mão divina
O teu somno quebrou de um céo de amores?
Que fada loura... que suave ondina
Deu-te o olhar de languidos fulgores?
Que flor do mar se abrio morna d'enleio
Para assim te alvejar no terno seio?

VII

Fôra a vida viver em sonho, incerta,
Como embebida a mente das alvuras
No effluvio fresco de magnolia aberta...

Amar-te de joelho as formas puras...
Beijar-te as alvas mãos, o collo bello...
Beijar-te a face, ó pallida Consuelo!...

VIII

Fôra viver, como em um sonho, a vida...
Ao sentir-te a nuez do niveo seio.
Ao apertar-te languida, abatida,
Com esses labios a queimar de enleio!
N'um beijo teu os sonhos esquecer...
Em teus labios inânidos morrer!

IX

E's muito bella, sim! anjo agoureiro
Como estatua de amor ergueu-te um dia!
Talvez sonhou comtigo esse estrangeiro
— O bardo altivo de canção sombria!
E por ti viverei... que me revela
Porvir de gozos tua imagem bella!

X

Vem, rainha da noite! quero amar-te
Com os labios molhados nos licores,
No teu seio de fogo derramar-te

A mystica illusão dos meus amores!
Ah! vem, repousa, embala-te em meus braços...
Quero viver, morrer nos teus abraços!

. . . . . .

XI

Eila dormia : a rosa desmaiada,
Que a noite serenou, nem é tão pura
Nos molles véos da nevoa mergulhada!
Dos sonhos no frescor, na santa alvura
Era mais bella que de luz divina
A pallidez em nuvem peregrina.

XII

E tão pallida e bella! semi- núa,
As palpebras do somno em véo sombrio,
Languida como vagarosa lua,
Quando voga no mar de um céo d'estio...
E o seio palpitante... como a vaga
Que da praia a soidão de noite alaga!

XIII

Do cabello nas ondas a donzella
Inda mais alva a face adormecia ...

— Que fria morbidez nas faces d'ella!
Rosa que as folhas candidas despia
Dos amores do vento nos delirios,
No frio orvalho de prateados lyrios.

XIV

Oh! sonhava talvez! vi-as tremendo,
Qual de collar em seio voluptuoso
Perolas soltas, lagrimas correndo!
E nos seus labios como som mimoso
De arroio d'agua limpida ao bafejo
Os ais tremião ao scismar de um beijo!

XV

Era o vento da noite que passava
Da magnolia a pender no molle seio?
Creatura de amôr que ao somno em meio
Vaporosos suspiros emanava?
Era a lua que inânida gemia
Quando entre nuvens pallidas se erguia?

XVI

Que pensamento ,que desejo incerto
Que saudades e amor a palpitavão?

Flores ou anjos, nuvens do deserto
Entre a nevoa dos sonhos que a roçavão?
Ou da Julietta, pallido, risonho
Por seu bello Romeo ardia em sonho?

XVII

Ella dorme. Silencio! ó noite bella!
Fresco e perfume só derrame o vento
Nos cabellos da languida donzella!
E da noite ao frescor o sangue lento
Corra nas suas azuladas veias
Como a onda no mar sobre as areias!

XVIII

Mas ah! minhas visões! n'um céo escuro,
Nas trevas minha nuvem dissipou-se...
A capella viçosa do futuro
No outomno da desgraça amarellou-se.
Solitario fiquei nos sonhos meus...
Das illusões só resta-me um — adeus!

XIX

Adeus! — é o prantear do marinheiro
A patria que desmaia em mar doirado!

Aos ais do peito gottejar primeiro
Da lagrima nas faces do soldado,
Aos abraços da mãi que geme e chora
E aos gemidos da amante que o demora!

XX

Suspiros de Romeo na despedida
A sua Julietta desmaiada!
Blasphemias do Rei Lear, beijo sem vida
Nos labios de Cordelia inanimada!
É a magoa da dor que affoga, opprime,
E na agonia faz sonhar no crime!

XXI

Sonhar-te, Consuelo, em minha noute,
Em teus prantos, o peito suspiroso...
E sentir que nos seios estalou-te
Essa fibra gentil que accende o gozo,
Que falla aos olhos, no halito suspira,
E nos transes do amor n'um beijo expira...

XXII

Esse raio do Eden, de flor divina
Emanação balsamica e celeste,

Reflexo de uma alampada argentina,
Que esse lodo mortal de luz reveste,
Que em nós vive, em nós ama e sonha e sente
E que chama-se a alma do vivente!

XXIII

Sentir-te no morrer volver sombria,
Tacteando o negro chão, os olhos baços,
Os olhos que a paixão de pranto enchia...
Ver-te depois, convulsa, erguendo os braços,
Anciando no estertor, na praia fria
Arquejar e torcer-te de agonia!

XXIV

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .
. . . . . e par che dorma!

Tasso.

XXV

Nunca a viste na lubrica nueza
A brisa enlouquecendo de belleza,

Solto o cabello, o roseo véo desfeito,
Tremula como do hymeneo no peito
Noiva cheia de amor, de *morbidezza*
Aos longos beijos no convulso leito?

XXVI

Tarde! quem não te amou, minha sultana!?...
Qúem tão arido eivou a mente insana
Em claustro que os alentos assassina?!...
Quem não te amou em nuvem purpurina,
Como ardente de amor a Americana
Que pallida e entre flôres se reclina!?...

XXVII

E sempre virginal e vaporosa
Pensativa de amor, voluptuosa...
Sorrindo ás virações que te bafejão,
Á claridão das nuvens que lampejão,
Á lua, á pomba, á selva suspirosa,
Ás flôres que na morte se entrebeijão!

XXVIII

Que te importa que as raças d'este mundo,
Blasphemando as canções que a Deus erguerão,

Vaguem no tedio, em lodaçal immundo,
Onde as brisas de Deus se corromperão,
Onde o amor crepuscúla moribundo,
E os anjos d'esperança se perderão?

XXIX

Como és fresca no céo, entre fulgores
Na tunica de rosa transparente,
Mystica rosa, abrindo ao sol de amores!..
Que anjo te embala a fronte recendente,
Quando a estrella da noite vem ardente
Doirar o teu palacio de vapores?

XXX

Ai dorme! o sonho na cheirosa vida
Para ti é bromelia humedecida,
Sempre cheia de chuva e de frescores!
Para nós... é a gaivota que esvoaça,
Vagabundo batel que ao longe passa...
Irreflectido beijo entre amargores!

XXXI

Tu és a fada que os verões tempera,
Raio de luz da eterna primavera!

Es o sonho da flor, o amor da brisa,
És o nectar que a taça purpuriza
Do triste sonhador que ainda espera...
E nos vapores do viver desliza!

XXXIII

Acorda-te, ó poeta macilento!
Acorda-te, meu peito, ao sentimento,
Revive as esperanças que nutrias,
Refresca a medo as palpebras sombrias,
Bebe seiba de vida n'esse vento
E dorme como o sol entre harmonias!

XXXIII

Acorda-te, meu peito moribundo,
A's visões juvenis de um outro mundo!
Sonha! mas não blasphemes do destino,
Quando amanhã topar o peregrino
Teu craneo livido, amarello, immundo...
Teu cadaver no lodo resupino.

XXXIV

Se o nada não engole a creatura,
Se inda sente o não *ser* da sepultura,

Se alem arqueja o desespero errante,
Se ha uma eternidade delirante,
E dóe sentir morder na carne impura
O verme da saudade devorante...

XXXV

Tarde! quando eu morrer e desprezado
Ao corvo dêm meu corpo desbotado,
Derrama sobre mim teus mornos éstos!
— Talvez reviva o fogo do passado
Nas fibras rotas, nos infaustos restos
Do cadaver no campo abandonado!

. . . . . .

CANTO QUINTO

I

Era uma tarde, mas a chuva fria
Dos humidos cyprestes gottejava,
Alem no céo escuro o sol morria,
Como rola na terra a rubra lava...
E o vento alem no farfalhar funéreo
Gemia no hervaçal do cemiterio!

II

Era o campo onde brota a herva inculta
Sobre o corpo do ancião e da donzella,
Aonde o verme a forma nivea insulta
E o marmore dos seios amarella...
E aonde ao apagar de uma esperança
Dos amigos enterra-se a lembrança...

III

Era o campo da morte! ahi gemidos
Não busques, solitario, foge ao mundo:
Os miasmas da campa, os ais sentidos
Vai antes suffocar n'um peito immundo!
Filho da dor! para esquecer a vida
Bastão os seios da mulher perdida!

IV

Ninguem que vá chorar... ninguem! A campa
É solitaria e muda. O apodrecido
Se volve no mysterio... Só se estampa
A lua no seu tumulo esquecido!
E nem filhos, nem mãi!... Da dor no cumulo
O homem no lupanar esquece o tumulo!

V

Por entre as sombras uma luz espanca
A treva que no chão o véo repassa,..
Roça nas folhas uma forma branca,..
No sombrio hervaçal um vulto passa,
Como de ave agoureira o longo pio
Escutou-se um gemer no campo frio.

VI

Quem geme!?... errante cão que a lousa escarva
Para cevar em podridão a fome?
Ou sobre a cova se debruça a larva,
A sombra que uma eterna dôr consome?
Era um morto no tumulo acordando...
Ou corvo negro no dormir grasnando?

VII

Era um canto sombrio!... era o coveiro
Que nas urzes, cantando, um fosso abria
E no labio o sarcasmo zombeteiro
Na cantiga fatal estremecia!
Cantava e ria... e contracção nervosa
Agitava-lhe a boca tremulosa.

VIII

Os monotonos sons da cantilena
Corrião doces como essencia pura:
— Era o canto de amor, a voz serena...
Mas ahi, junto ao lar da sepultura,
D'essa bocca nervosa na ironia
D'alma nos seios a canção doia!

IX

E cantava! tambem o marinheiro
Canta e sonha Albion se a vaga uiva,
Se lhe escuma no rosto sobranceiro
E molha em flocos a melena ruiva!
Tambem dos brancos seios que desbotão
Da virgem que morreu violetas brotão!

X

Era moço: mas já envelhecido
No avezado calcar na terra solta
Do cadaver o ventre entumecido,
Sem pela fronte livida e revolta
Sentir a fria mão do passamento
Fria tocar-lhe o rosto macilento!

XI

Era um fosso que abria: eterno leito
A um cadaver de mais. Quando o sentio
Profundo e longo — do caixão estreito
No sudario tomou um corpo frio...
Ia lançal-o... As nuvens se entreabrirão,
Frouxos os raios do luar sorrirão...

XII

Deu no corpo o luar. Era alva imagem
Reflexo branco de mulher divina!
As tranças negras á nocturna aragem
Tremião como um lyrio que se inclina!
Tão bella! parecia adormecida!...
Era o somno... porem não o da vida!

XII

Assim a noiva de Romeo dormira
— A pallida Julietta regelada,
Quando nos labios e na face fria
Elle sonhava os beijos d'alvorada,
Das noites breves o celeste encanto,
O ai da ventura, o amoroso pranto!

XIV

Era tão bella! a pallidez sorria!
E a forma feminil tão alvacenta
No diaphano véo transparecia!
Pendeu o homem da morte macilenta
A cabeça no peito; e em vil desejo
Longo, mui longo profanou-lhe um beijo!

XV

« Tão formosa e morrer! » e murmurando
O coveiro deitou-a na jazida,
Encobrio-a de cal ... e susurrando
Da noite á sombra uma canção descrida,
Erguendo na mão pallida a lanterna
Foi da morte olvidar-se na taverna!

. . . . . .
. . . . . .

XVI

È sombrio, confesso-vos, meu canto...
E obscuro demais, o que é defeito,
Mas é um sonho apenas que reconto,

Que em noite longa me gelou no leito!..
— Sonho de febre, insano pesadelo
Que á fronte me deixou pallido sello!

XVII

Não teve o Dante magoa mais profunda
Quando na sombra ergueu o condemnado (1) ...
De um craneo carcomido a bocca immunda...
E enxugou-a em cabello ensanguentado :
E contou sua livida vingança
Na mansão da eternal desesperança...

XVIII

Nem mais estremeceu quando o passado
Do tumulo na sanie revivia...
Quando o velho rugindo suffocado
De fome e raiva ainda se torcia...
Como quando as crianças se mordião,
E ardentes, moribundas, pão pedião...

XIX

Quando contou as noites regeladas

(1) *Inferno*, canto XXXIII.

E o ar da podridão... e a fome impura
Saciando nas carnes desnervadas
De seus filhos... de sua creatura...
— Como a panthera emmagrecida come
Os filhos mortos p'ra cevar a fome!

XX

Acordei ao tremer de calafrios
Com o peito de magoas transbordando,
Enxuguei com a mão suores frios
Que sentia na face porejando...
E um dia o pesadelo que eu sentira
Mesclou-se aos molles sons de minha lyra.

XXI

Mesclou-se, como ao vinho um dithyrambo,
Ao farfalhar de Pança (1) um velho adagio,
A's alvas flores se mistura o jambo
E um osculo de amor em um naufragio,
— Creio que vou dizer alguma asneira... —
Como o nome de Deus á bebedeira!

(1) Sancho Pança.

XXII

Escrevi o meu sonho. Nas estancias
Ha lagrimas e beijos e ironias,
Como de noite muda nas fragancias
Perde-se um ai de ignotas agonias!
Tudo é assim — no sonho o pesadelo,
Em almas de Madona quanto gelo!

XXIII

E' assim o viver. Por noite bella
Não durmas ao relento na janella,
Contemplando o luar e o mar dormente:
Poderá apanhar-te de repente
Fria constipação, febre amarella,
Ou alguma prosaica dor n'um dente.

XXIV

Vai, co'a mão sobre o peito macilento,
Curvado como um velho peregrino,
Vai, tu soffres, implorar sedento
Um remedio do amor a teu destino!...
Um doutor sanará o teu tormento
Com tres chicaras d'oleo de ricino!

XXV

Eu vi, eu vi um typo de Madona
Que os ares perfumava de belleza...
Que suave mulher!... ah ! não resomna
Uma virgem de Deus com tal pureza!
Era um lago a dormir... na flor sereno,
Porém sua agua azul tinha veneno !

XXVI

E agora — boa noite ! eu me despeço
D'esta vez para sempre do poema :
Como soberbo sou, perdões não peço ;
Mas, como sou chorão, deixai que gema,
Que dê largas a est'alma entumecida
Na dôr de tão solemne despedida !

XXVII

Que prantos ! que suspiros suffocados !
Se eu gostasse dos versos eloquentes,
Como eu descreveria bem rimados
Do meu peito os anhelitos frementes...
Porém nos seios eu suffoco tudo
Por que da magoa o seraphim é mudo.

XXVIII

Silencio, coração que a dor inflamma,
Alem do escarneo, sons! quero o meu leito
Das lagrimas banhar que a dor derrama!
Quero chorar, quero chorar, meu peito!
Dizer adeus ao sonho que eu sentira,
Sem profanar as illusões na lyra!

XXIX

Eu não as profanei! guardo-as sentidas
Nas longas noites do scismar aerêo,
Guardo-as na esperança, nas doridas
Horas que amor perfuma de mysterio!
Sem remorso, nem dor, aos sonhos meus
Eu posso ainda murmurar — adeus!

XXX

Ah! que na lyra se arrebente a corda,
Quando profana mão os sons lhe acorda...
E o pobre sonhador na phantasia
O sonho que ama e beija noite e dia
Não saiba traduzir, quando transborda
Seu peito dos alentos da harmonia!.

XXXI

Que não possa gemer a voz saudosa,
Como o sopro dos ventos avendiços,
Como a noite que exhala-se amorosa,
Como o gemer dos ramos dobradiços,
Para exprimir os pensamentos meus
Nos cantos melancolicos do adeus!

XXXII

Adeus!.. é renunciar n'uma agonia
A esperança que ainda nos palpita,
Sentir que os olhos cegão-se, que esfria
O coração na lagrima maldita,
Que inteirição as mãos e a alma afflicta,
Como Agar no deserto era sombria!

XXXIII

Sentir que tudo em nós se gela e chora,
E o coração de lagrimas se véla
E a natureza além revive agora
E a existencia por viver, mais bella,
Novas delicias, novo amor revela
Do luzente porvir na rôxa aurora!

XXXIV

Sentir que se era poeta... á brisa errante
Bebendo effluvios que ninguem respira,
Presentindo á donzella palpitante
Os enlevos, os ais, e o sonho amante
Que nos beija no berço susurrante
E o perfume que a musica transpira!

XXXV

Adeus! é uma gotta de mysterio
Que Deus nos orvalhou como sereno!
É a dor voluptuosa, o bafo aerêo
Que derrama perfumes e veneno!
É a scisma que rola, que resvala
Que os pensamentos no desejo embala!

XXXVI

Saibo do céo que aviva na lembrança
Que é um filho de Deus o moribundo,
A quem se fana a timida esperança!
Que é dos anjos irmão e que é no fundo
Do oceano do viver que o vagabundo
A perola do amor talvez alcança.

XXXVII

É as crenças sentir uma per uma
Que se adormecem... e o batel da vida
No oceano escuro cobre-se d'escuma
E se afunda no mar... e dolorida
A alma do marinheiro empallecida
No arrebol da morte se perfuma!

XXXVIII

Adeus! tudo que amei! o vento frio
Sobre as ondas revoltas me arrebata,
Além a terra perde-se... o navio
Trilha nos mares sobre um chão de prata!
Adeus! tudo que amei, que me retrata
Inda a saudade ao terno desvario!

XXXIX

Meu céo! minhas montanhas verdejantes!
Setim azul da languida bahia!
Manhãs cheias de brisas susurrantes!
Noites cheias de estrellas e ardentia!
Oh! noites de luar! Oh! melodias
Que nas folhas gemeis, ventos errantes...

XL

Valles cheirosos, onde a infancia minha
Virgem peregrinou entre mil sonhos!
Noites, luas, estrellas da noitinha,
Que os labios entreabristes-me risonhos
E orvalhaveis de morno sentimento
A aberta flor do coração sedento!...

XLI

Silencio que eu amei, que eu procurava
Na varanda romantica e sombria,
Sorvendo dentro em mim o ar que sentia
Na fresca viração que se acordava,
Suspirando a scismar n'essa atonia
Que de amor minhas palpebras banhava!...

XLII

Sobre as columnas o luar batendo
E nas palmeiras humidas tremendo
Filtrava-me socego!... e o molle engano,
Em que se abysma o pensamento insano,
Que empallece da noite os sons bebendo
E harmonias escuta no oceano!...

XLIII

E vós, aguas do mar, que me embalava
Ao som dos remos da gentil falua!
Onde a fronte de escumas se banhava
E, á morta luz da vagabunda lua,
Scismava como a nuvem que fluctua
De escravo á nenia estranha que soava!

XLIV

O' minha terra!... o' tarde recendente,
Que embalsamando vens com teus cabellos
Derramados á luz!... o' sol ardente,
Como os labios do amor!... luares bellos,
Como das flores de laranja o cheiro
Que perfumão da noiva o travesseiro!...

XLV

E adeus, vós que eu amei, que inda sentidas
As illusões me acordão na tristeza,
Que inda choro nas minhas despedidas!...
Bellas dos sonhos!... anjos de belleza!...
Morenas a quem banha a morbideza,
Como as rosas da noiva empallecidas!...

XLVI

Ai! .. todos vos sonhei, candidos seios,
Onde amor pranteára delirante...
Onde gemêra em derretido enleio,
Como em seios de mãi sedento infante...
Aguas mysticas aonde estrellas santas
Deixarão trilhos das argenteas plantas!...

XLVII

Como o triste alcion vaguêa errante
Nas frias primaveras do oceano
E ama as alvas, a noite susurrante,
Tardes, ondas e sol!... e leviano
Na leviana affeição embriaga insano
A existancia nos seios.. o inconstante..:

XLVIII

Eu todos vos amei! cri no mysterio
Que o libertino Don Juan levava
Nas noites profanadas do adulterio,
Quando a alma sedenta evaporava...
E a vida, como um alaúde aerêo,
A todos os alentos entregava!...

XLIX

Terra do amor! ó minha mãi! na vida
Se o fado me levar em magoa lenta ...
Sempre n'esta saudade esmorecida
Que de tristes lembranças se alimenta...
Na morte a minha fronte macilenta
Inda a ti volverei qual flôr á vida...

L

Viverei do que foi — dos sonhos meus ...
Da seiba do passado heide essa flor
Regar das quentes lagrimas do amor:
E quando a luz apague-se nos céos
E o frio coração á dor succumba
Inda murmurarei — *adeus*, da tumba.

FIM

Todo este final é admiravel de
suavidade, de expressão sentida e
natural, de verdade corrente. E'
o que se acha de prosa, na ver-
dade.

INDICE

INTRODUCÇÃ

I. — Advertencia sobre a presente edição..... 3
II. — Juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros..... 5
III. — Noticia sobre o auctor e suas obras..... 29
IV — Notas..... 73

PEÇAS ELEGIACAS

I. — Discursos pronunciados por occasião de dar-se á sepultura, no cemiterio de Pedro II, o estudante M. A. Alvares de Azevedo..... 121
II. — Sessão funebre do Ensaio Philosophico Paulistano, celebrada por occasião da morte do socio benemerito e fundador — o bacharel M. A. Alvares de Azevedo..... 151
III. — Artigos e poesias sobre a morte do poeta Alvares de Azevedo..... 177

IV. — Discurso biographico do bacharel M. A. Alvares de Azevedo, recitado na quarta sessão solemne do Gymnasio Brazileiro 195

POESIAS DIVERSAS

Gloria moribunda 225
No *album* da Exma. Sra D. O..... 245
Pedro Ivo 247
A minha mãi 253
Soneto (Passei hontem a noite junto d'ella) 257
Thereza 259
A meu amigo J. F. Moreira 263
Soneto (Perdôa-me, visão dos meus amores) 267
A minha esteira 269
Se eu morresse amanhã 271
Soneto (O' paginas da vida que eu amava) 275

POEMA DO FRADE

Canto I. 277
— II. 295
— III. 307
— IV. 337
— V 351

FIM DO TOMO PRIMEIRO

PARIS — Typographia GARNIER IRMÃOS. 343.6.1900